

Marta Sofia Ferreira Bizarro

## Relatório de Estágio

# DIFERENÇAS TRADUTIVAS ENTRE O PORTUGUÊS EUROPEU E O PORTUGUÊS DO BRASIL: ALGUMAS OBSERVAÇÕES NUM CONTEXTO ESPECÍFICO DE TRADUÇÃO TÉCNICA

Relatório de Estágio de Mestrado em Tradução: Português e uma língua estrangeira (Inglês), orientado pela Doutora Isabel Pedro dos Santos, apresentado ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# DIFERENÇAS TRADUTIVAS ENTRE O PORTUGUÊS EUROPEU E O PORTUGUÊS DO BRASIL: ALGUMAS OBSERVAÇÕES NUM CONTEXTO ESPECÍFICO DE TRADUÇÃO TÉCNICA

**Ficha Técnica:**

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de estágio</b>
<b>Título</b>	<b>DIFERENÇAS TRADUTIVAS ENTRE O PORTUGUÊS EUROPEU E O PORTUGUÊS DO BRASIL: ALGUMAS OBSERVAÇÕES NUM CONTEXTO ESPECÍFICO DE TRADUÇÃO TÉCNICA</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Marta Sofia Ferreira Bizarro</b>
<b>Orientador/a</b>	<b>Doutora Isabel Pedro dos Santos</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutora Cornelia Plag</b> <b>Vogais:</b> <b>1. Doutora Ana Paula de Oliveira Loureiro</b> <b>2. Doutora Isabel Pedro dos Santos</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>Mestrado em Tradução</b>
<b>Área científica</b>	<b>Tradução</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	<b>Português e uma língua estrangeira (Inglês)</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>25-07-2014</b>
<b>Classificação</b>	<b>18 valores</b>





**ÜP!**

## **AGRADECIMENTOS**

Poucos são os caminhos na vida que percorremos em estradas planas, livres de adversidades ou tropeços. Por isso, agradeço genuinamente a todos os que, de uma forma ou de outra, tornaram este caminho menos moroso de percorrer, ajudando-me a erguer-me sempre que as forças me faltavam. Agradeço, especialmente:

– À minha família, em especial aos meus pais, pelos bons valores, amor e apoio incondicional que sempre me transmitiram, por acreditarem em mim e investirem na minha educação; por serem um exemplo de vida e me terem dado asas para seguir mais alto e sempre em frente; e às minhas avós, pedras basilares da minha educação e crescimento;

– A Deus, por todas as vezes em que só ficou um par de pegadas na areia;

– À Professora Doutora Isabel Pedro dos Santos, por não ter desistido de me orientar e por toda a sua disponibilidade e celeridade, sobretudo na recta final deste trabalho;

– A todos os outros docentes do Mestrado em Tradução, por, com os seus ensinamentos, terem feito com que veja o mundo com novas lentes de tradução, em particular à Professora Doutora Cornelia Plag, pela sua contínua disponibilidade;

– À equipa da Traversões, sobretudo à Dra. Filipa Azevedo por me ter permitido dar os meus primeiros passos no mundo da tradução e à Ana Borges, por ter sido uma excelente colega de trabalho, por me ter acolhido desde o primeiro dia e por me ter dado força no meu percurso como tradutora;

– À Sílvia Mira e ao Vassi Tzalis, a quem ficarei eternamente grata, por me acolherem e serem a minha família desde que deixei Portugal;

– Ao João Loureiro, amigo-irmão de sempre e para sempre, por nunca se esquecer de mim e por ser o meu apoio nos momentos de maior aflição;

– Ao Fabio Franch, pela companhia nas noitadas e fins-de-semana de trabalho;

- Aos meus colegas da equipa portuguesa da Nintendo of Europe, por me terem proporcionado um bom ambiente de trabalho que me permitia chegar a casa e ainda ter forças para trabalhar neste projecto, e em especial ao Rodrigo Dias por toda a boa disposição, conselhos e dicas, bem como pela partilha de ideias e conhecimentos que fizeram de mim uma melhor tradutora;
  
- A todos os meus amigos que, de uma forma ou de outra, mais ou menos frequentemente, foram estando presentes no meu percurso académico e profissional;
  
- E ao Ernesto Gusi, por ter estado horas incontáveis no cantinho do meu ecrã enquanto trabalhava; por toda a força, amor, honestidade e sorrisos; por me fazer ver a vida com outros olhos e saber manter a calma quando eu não a tenho; por ser um exemplo de trabalho árduo e dedicação.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem por objectivo descrever as actividades realizadas e a experiência adquirida no âmbito do estágio curricular efectuado na empresa Traversões – Serviços Linguísticos, Lda., bem como discutir as temáticas abordadas durante esse período de um ponto de vista teórico-prático.

Este Relatório enquadra-se no grande domínio dos Estudos de Tradução, com enfoque no pensamento funcionalista e na Tradução Científica e Técnica, particularmente no contexto da tradução de manuais de utilizador. Para tal, é feita uma breve abordagem a estes conceitos, procurando estabelecer a base para uma reflexão crítica da tradução de um manual de utilizador por mim realizada no âmbito do estágio.

A tradução do referido manual, tendo sido efectuada para Português Europeu com base numa tradução semelhante para Português do Brasil, permitiu-me sistematizar algumas diferenças e semelhanças entre estas duas variantes. Neste trabalho, ao mesmo tempo que avalio e reflecto sobre as minhas capacidades de tradução, descrevo as maiores dificuldades encontradas, sobretudo as que decorrem do facto de ter uma outra variante da Língua Portuguesa como base para a minha tradução.

Este trabalho procura ainda contribuir para a pesquisa no domínio das diferenças e semelhanças entre o Português Europeu e o Português do Brasil em contexto de tradução de documentos técnicos.

## **ABSTRACT**

This paper aims fundamentally to describe the work carried out and the experience acquired during my curricular internship as a translator, hosted by the translation company Traversões – Serviços Linguísticos, Lda. It also aims to discuss, from both a theoretical and a practical point of view, the subjects addressed during my time there.

The general framework of this Report is the domain of Translation Studies, focusing on the Functionalist approach of translation and on Scientific and Technical Translation, and particularly on the translation of User's Manuals. For that purpose, an approach to these concepts is presented, seeking to provide the basis for a critical analysis of the translation of a User's Manual that I performed within the scope of the internship.

The User's Manual was translated from English into European Portuguese, with the support of a similar translation into Brazilian Portuguese. This has allowed me to gather and systematise some of the differences between these two variants of Portuguese. In this paper, I assess and reflect on my translation skills while describing the most important obstacles that had to be tackled during my translation process, in particular those which arose from the fact that I was using a different Portuguese variant as a support for my translation work.

Finally, this paper also aims to contribute to the research on the subject of the similarities and differences between European and Brazilian Portuguese in the context of the translation of technical documents.



# Índice

---

**AGRADECIMENTOS**

**RESUMO**

**ABSTRACT**

**Introdução ..... 1**

## **1ª PARTE – O ESTÁGIO CURRICULAR**

**1. A Escolha do Estágio Curricular ..... 4**

**2. A Entidade de Acolhimento:..... 7**

**Traversões – Serviços Linguísticos, LDA..... 7**

2.1. Contextualização Histórica..... 7

2.2 A estrutura da empresa ..... 8

**3. O Estágio Curricular ..... 14**

3.1. Descrição geral ..... 14

3.2. Actividades Realizadas..... 16

**4. Resumo das Actividades de Tradução ..... 20**

**5. Amostras do Trabalho Realizado..... 23**

**6. Balanço e Conclusões sobre o Estágio ..... 30**

## **2ª PARTE – REFLEXÃO SOBRE A TRADUÇÃO DE UM MANUAL DE UTILIZADOR**

**7. Breve Enquadramento Teórico – A Teoria Funcionalista..... 33**

7.1. Katharina Reiss e Hans J. Vermeer ..... 33

7.2. Christiane Nord e o seu modelo de análise textual..... 38

*Sender* (emissor)..... 44

<i>Recipient</i> (receptor) .....	44
<i>Place of communication</i> (local).....	44
<i>Time of communication</i> (data) .....	45
<i>Medium/Channel</i> (canal) .....	45
<i>Motive for communication</i> (motivo).....	46
<i>Sender's intention</i> (intenção).....	46
<i>Text function</i> (função).....	46
<i>Subject matter</i> (tema).....	47
<i>Content</i> (assunto).....	47
<i>Presuppositions</i> (pressuposições – o dito e o não dito).....	47
<i>Text composition</i> (sequência dos conteúdos concretos) .....	48
<i>Non-verbal elements</i> (elementos não-verbais) .....	48
<i>Lexic</i> (léxico).....	48
<i>Sentence structure</i> (sintaxe).....	49
<i>Suprasegmental features</i> (características suprasegmentais).....	49
<b>8. Tradução Técnica .....</b>	<b>51</b>
<b>9. Identificação e Caracterização da Tarefa de Tradução.....</b>	<b>62</b>
9.1. Situações Comunicativas .....	62
9.2. Considerações sobre o TP e o Tipo de Texto em Análise .....	65
<b>10. Variantes da Língua Portuguesa e Dificuldades de Tradução .....</b>	<b>72</b>
Comentário e Reflexão sobre Alguns Aspectos da Tradução Efectuada .....	72
<b>Conclusão .....</b>	<b>92</b>
<b>Fontes Consultadas.....</b>	<b>95</b>

# Introdução

---

O presente trabalho tem por objectivo constituir-se como Relatório Final de Estágio decorrente do estágio curricular realizado na empresa Traversões – Serviços Linguísticos, Lda., no âmbito do Mestrado em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Após a aquisição de imprescindíveis bases teóricas nos seminários do primeiro ano do referido mestrado, o desejo de colocar em prática, num ambiente de tradução real, os conhecimentos adquiridos levou-me a optar pela realização de um estágio curricular, do qual resulta agora o presente trabalho.

Durante o estágio, pude tomar contacto com vários textos de diferentes áreas científicas, sempre no domínio da tradução técnica. Trabalhei em vários projectos, até que me foi atribuído um projecto de maior volume: a tradução de um manual de utilizador de um sistema de cirurgia oftalmológica a laser.

Este Relatório tem, assim, como principal propósito a análise e crítica da tradução do referido manual de utilizador, não sem antes definir as bases teóricas que fundamentam a minha reflexão. Ao ser-me proposto esse projecto de tradução, foi-me facultada uma tradução de um manual de utilizador muito semelhante para Português do Brasil, com o intuito de servir de apoio ao meu trabalho. Na altura, pensando que poderia utilizar este projecto como matéria a ser aprofundada no Relatório de Estágio que teria de produzir, pareceu-me interessante ir registando alguns aspectos em que essa variante do Português diferia da variante por mim utilizada ao longo da tradução – o Português Europeu – pelo que, depois de sistematizar algumas diferenças e semelhanças mais notórias que encontrei, as utilizei como base para a minha reflexão e crítica.

Assim, o presente trabalho está dividido em duas partes principais, cada uma delas apresentando e discutindo diferentes tópicos que se interligam e articulam.

Na primeira parte, faço uma descrição detalhada do estágio, da entidade de acolhimento e do trabalho por mim realizado no período em que estive ao serviço da Traversões – Serviços Linguísticos, Lda., apresentando, inclusivamente, amostras dos diferentes tipos de projectos em que trabalhei.

A segunda parte deste Relatório começa por estabelecer as bases teóricas necessárias para uma análise fundamentada da minha tradução. Descrevo a teoria funcionalista da tradução e o modelo de Christiane Nord, no qual me apoiei para efectuar a minha reflexão crítica. Apresento ainda algumas considerações sobre a tradução científica e técnica, o que

me pareceu relevante dada a natureza técnica, não só do texto em questão, mas também do estágio por mim efectuado.

Finalmente, procedo à análise e crítica da tradução do já referido manual de utilizador. Começo pela identificação e caracterização da tarefa de tradução, bem como das situações comunicativas de partida e de chegada, tecendo depois algumas considerações sobre as especificidades do tipo de texto em análise. Prossigo, então, com uma análise de algumas questões práticas do processo de tradução com base nas diferenças e semelhanças que encontrei entre as duas variantes do Português e nas dificuldades que tive ao traduzir. Esta análise permitiu-me reflectir sobre a minha tradução por comparação à tradução que me era apresentada como apoio e à posterior revisão efectuada pela revisora da empresa.

Segue-se uma conclusão, em que apresento as minhas considerações finais relativamente ao que exponho neste Relatório, nomeadamente, tentando apurar as vantagens e as desvantagens da metodologia de trabalho aplicada no projecto de tradução em discussão e referindo o que me pareceu poder identificar como tendências tradutivas diferentes das duas variantes do Português em causa. Aponto ainda algumas questões levantadas pela presente discussão que não puderam, pelos limites da extensão de um trabalho desta natureza, ser aprofundadas, e concluo sobre o resultado positivo da reflexão sobre o meu próprio trabalho de tradução.

**1ª PARTE**  
**O ESTÁGIO CURRICULAR**

# 1. A Escolha do Estágio Curricular

---

Desde o início do meu segundo ciclo de estudos, sempre considerei que um estágio curricular seria a escolha natural para completar a minha formação no Mestrado em Tradução. Quando me matriculei no Mestrado, foi precisamente o facto de saber já à partida que teria a oportunidade de fazer um estágio e a consequente possibilidade de ter um primeiro contacto formativo com o mundo do trabalho que me fez optar, sem qualquer dúvida ou receio, por este segundo ciclo de estudos, de entre outros que poderia considerar.

Passo agora a enumerar as razões que me levaram a enveredar por este caminho. Nos três anos de licenciatura, tive muito tempo e várias oportunidades para ir aperfeiçoando a minha capacidade de investigação, por entre inúmeros trabalhos académicos que realizei. Assim sendo, e visto que era obrigatório escrever um trabalho para finalizar o segundo ciclo de estudos, preferi que esse trabalho acontecesse no decurso de uma nova experiência, depois de enfrentados novos desafios e abertas algumas portas.

Ter a possibilidade de realizar algum trabalho mais prático no âmbito da tradução era, também, muito importante para mim. O curso não foi demasiadamente teórico, dando aos alunos a possibilidade de traduzir textos de natureza muito variada e de reflectir fundamentadamente sobre esse processo – aliás, foi esse um dos aspectos que muito me agradou nos dois anos do mestrado –, mas o trabalho em situação empresarial, com cumprimento de prazos e toda uma envolvimento pragmática, é, sem dúvida, muito diferente do trabalho em ambiente académico, que, por naturais contingências, não pode reproduzir as condições do mundo de trabalho. Uma das expectativas que tinha em relação à integração no mercado de trabalho nesta área tinha-me sido transmitida durante os seminários e veio a confirmar-se durante o estágio: a tradução de um texto é muito mais do que a mera passagem de palavras e do seu sentido de uma língua para outra; há nesse processo complexo uma sequência de passos e tarefas que têm de ser seguidos e que influenciam fortemente a maneira como teremos de fazer a nossa tradução. Nas aulas, apesar de este “protocolo” ser abordado e até sucintamente explicado, os alunos acabam por não ter contacto directo com ele.

Pretendia ainda pôr em prática, de uma maneira mais realista, os conhecimentos que adquiri nas aulas, sob orientação. Penso que, nas várias áreas da vida, as novas experiências se tornam mais fáceis sempre que haja uma fase de transição. Para mim, o estágio curricular representava essa ponte entre o mundo académico (em que temos alguém que nos ajuda a orientar o trabalho e a corrigir erros) e o mundo laboral (em que erramos por nossa própria

conta e risco). Assim, eu teria a oportunidade de começar a trabalhar – que é o objectivo maioritário desta minha formação – passando primeiro por uma fase experimental em que seriam permitidas algumas falhas da minha parte e haveria espaço para corrigi-las e aprender com elas. Pareceu-me que a minha formação ficaria, desse modo, mais completa. E isso verificou-se, de facto, pelo que devo agradecer à Traversões – Serviços Linguísticos, Lda., a entidade que me acolheu no estágio, por toda a disponibilidade com que me ajudou a complementar a minha formação – a qual, ainda assim, sinto longe de estar terminada.

O estágio trar-me-ia ainda a possibilidade de enriquecer o meu *Curriculum Vitae* com alguma experiência, um aspecto que, actualmente, se revela de grande importância. Estagiar numa empresa bem conceituada que nos permita o contacto com o mercado da Tradução é uma mais-valia e, para mim, poderia funcionar como um início da minha carreira de tradução. A verdade é que o facto de ter este estágio no *Curriculum Vitae* acabou por já me ser favorável na candidatura a algumas propostas de trabalho: a expectativa de que este estágio servisse como rampa de lançamento para o mercado de trabalho acabou efectivamente por se cumprir. Adquiri contactos e isso permitiu-me começar a movimentar-me, com pequenos passos, no mundo da Tradução, algo a que nem todos os tradutores principiantes e inexperientes como eu têm acesso.

Este estágio permitiu-me entrar em contacto com o meio da Tradução “puro e duro”, perceber como ele funciona e conhecer aspectos desse mundo que nunca sequer me ocorreria que existissem. Além do contacto com os mais variados tipos de texto, ainda que maioritariamente de carácter técnico, o estágio curricular permitiu-me conhecer outras fases do processo de tradução a que, de outro modo, não teria tido acesso. Tive oportunidade de ver e absorver aspectos como a organização e distribuição do trabalho, o contacto directo com clientes, a discussão e esclarecimento de dúvidas ou de termos novos e desconhecidos com o cliente ou entre tradutoras, o contacto com ferramentas para lidar com pedidos de clientes ou resolver problemas, a resolução desses mesmos problemas e o processo de revisão.

Por todas estas razões, das opções que me eram oferecidas para dar seguimento ao primeiro ano do Mestrado em Tradução, o estágio curricular foi, para mim, a escolha inevitável, para a qual tentei começar a preparar-me no início do segundo semestre do primeiro ano.

No seguimento de uma conferência de apresentação do trabalho de tradução na Comissão Europeia pelo Dr. Hilário Fontes, tradutor dessa instituição, que teve lugar na Faculdade de Letras no âmbito do Mestrado em Tradução, pensei em candidatar-me a um estágio naquela Comissão. Discuti a questão com algumas professoras, que me disseram que

seria possível coordenar este tipo de estágio com a escrita do Relatório final. No entanto, acabei por ter de rejeitar essa opção por ser demasiado dispendiosa e complicada e apercebi-me de que seria mais sensato confinar-me a limites nacionais. Como pretendia aproveitar esta oportunidade para alargar horizontes, ponderei ir estagiar para Lisboa, visto que me era possível conjugar um horário de trabalho parcial com as aulas do Mestrado. Uma nova cidade onde a área da Tradução oferece mais possibilidades de trabalho, podendo, conseqüentemente, ser fonte de mais oportunidades e escolhas, parecia-me uma boa opção. Por isso, em Abril de 2011, comecei a reunir contactos de empresas que via como potenciais entidades acolhedoras. Planeava pedir novamente a experiente opinião de professores quando, no início de Maio, fui informada de que havia uma empresa de Coimbra que pretendia abrir um lugar para uma estagiária. A oportunidade de estagiar numa das (poucas e bem conceituadas) empresas de tradução em Coimbra, aliada ao facto de um estágio nesta cidade ser menos dispendioso para mim, fez com que não pensasse duas vezes. Entrei em contacto com a Dra. Filipa Azevedo, uma das sócias-gerentes da empresa Traversões – Serviços Linguísticos, Lda., e inscrevi-me junto do Gabinete de Estágios da FLUC para dar início ao processo conducente ao estágio.

Depois de enviado o meu CV e de se trocarem algumas mensagens de *e-mail*, marcámos uma reunião na empresa para o final de Junho com o propósito de ultimar alguns detalhes relativos ao estágio: a data de início, as tarefas a serem por mim desempenhadas e o horário de trabalho. Optei por concentrar o meu trabalho na empresa nos três primeiros dias da semana, o que tornaria mais fácil conciliá-lo com as aulas do terceiro semestre do Mestrado.

Mesmo antes de iniciar o estágio, deparei-me com o facto de não dispor do *software* de tradução necessário para poder trabalhar na empresa sem problemas, visto que, como regra, iria utilizar o meu próprio computador e deveria, para isso, ter nele o *software* de trabalho adequado. Acabei por ter de despendir algum dinheiro na compra do SDL Trados Studio 2011, investimento que acabou por compensar, já que desenvolvi muito a minha capacidade de utilização dessa ferramenta de trabalho, hoje em dia indispensável para um tradutor. A possibilidade de entrar em contacto e de aprender a trabalhar mais a fundo com o *software* de apoio a tradutores, de um modo prático e com textos reais, tinha sido mais um dos motivos que me levava a escolher o lado prático a que um estágio curricular nos dá acesso.

Discutidos todos estes pormenores, visto que em Setembro eu não estaria em Portugal, acordámos que começaria a estagiar no início de Outubro.



## 2. A Entidade de Acolhimento: Traversões – Serviços Linguísticos, LDA.

---

### 2.1. Contextualização Histórica

---

A Traversões – Serviços Linguísticos, Lda. nasceu do desejo de duas alunas do antigo Curso de Especialização em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra de dar continuidade ao curso e de ingressar profissionalmente no mundo da tradução. A Dra. Alexandra Antunes e a Dra. Filipa Azevedo, até hoje as sócias-gerentes da empresa, fundaram a Traversões em Junho de 1998. No início, a sede da empresa acabou por funcionar em casa da Dra. Filipa, visto que as duas sócias iam apenas executando pequenos trabalhos em nome da empresa, a par com as suas profissões de *freelancers* nos meios da tradução e da interpretação. O volume de trabalho começou por ser pequeno e os clientes eram atraídos para a empresa numa base de conhecimentos no meio de amigos.

Aos poucos, o volume de trabalho foi aumentando e acabou por permitir que houvesse uma mudança de instalações para um escritório independente das suas casas. A empresa foi crescendo e o trabalho continuou a aumentar, embora fosse ainda possível às sócias-gerentes irem mantendo, cada uma, as suas actividades como *freelancers*.

O grande *boom* aconteceu apenas em 2004, quando as duas proprietárias da Traversões, apesar da dimensão da empresa, entraram para o quadro de tradutores da Comissão Europeia: a cada dia, o número de documentos novos para traduzir que lhes era atribuído por esta instituição aumentava, até que se viram na necessidade de mudar para um espaço de trabalho maior e de contratar uma terceira pessoa. É nesse ano que a Dra. Ana Borges se junta à empresa que, desde então, não tem parado de crescer e tem vindo a adquirir mais clientes com projectos grandes e de longa duração.

A Traversões tem sede num escritório perto da baixa de Coimbra (Rua do Brasil), sendo aí que se realizam todas as actividades relacionadas com a gestão da empresa. É também nesse espaço que é executada grande parte dos trabalhos de tradução que se efectuam a nível interno, isto é, não atribuídos a *freelancers* que colaborem com a empresa.

Uma vez que, actualmente, uma das sócias-gerentes não reside em Coimbra, foi necessário encontrar um meio de comunicação diária funcional, sendo, por isso, a internet uma ferramenta essencial ao bom funcionamento da empresa.

A Traversões é um bom exemplo de sucesso no mercado da Tradução, com um percurso que, embora algo sinuoso – como, regra geral, pode acontecer com empresas que se iniciem no mundo dos negócios –, foi sempre muito caracterizado pela persistência, trabalho árduo e também um pouco de sorte.

## 2.2 A estrutura da empresa

---

Como já mencionado, a empresa tem uma sede em Coimbra onde, por norma, se efectua todo o trabalho administrativo (que inclui as actividades de contabilidade, a gestão de projectos e a organização e distribuição de trabalho), mas conta também com uma pequena delegação em Lisboa, mais ligada ao ramo da interpretação. A Dra. Filipa Azevedo e a Dra. Ana Borges trabalham em Coimbra e a Dra. Alexandra Antunes trabalha a partir de Lisboa, estando as três sempre em contacto através do *Skype*. Lisboa acaba por ser um outro pólo importante da empresa, embora, como referido, o seja maioritariamente ao nível da actividade interpretativa (não fosse Lisboa uma cidade com um mercado de trabalho notoriamente mais rico e desenvolvido nesta área, comparativamente com Coimbra): a Dra. Alexandra Antunes é quem acaba por realizar grande parte dos trabalhos de Interpretação da empresa, visto que ela própria trabalha como profissional independente nessa área; a Dra. Filipa Azevedo, no entanto, colabora por vezes também nesses trabalhos.

A Dra. Filipa Azevedo cumpre o papel de “revisora geral” – chamemos-lhe assim – da empresa: antes de serem enviadas ao cliente, a grande maioria das traduções efectuadas para Português são alvo da sua revisão e formatação finais, de modo a que possa verificar e homogeneizar a qualidade da tradução ao nível da linguagem e da terminologia utilizadas. Há apenas um cliente regular com um projecto de tradução de Alemão para Português específico e continuado que está unicamente a cargo da Dra. Ana Borges, sendo esta que efectua sempre a revisão desse projecto. Quanto às traduções para a língua inglesa, todas elas são revistas pela Dra. Alexandra Antunes, que, sendo bilingue, tem mais facilidade e experiência no trabalho com esta direcionalidade.

No que toca à revisão, tive oportunidade de verificar que o *feedback* dos clientes tem também um papel muito importante, sobretudo no caso de clientes regulares que enviam vários projectos dentro da mesma área, normalmente no domínio da tradução especializada. A correcção de algum vocabulário ou de pequenos aspectos técnicos que se repitam de uns documentos para os outros é muito importante para referência futura, para que, num próximo

trabalho, possa poupar-se tempo tanto ao tradutor como ao cliente, que depois terá menos a corrigir no documento final.

Passo a dar um exemplo concreto deste aspecto e da sua importância: um dos grandes clientes da Traversões é uma empresa de produtos oftalmológicos que envia à Traversões, entre outros trabalhos, manuais de instruções de equipamento oftalmológico; esta empresa dispõe de revisores especializados na área, os quais, depois de receberem o texto traduzido, têm a função de o rever e corrigir. Após a correcção, o texto é enviado novamente à Traversões com algumas observações que permitem à revisora da empresa evitar certos erros ou dúvidas numa próxima tradução. Muitas vezes, estas correcções podem estar meramente relacionadas com as preferências do cliente: por exemplo, há clientes que preferem que a palavra *patient* seja traduzida por “doente” e outros que preferem que a sua tradução seja “paciente”; ou clientes que preferem a ortografia “écran” em vez de “ecrã”; noutras ocasiões, podem prender-se com questões de carácter mais técnico que, regra geral, envolvem alterações a nível lexical.

Neste aspecto, o novo Acordo Ortográfico, por exemplo, vem dificultar um pouco mais o trabalho do tradutor com as palavras em que é aceitável uma grafia dupla. Para resolver este problema, a Comissão Europeia, outro cliente assíduo da Traversões, como já referido, enviou uma lista de palavras com a ortografia preferida para cada palavra de grafia dupla.

Por tudo isto, uma boa comunicação entre a empresa e o cliente é sempre fundamental porque permite, nomeadamente, ter traduções de acordo com as preferências do cliente, reduzir o trabalho final de revisão por parte do cliente (nos casos em que este faz revisão da tradução que lhe é enviada) e facilitar o trabalho aos tradutores e à revisora da empresa.

A boa comunicação também facilita o funcionamento da empresa, sendo o *Skype* um instrumento fundamental para estas tradutoras, pois permite-lhes, apesar da distância física, ir trocando impressões sobre novos trabalhos, orçamentos ou opiniões de clientes e fazer revisões mútuas de trabalhos ou resolver em conjunto problemas de tradução que possam surgir. Exceptuando a função mais marcada de revisora da Dra. Filipa Azevedo, é notória uma sobreposição de funções: a gestão de projectos, elaboração de orçamentos, atendimento de clientes, envio ou confirmação de trabalhos acabam por ser efectuadas pelas três, mas sobretudo pela Dra. Filipa Azevedo e a Dra. Ana Borges. O funcionamento da empresa também assenta muito nessa rotatividade e na capacidade das tradutoras de gerirem diferentes aspectos do processo de tradução.

Durante o estágio pude observar que a boa organização, o trabalho em equipa e esta capacidade de ser “multifunções” são factores indiscutivelmente necessários para o sucesso desta empresa. O estágio permitiu-me aprender a trabalhar em equipa e a desempenhar funções de grande importância no mercado de trabalho da tradução, para as quais só um ingresso no mundo do trabalho poderia preparar-me. O Mestrado em Tradução, por enquanto, ainda não oferece formação específica que permita preparar os alunos para saberem fazer orçamentos, cativar clientes ou lidar com questões inerentes à gestão de projectos. Num dos debates do primeiro Conselho Nacional de Tradução, no dia 25 de Maio de 2012, na FLUC, um tradutor experiente afirmava, muito sabiamente, que “a formação é um acto contínuo e temos de conseguir abarcar vários domínios” e que um tradutor *freelancer* deve ser, além de tradutor, um empresário: deve saber ser o seu próprio relações-públicas e contabilista, ao mesmo tempo que faz a gestão de memórias de tradução e terminologia e organiza o seu próprio trabalho, tarefas para as quais o ensino universitário parece não estar ainda vocacionado. O Mestrado em Tradução na FLUC ensina-nos já a efectuar a gestão de memórias e a organização de trabalho. No entanto, o estágio revelou-se muito útil para que eu pudesse aprender os outros aspectos e perceber como são realmente essenciais para um tradutor no actual mundo de trabalho.

No que toca à gestão de trabalho e organização na Traversões, entre tantas propostas, nem sempre as três tradutoras da empresa conseguem trabalhar em todos os projectos, pelo que contam já com uma vasta carteira de tradutores *freelance*. Quando determinado trabalho não pode ser efectuado internamente, por ser demasiado longo, ter um prazo demasiado curto ou uma combinação linguística incompatível com as combinações das tradutoras internas, é encaminhado para colaboradores subcontratados da empresa. Estes colaboradores são já mais de 40 e o número de propostas continua a crescer: chegam regularmente ao correio electrónico da Traversões mensagens com CV de tradutores a dar conta da sua disponibilidade e interesse em trabalhar com a empresa. No entanto, as sócias-gerentes, não deixando de lado a possibilidade de colaborar com novos tradutores, depositam sempre os trabalhos em mãos que saibam serem de confiança.

A Traversões é membro da Associação Portuguesa de Empresas de Tradução (APET) e as suas sócias-gerentes procuram sempre assegurar a qualidade dos serviços de tradução. Para tal, procuraram implementar um Sistema de Gestão de Qualidade, em conformidade com a norma EN 15038, a norma europeia que estabelece e define as várias fases por que um serviço de tradução de qualidade deve passar, bem como os requisitos que os prestadores de

serviços de tradução devem cumprir para que o seu trabalho seja considerado um trabalho de qualidade.

A Traversões efectua serviços de tradução sobretudo na área da tradução especializada, com várias combinações linguísticas, principalmente: Alemão-Português, Português-Alemão, Francês-Português, Português-Francês, Espanhol-Português, Português-Espanhol, Inglês-Português, Português-Inglês e Russo-Português. As combinações linguísticas que, durante o meu período de estágio, representavam a maioria do volume de trabalho eram Inglês-Português, Português-Inglês e Alemão-Português.

Estes serviços são realizados para os mais variados clientes, havendo, no entanto, como já referido, alguns que contam com a Traversões como prestador de serviços de tradução habitual. Os trabalhos efectuados situam-se maioritariamente no âmbito da tradução especializada, destacando-se, aquando do meu estágio, textos das áreas da Medicina e equipamentos médicos, Economia, Direito, Finanças e ainda no domínio da rotulagem.

A Traversões colabora com outras empresas e organismos de vários tipos: organizações internacionais (nomeadamente instituições europeias), associações nacionais e empresas nacionais (tais como escritórios de advogados) e multinacionais (empresas da área da Medicina, sobretudo, mas também estabelecimentos comerciais e empresas europeias de tradução). No período em que estagiei na Traversões, aqueles representavam os mais importantes clientes que, com maior regularidade, enviavam à Traversões um volume de trabalho considerável. Muito frequentes foram também os contactos por parte de clientes particulares que pretendiam trabalhos pontuais e se dirigiam à empresa pedindo a tradução, maioritariamente de Português para Inglês, de documentos oficiais: registos criminais, certidões e diplomas.

Durante o estágio, traduzi um número considerável de certidões e registos criminais, o que me permitiu ter contacto com mais um aspecto prático do campo da tradução: as traduções “com certificação”. Sabia já que, em Portugal, a figura do tradutor ajuramentado, muito comum noutros países, não existe. Assim, aprendi que é possível fazer algo semelhante ou que, pelo menos, se considera ter a mesma validade: apresentar a tradução a um notário para que este possa reconhecer a tradução como “oficial” e, mediante o pagamento de 25€ por página, obter uma certificação<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Muitas vezes, pelo *feedback* que fui observando, esta certificação acabava por nem ser necessária ou válida em traduções para Inglês, já que, naturalmente, o notário a emitia em Português, algo com uma utilidade nula noutros países. É também de referir o facto de, apesar de os notários não serem especialistas em tradução nem terem formação na área, poderem considerar válida uma tradução, muitas vezes sem sequer olharem para ela.

No entanto, a Traversões encontrou uma solução que parecia resolver estes casos: passar uma declaração, em Inglês, com o carimbo da empresa, a afirmar que a tradução estava feita de forma precisa e sem erros. Esse documento, não sendo “oficial”, acabou, em alguns casos, por se revelar mais útil do que a própria declaração do notário.

Muitos dos clientes que se dirigiam à Traversões para a tradução deste tipo de documentos faziam-no por terem tido boas referências por parte de pessoas a quem a empresa havia já prestado os seus serviços de forma satisfatória. A promoção da actividade da empresa assenta na divulgação individual por parte de clientes satisfeitos, que se tem revelado bastante profícua para a aquisição de novos clientes. Contudo, para este efeito, a empresa conta também com uma página *web* ([www.traversoes.com](http://www.traversoes.com)) e com um anúncio no sítio das Páginas Amarelas na Internet, que, além dos contactos da empresa, divulgam a sua actividade, a sua missão e os princípios por que se rege.

Sob o lema “Palavras que fazem sentido”, pode ler-se no sítio *web* da Traversões que “assegurar uma comunicação eficaz é a nossa prioridade”. A página *web* da empresa anuncia uma variedade de serviços além dos serviços de tradução e de interpretação: aulas de línguas, apoio linguístico e organização de congressos. No entanto, estas três actividades não têm sido muito exploradas pela empresa ultimamente, acabando os serviços de tradução e interpretação por serem os mais importantes e os que providenciam a subsistência da empresa.

No sector da interpretação, os serviços são maioritariamente prestados no ramo da interpretação de conferência, nos pares de línguas Inglês-Português, Português-Inglês, Francês-Português e Português-Francês e são quase exclusivamente assegurados pelas duas sócias-gerentes. A Traversões, sendo uma empresa pequena, apenas se dedica aos serviços de interpretação, contando com uma outra empresa para providenciar o aluguer e montagem de equipamento de interpretação, caso tal seja solicitado pelo cliente.

Com um ambiente de trabalho acolhedor e confortável, a Traversões tem, em suma, todas as condições que devem exigir-se de uma empresa, tendo-me proporcionado um período de estágio que se revelou bastante útil: trouxe comigo alguns conhecimentos relativamente ao funcionamento do mercado da tradução, desenvolvi as minhas capacidades de tradução, adquiri novos conhecimentos práticos de vários aspectos do processo de tradução (nomeadamente em termos de gestão de projectos, *CAT tools* – ferramentas de tradução assistida por computador – e outros *softwares* imprescindíveis para um tradutor), estabeleci novos contactos que se revelaram úteis para a minha carreira profissional e, sobretudo, evolui a nível profissional e pessoal (desenvolvi, principalmente, capacidades de interacção humana e de trabalho em equipa). Estou grata também pelo bom ambiente de trabalho,

profissionalismo e disponibilidade que sempre existiram ao longo do estágio, permitindo que houvesse esse crescimento da minha parte.

Passarei agora a uma descrição mais detalhada do estágio em si e do trabalho por mim desenvolvido.

## 3. O Estágio Curricular

---

### 3.1. Descrição geral

---

O estágio curricular que efectuei na Traversões – Serviços Linguísticos, Lda. teve início no dia 6 de Outubro de 2011 e terminou a 1 de Fevereiro de 2012. Trabalhei entre 20 e 24 horas semanais, dependendo da semana e da necessidade de uma ajuda adicional no trabalho da empresa: regra geral, o horário era das 9h às 18h às segundas e terças-feiras, podendo às quartas ser das 9h às 13h ou das 9h às 18h. Este horário sofreu, no entanto, algumas alterações pontuais, consoante as minhas necessidades e as necessidades da empresa.

Aprendi, nos quatro meses em que estagiei na Traversões, a lidar com vários aspectos do mundo de trabalho da tradução, como tenho vindo já a descrever. Além de tudo isso, aprendi a utilizar com eficiência vários instrumentos de trabalho úteis a todos os tradutores, alguns dos quais já conhecia e outros com os quais o estágio me permitiu entrar em contacto. Para efectuar os trabalhos que me couberam, utilizei, maioritariamente, o meu próprio computador portátil, usufruindo, por vezes do computador da empresa, quando era necessário trabalhar com *software* de que eu não dispunha. Tive de comprar a minha primeira licença do programa SDL Trados Studio, o que me permitiu explorar e pôr em prática os conhecimentos que havia já adquirido na disciplina de Informática Aplicada e Terminologia, no ano anterior. Como pude comprar apenas a mais recente versão deste programa informático – SDL Trados Studio 2011 – e há ainda muitos clientes que pedem que os trabalhos sejam efectuados em Trados 2007 (em grande parte devido ao facto de as antigas memórias de tradução não serem compatíveis com a nova versão do programa a não ser que passem por um processo de conversão algo moroso), os trabalhos eram-me por vezes atribuídos com base nesse critério. Houve, no entanto, ocasiões em que tive de trabalhar com a versão mais antiga do programa, pelo que utilizei os computadores da empresa e pude assim explorar e aprender sobre funcionalidades desta versão, que é bastante diferente da mais recente.

Trabalhei sobretudo com esta *CAT tool*, mas utilizei também outros instrumentos de trabalho. A internet revelou-se, obviamente, indispensável: dicionários e fóruns de tradução *online*, bem como as páginas *web* dos clientes ou páginas *web* relacionadas com os temas das traduções tornaram-se alvo da minha visita frequente no mundo cibernético. Não dispensei, claro, em algumas situações, os dicionários em papel de que a empresa dispõe, que se revelaram, a espaços, preciosos instrumentos de trabalho e de resolução de problemas. Não



podemos, obviamente, esquecer-nos das origens e se, por um lado, um tradutor, hoje em dia, tem a vida facilitada e as suas pesquisas podem ser muito reduzidas a nível de tempo, por outro, há ainda algumas coisas que os dicionários impressos podem ajudar a resolver com exactidão.

Trabalhei ainda, naturalmente, com memórias de tradução e desenvolvi as minhas capacidades de gestão desta ferramenta de trabalho, a qual se revelou especialmente útil em alguns tipos de trabalho que envolviam a repetição de termos ou expressões utilizados em trabalhos anteriores de cariz semelhante, efectuados para um mesmo cliente. Para cada cliente “regular”, a empresa dispõe de uma memória de tradução específica que vai sendo actualizada à medida que se efectuam novos trabalhos. Essas memórias foram-me facultadas para que pudesse trabalhar mais agilmente em determinados projectos e as minhas traduções estivessem de acordo com o pretendido pelo cliente. As memórias de tradução são, de facto, um elemento indispensável para acelerar o trabalho do tradutor e permitir que esse trabalho se desenrole com rapidez e eficácia, aspectos indispensáveis no mundo competitivo de hoje em dia, em que o cumprimento de prazos – geralmente curtos – é essencial.

Uma grande parte dos trabalhos da empresa é efectuada com recurso ao SDL Trados. No entanto, também é frequente a utilização de outros programas informáticos com os quais pude, a dada altura do estágio, ter contacto: ferramentas do Microsoft Office – Word, Excel e Powerpoint; o Adobe Acrobat Professional (um número considerável de trabalhos era apresentado sob a forma de PDF); o Adobe Illustrator (programa com que trabalhei legendas de imagens em alguns documentos); e ainda alguns programas de conversão de PDF, que se revelaram muito úteis na conversão de documentos daquele formato para documentos do Microsoft Word, formato em que mais facilmente se pode trabalhar.

Por fim, servi-me de um instrumento que se revelou importantíssimo para a distribuição interna de dados na empresa: a *Dropbox*. Este serviço de armazenamento de dados permite trabalhar e guardar o trabalho em curso de forma mais segura, evitando que este se perca. Trabalhando num ficheiro a partir da *Dropbox*, o trabalho efectuado fica armazenado virtualmente na internet; este serviço permite-nos ir guardando as alterações que efectuamos a um documento e mantê-lo sempre actualizado, de modo a que, se algo acontecer ao computador em que estamos a trabalhar, tenhamos acesso a esse mesmo ficheiro noutro qualquer computador, a qualquer altura; basta que este tenha a *Dropbox* instalada e acesso à internet. Este é um serviço em expansão – principalmente pelo facto de ser gratuito e de permitir salvaguardar trabalho que, caso contrário, poderia estar sempre em risco de ser perdido – e foi adoptado pela empresa no início do meu estágio. Foi uma ferramenta útil para

a troca de ficheiros entre as tradutoras da empresa e para ajudar a organizar o trabalho. Cada tradutora tinha a sua própria pasta na *Dropbox*, o que facilitava a transferência de ficheiros a serem traduzidos e de trabalhos já acabados de uns computadores para os outros.

Devido à curta duração do meu estágio, apenas me foi possível efectuar trabalho de tradução, não tendo realizado quaisquer tarefas ligadas à administração da empresa ou à organização de trabalho, tais como o envio ou recepção de *e-mails*, o contacto com clientes e colaboradores *freelancer* ou a elaboração de orçamentos. Observei, no entanto, bem de perto a realização destas actividades e as ferramentas para elas utilizadas. Para este fim, além do já referido *software*, na empresa utilizam-se ainda os seguintes programas informáticos: o ABBYY Fine Reader, programa que efectua uma leitura óptica de caracteres, permitindo, assim, a passagem de documentos impressos (que não estejam em formato digital) para documentos informáticos editáveis passíveis de serem trabalhados no computador; o AnyCount, que permite efectuar a contagem de palavras de documentos para que possam ser executados os respectivos orçamentos; e o Projotex, que contribui para uma melhor organização do volume de trabalho, permitindo efectuar tarefas de gestão de projectos como a elaboração de orçamentos, a atribuição de trabalho a tradutores *freelance* e a emissão das *Purchase Orders* (ordens de compra) respectivas.

### 3.2. Actividades Realizadas

---

O estágio foi iniciado sob orientação da Dra. Filipa Azevedo. O primeiro dia foi calmo – contrariamente a muitos outros que se seguiram. No entanto, depois de me serem apresentadas as instalações e ferramentas da empresa, foi-me logo atribuído trabalho, que não faltou ao longo dos meses em que ali trabalhei. A orientadora de estágio nunca se coibiu de me atribuir trabalho e de me orientar sobre a melhor maneira de o fazer, tirando-me dúvidas e respondendo a todo o tipo de questões, sempre que necessário. Também pude contar com uma importante ajuda por parte da Dra. Ana Borges, especialmente no âmbito dos textos da área médica e de equipamentos. Creio poder afirmar que a minha posição de estagiária nunca inibiu as sócias-gerentes da Traversões de confiarem em mim para realizar trabalhos, tendo sempre em conta, naturalmente, os meus limites, fossem eles de conhecimento da área do texto de trabalho ou a nível do *software* necessário para elaborá-lo. Pelo contrário, na Traversões sempre me fizeram sentir que éramos todas colegas e que eu podia participar do

espírito de entajuda e do trabalho de equipa, havendo sempre o devido respeito mútuo. Considero, portanto, que a função pedagógica do estágio foi muito bem cumprida.

Fui, gradualmente, conhecendo melhor a empresa e entrando no seu espírito e no seu ritmo de trabalho. Embora as outras tradutoras trabalhassem em mais do que um projecto em simultâneo, a mim foi-me geralmente atribuído um trabalho de cada vez. Para cada projecto, era também definido um prazo, que eu deveria cumprir, e que contava sempre com o tempo necessário para revisão, antes de o produto final ser enviado ao cliente. Os prazos eram, regra geral, suficientemente amplos para me possibilitarem uma tradução tranquila e com qualidade. Se acabasse uma tradução antes do prazo previsto, era-me atribuído um novo trabalho, com novo prazo, caso o volume de trabalho recebido o permitisse. Por vezes, pediam-me que deixasse pendente um projecto com um prazo mais alargado, em detrimento de um projecto de última hora com um prazo mais apertado, devendo eu, depois, retomar o primeiro trabalho.

Além da tradução integral de documentos – por norma, com o apoio de memórias de tradução e, algumas vezes, com o apoio de documentos específicos –, efectuei também a tradução isolada de tabelas e legendas em documentos e a introdução de alterações em manuais de utilizador já traduzidos: comparando, nos textos de partida, a versão anterior com a versão nova que nos era enviada, registava as alterações e introduzia-as na versão antiga do TCh. Por vezes, o próprio cliente já enviava as alterações devidamente assinaladas, pelo que havia apenas que introduzir ou cortar texto na versão já existente em Português.

Os textos que traduzi enquadravam-se maioritariamente na área da Medicina, mais especificamente, no domínio da cardiologia, de equipamentos de oftalmologia e certificados de equipamento médico. Traduzi também textos para uma instituição europeia, especialmente das áreas da Economia, do Direito e da Agricultura. Estes últimos foram os que me deram mais prazer traduzir, não só pelo tipo de linguagem, mas também pelos temas de que tratavam. Traduzi ainda uma *newsletter* para o Ministério da Educação e documentos oficiais de vários tipos. Nas duas secções seguintes deste Relatório, procurarei dar alguns exemplos de textos e problemas de tradução com que me deparei, dentro de algumas das áreas da tradução especializada com que mais trabalhei no estágio.

Traduzi maioritariamente textos com as seguintes combinações linguísticas: Inglês -Português, Português-Inglês e Espanhol-Português. A combinação linguística da maior parte dos trabalhos que recebi foi Inglês-Português, tendo apenas traduzido certidões e diplomas de Espanhol para Português e de Português para Inglês.

É de salientar que todos os trabalhos eram projectos reais, para clientes reais, não tendo havido ao longo do estágio qualquer tradução que servisse apenas de preparação ou treino. No início, senti-me ligeiramente insegura, mas rapidamente me adaptei ao ritmo de trabalho e ao facto de que é inevitável cometer erros, ter dúvidas e procurar esclarecê-las para aprender. O facto de saber que todo o trabalho passava sempre pela revisora dava-me mais segurança; por outro lado, sabia que tudo o que fazia estava a ser constantemente avaliado, pelo que todo o trabalho realizado me obrigava a fazer o melhor que podia e sabia, num ambiente totalmente profissional. À medida que me iam sendo atribuídos novos projectos, fui adquirindo confiança e notando uma evolução na minha forma de trabalhar, principalmente quando me eram atribuídos documentos semelhantes aos que já tinha traduzido, o que me permitia familiarizar-me com o tipo de texto, traduzindo-o depois mais facilmente. Com todo o trabalho que tive de efectuar, desenvolvi as minhas capacidades de pesquisa, alarguei o meu vocabulário e adaptei-me a diferentes construções frásicas: ainda que todos os textos fossem técnicos, havia entre eles manifestas diferenças.

Depois de revistos os trabalhos, a versão corrigida era-me entregue pela Dra. Filipa Azevedo para que pudesse compará-la com a minha tradução, permitindo-me assim verificar os erros que tinha cometido e aprender a melhorar as minhas competências como tradutora. Em alguns casos, as alterações efectuadas tinham a ver com uma mera questão estilística por preferência, quer da revisora, quer do cliente. Além disso, sempre que uma menor afluência de trabalho o permitia, a orientadora de estágio comentava as minhas traduções, explicando-me as correcções efectuadas e dando-me indicações para trabalhos futuros. Neste contexto, aprendi, por exemplo, que, em textos da Comissão Europeia, de acordo com a convenção estabelecida por esta instituição, o verbo “to implement” nunca se traduz por “implementar”, mas sim por “executar” ou “aplicar”, ou que, depois de indicar numericamente uma percentagem, deve sempre existir um espaço entre o número e o sinal de percentagem. Realço novamente a importância de uma boa relação e comunicação com cada um dos clientes habituais para que possam perceber-se estes pequenos aspectos relacionados com as suas preferências na tradução dos textos que nos enviam. Tendo estes pormenores em conta, o trabalho será mais facilmente realizado de acordo com as expectativas do cliente, permitindo assim a sua satisfação e que a relação cliente-empresa se torne duradoura.

Devo referir também que, para a maioria dos trabalhos, utilizei ainda o antigo Acordo Ortográfico (AO). No entanto, visto que estava iminente a adopção do novo AO a partir de 2012, efectuei trabalhos já de acordo com este último, a pedido de alguns clientes. Quanto a outros clientes, foi necessário contactá-los para saber da sua preferência, mas, de um modo

geral, estes decidiram adoptar o novo AO. Como ferramenta de apoio à revisão, passou a utilizar-se o programa informático Lince, que, seguindo o novo AO, indica as alterações que devem ser feitas ao documento.

O trabalho de maior dimensão que efectuei durante o meu estágio foi a tradução integral de um manual de utilizador de um aparelho de cirurgia oftalmológica a laser, que acabou por ocupar grande parte do meu tempo no período final do estágio: foi uma tarefa que me tomou cerca de 8 dias completos de trabalho (64 horas), com algumas interrupções para efectuar outros pequenos trabalhos pontuais. A segunda parte do presente Relatório consistirá numa reflexão crítica, tendo por base a tradução do referido manual de utilizador.

## 4. Resumo das Actividades de Tradução

---

Para que seja possível compreender melhor o tipo e o volume do trabalho efectuado na Traversões – Serviços Linguísticos, Lda., apresento de seguida um quadro com uma descrição detalhada de grande parte dos projectos de tradução em que estive envolvida. As tarefas não são necessariamente apresentadas por ordem cronológica, visto que se tornou mais prático agrupar alguns tipos de texto numa mesma entrada da tabela. Por motivos de confidencialidade, os nomes de clientes que devem permanecer no anonimato e quaisquer referências a marcas registadas foram omitidos.

Quadro 1: Resumo dos projectos tradução efectuados

Projecto	Tipo(s) de Documento/Área(s)	Tipo de Cliente	Tarefa	Par de Línguas	N.º de páginas
1) Orientações médicas	Medicina - Cardiologia	Associação científica nacional	Tradução de Orientações anuais desta associação da área da cardiologia, com a ajuda de memória de tradução. Versões <i>pocket</i> (de bolso) sobre dislipidemias e sobre doenças cardiovasculares na gravidez.	EN>PT	47+42
2) Certificados Enfermagem	Certidões e Diplomas	Particulares	Tradução de 3 declarações da Ordem dos Enfermeiros e de 3 registos criminais com apoio em traduções semelhantes já existentes no repertório da empresa.	PT>EN	6
3) Manual do Utilizador	Manuais do Utilizador  Oftalmologia	Multinacional da área da Medicina	Introdução de alterações a um manual de um sistema laser para tratamentos oftalmológicos. Comparar a versão antiga com a nova versão, revê-la e inserir ou suprimir texto.	EN>PT	298
4) Manual do Utilizador	Manuais do Utilizador  Oftalmologia	Multinacional da área da Medicina	Traduzir e inserir blocos de texto num manual de um dispositivo cirúrgico oftálmico já traduzido. Tive apenas de acrescentar texto novo, guiando-me por um documento de alterações enviado pelo cliente.	EN>PT	~3/147

5) Textos de uma instituição europeia	Economia e Finanças Regulamentação Agricultura Educação	Instituição Europeia	Tradução de 3 textos: Programa de Acção Anual Moçambique; Programa de Acção Anual Maurícia; O sistema das Escolas Europeias em 2010. Textos de apoio enviados pelo cliente.	EN>PT	6+7+15
6) Certificados de equipamento médico	Certificação Equipamento médico	Multinacional da área de equipamento e tecnologia médica	Tradução de Declarações de Conformidade, Certificados de Exame de Concepção de material médico desta empresa multinacional, com apoio em modelos semelhantes já traduzidos na Traversões.	EN>PT	~25+48
7) Certidões da Nicarágua	Certidões	Particular	Tradução de 1 Certidão de Nascimento e de uma Declaração de estado civil para um cliente da Nicarágua.	ES>PT	4
8) Certidões de alunos de Engenharia Mecânica	Certidões e Diplomas	Particular	Tradução de 1 Declaração e de 2 certidões de licenciatura e mestrado do curso de Engenharia Mecânica, com apoio em documentos idênticos já traduzidos pela empresa.	PT>EN	3
9) Manual do Utilizador	Manuais do Utilizador Oftalmologia	Multinacional da área da Medicina	Introdução de 8 páginas novas numa versão já existente de um manual de utilizador de um sistema de cirurgia oftalmológica a laser. A tradução das 8 novas páginas foi efectuada com a ajuda do Trados Studio 2011 e de memória de tradução.	EN>PT	8
10) <i>Newsletter</i>	Educação	Comunidade europeia	Tradução de uma <i>newsletter</i> sobre uma plataforma que possibilita a comunicação entre os profissionais de educação da Europa, com auxílio de memória de tradução.	EN>PT	5

11) Actualização de dois Manuais do Utilizador	Manuais do Utilizador  Oftalmologia	Multinacional da área da Medicina	Actualização e revisão integral de dois manuais de equipamento de cirurgia oftalmológica a laser.	EN>PT	115+95
12) Manual de Utilizador	Manuais do Utilizador  Oftalmologia	Multinacional da área da Medicina	Tradução integral de um manual de utilizador de um sistema de cirurgia a laser após a remoção de catarata, com apoio de uma tradução semelhante já existente de EN para Português do Brasil.	EN>PT	68

É de salientar que apenas alguns trabalhos de actualização de manuais do utilizador (números 3, 4 e 11 do quadro) e de tradução de certidões e diplomas (números 2, 7 e 8 do quadro) foram efectuados directamente no Microsoft Word. Para os restantes projectos, utilizei o *software* Trados Studio 2011. A par deste *software*, por norma, utilizei memórias de tradução específicas que a empresa havia criado para cada cliente ou, no caso de certidões e diplomas de uma ou duas páginas, modelos de traduções anteriores da mesma área.



## 5. Amostras do Trabalho Realizado

---

Passo a apresentar pequenos exemplos de alguns dos tipos de texto que me foram dados para traduzir e são ilustrativos das *nuances* que permitem diferenciar estes textos entre si, mesmo que quase todos possam ser incluídos na categoria de textos técnicos. Cada trabalho apresentou diferentes desafios e dificuldades de tradução: cada texto tinha as suas peculiaridades e é interessante verificar como se distinguem facilmente uns dos outros, sobretudo em termos da linguagem e da terminologia utilizadas. São estes problemas e peculiaridades que pretendo ilustrar com as amostras que de seguida transcrevo e comento. Mais uma vez, dada a regra de confidencialidade dos clientes e de marcas registadas, serão substituídos nomes ou expressões que possam comprometê-la.

Escolhi, para amostra, os tipos de texto em que trabalhei mais ou que, de alguma forma, mais se destacaram. Nos quadros que se seguem, por “**Texto de Partida**” entende-se o excerto do texto foi enviado pelo cliente para traduzir, por “**Tradução**” entende-se a tradução que eu efectuei desse mesmo excerto e por “**Versão Revista**” entende-se a tradução que foi enviada ao cliente, já revista pela revisora da empresa. Assim, cada quadro é composto por: identificação do texto, identificação da área, identificação do tipo de cliente, amostra do texto de partida, tradução, versão revista e observações/conclusões.

Quadro 2: Texto de uma instituição europeia (Amostra)

Áreas: Finanças; Regulamentação Cliente: Instituição europeia	
<b>Texto de Partida</b>	<u>3.5 Expected results</u> (...) <i>Promote social equity through empowerment</i>  The Government of Mauritius aims at further enhancing the participation of vulnerable groups in the country's economic development to achieve social equity. This has become even more critical with the economic and financial crisis which is putting many export oriented sectors (mainly textile and tourism sector) and small and medium enterprises in difficulty. Tourism sector registered an unavoidable negative performance in 2009, with a 5.7% contraction in tourist arrivals and 13.4% drop in gross receipts from the tourism industry.

<p><b>Tradução</b></p>	<p><u>3.5 Resultados esperados</u></p> <p>(...)</p> <p><i>Promover a igualdade social através de um processo de capacitação</i></p> <p>O Governo da Maurícia pretende intensificar a participação dos grupos vulneráveis no desenvolvimento económico do país para conseguir que haja igualdade social. Esta situação agudizou-se com a crise económica e financeira, que está a colocar em dificuldades vários sectores orientados para a exportação (sobretudo os sectores dos têxteis e do turismo) e as pequenas e médias empresas. O sector do turismo registou um inevitável desempenho negativo em 2009, com uma contracção de 5,7 % no influxo de turistas e uma descida de 13,4% nas receitas brutas da indústria do turismo.</p>
<p><b>Versão Revista</b></p>	<p><u>3.5 Resultados esperados</u></p> <p>(...)</p> <p><i>Promoção da igualdade social através do desenvolvimento de competências</i></p> <p>O Governo da Maurícia pretende intensificar a participação de grupos vulneráveis no desenvolvimento económico do país a fim de fomentar a igualdade social. Este propósito tornou-se ainda mais premente com a crise económica e financeira, que está a colocar em dificuldade pequenas e médias empresas e vários sectores orientados para a exportação (sobretudo os sectores dos têxteis e do turismo). O sector do turismo registou um inevitável desempenho negativo em 2009, com uma contracção de 5,7 % no influxo de turistas e uma descida de 13,4% das suas receitas brutas.</p>
<p><b>Obs./Conclusões</b></p>	<p>Por norma, os textos desta instituição, além de vocabulário técnico, utilizam também uma linguagem bastante formal, embora haja margem para “jogar” um pouco com as frases e a sua estrutura. Neste tipo de texto, tive algumas dificuldades, por vezes, em perceber o significado de algumas frases, embora fossem raras as frases longas e com uma estrutura complexa.</p> <p>A língua inglesa é, geralmente, bastante simples e sintética, com a capacidade de transmitir muita informação em poucas palavras. Tal pode tornar difícil uma passagem para o Português sem que a tradução resulte num texto mais longo e demasiado denso ou confuso, dada a necessidade de utilizar mais palavras para expressar ideias que, em Inglês, se expressam de forma mais curta, conseguindo, ainda assim, um texto igualmente claro. Neste tipo de textos, senti muito essa dificuldade: a de ser clara e, ao mesmo tempo, sucinta.</p> <p>Neste excerto específico, senti particular dificuldade na tradução do termo “empowerment” por não estar familiarizada com este tipo de vocabulário e por encontrar várias traduções para o mesmo em contextos semelhantes. Não encontrando o termo na memória de tradução, escolhi traduzi-lo como “processo de capacitação”, tendo-me sido depois dito, na fase de revisão, que este termo já tem uma tradução pré-definida no contexto</p>

	<p>desta instituição europeia: "desenvolvimento de competências".</p> <p>Na última frase deste excerto, a revisora decidiu ainda não utilizar “sector do turismo” e “indústria do turismo”. Dado que, neste contexto, estes são termos sinónimos, a revisora optou por jogar com esse facto, utilizando, em alternativa, um pronome. A utilização do pronome, a meu ver, tornou o texto menos denso e repetitivo, e melhor, até que o texto original. Como esta, muitas mais frases houve em que algo semelhante aconteceu; situações em que eu poderia ter tornado o texto mais simples, mas a minha falta de experiência na área não mo permitiu.</p> <p>Neste sentido, a experiência do estágio alertou-me para este problema e revelou-se uma grande ajuda na sua resolução.</p>
--	--

Quadro 3: Orientações médicas (Amostra)

<p>Área: Medicina - Cardiologia          Cliente: associação científica da área da cardiologia</p>	
<b>Texto de Partida</b>	<p>Disease management in pregnancy has to consider the well-being of the mother as well as of the foetus. Counselling and management of women of childbearing age with suspected cardiac disease should start well before pregnancy. Management should be done by interdisciplinary teams and high risk patients should be treated in specialised centres.</p>
<b>Tradução</b>	<p>É fundamental que o tratamento de doenças na gravidez tenha em consideração o bem-estar da mãe e do feto. O aconselhamento e o tratamento de mulheres em idade fértil com suspeitas de doença cardíaca deverão começar muito antes da gravidez. O controlo deve ser feito por equipas interdisciplinares e as doentes de alto risco devem ser tratadas em centros especializados.</p>
<b>Versão Revista</b>	<p>É fundamental que o tratamento de doenças na gravidez tenha em consideração o bem-estar da mãe e do feto. O aconselhamento e o tratamento de mulheres em idade fértil com suspeitas de doença cardíaca deverão começar muito antes da gravidez. O controlo deve ser feito por equipas interdisciplinares e as doentes de alto risco devem ser tratadas em centros especializados.</p>
<b>Obs./Conclusões</b>	<p>É interessante constatar que a área da Medicina foi aquela em que me senti mais à vontade. O facto de as frases serem, em geral, mais curtas e menos densas em conteúdo poderá explicar essa maior facilidade, tendo sido apenas difícil por vezes encontrar a tradução de alguns termos específicos da área. No entanto, a pesquisa foi bem menos complexa do que a investigação necessária para a tradução dos textos de instituições europeias, por exemplo. Não havendo tantas traduções alternativas para um mesmo termo, o meu trabalho ficava mais facilitado, ainda que, para alguns termos, tenha sido preciso efectuar uma pesquisa bastante exaustiva.</p>

	<p>No excerto transcrito, a revisora não fez quaisquer correcções à minha tradução. Na verdade, as revisões que esta minha tradução sofreu foram muito poucas, quando comparada com outras traduções por mim efectuadas no âmbito do estágio. Neste caso específico, pretendo chamar a atenção para a tradução de “management”. Uma primeira tradução, mais em bruto, para “disease management” seria “lidar com doenças” ou “o controlo de doenças”. No entanto, depois de ler o texto todo, tornou-se claro que “lidar” com uma doença, neste contexto específico, implicaria fazer um tratamento. Daí a minha opção por este termo, “controlo”, opção essa que se revelou estar correcta.</p>
--	--

Quadro 4: Certidão – “*Negativa de Soltería*” (Amostra)

<p>Área: Notariado                  Cliente: Particular</p>	
<b>Texto de Partida</b>	<p>CERTIFICADO DE:                  NEGATIVA DE SOLTERÍA                  (...) según revisión efectuada en los libros Índices y de Registro que lleva esta oficina no aparece inscrito ningún Matrimonio en que aparezca como Contraente la persona antes mencionada, quien nació en el Municipio de MANÁGUA, el día DIECISEIS DE SEPTIEMBRE DE MIL NOVECIENTOS SETENTA Y DOS...</p>
<b>Tradução</b>	<p>DECLARAÇÃO DE:                  ESTADO CIVIL – SOLTEIRO                  (...) segundo revisão efectuada nos livros de Registo que este Registo mantém, não aparece inscrito nenhum matrimónio em que conste como contraente a pessoa supramencionada, que nasceu no município de MANÁGUA, Departamento de MANÁGUA, no dia: DEZASSEIS DE SETEMBRO DE MIL NOVECIENTOS E SETENTA E DOIS...</p>
<b>Versão Revista</b>	<p>DECLARAÇÃO DE:                  ESTADO CIVIL – SOLTEIRO                  (...) segundo a busca efectuada nos livros de Registo desta Conservatória, não aparece inscrito nenhum casamento em que conste como nubente a pessoa supramencionada, que nasceu no município de MANÁGUA, Departamento de MANÁGUA, no dia: DEZASSEIS DE SETEMBRO DE MIL NOVECIENTOS E SETENTA E DOIS...</p>
<b>Obs./Conclusões</b>	<p>Num registo linguístico ainda técnico, mas algo diferente dos registos até agora tratados, apresento agora um exemplo de uma das traduções de certidões mais complexas que efectuei. Merece referência também o facto de a língua de partida ser o Espanhol.</p>

	<p>Em primeiro lugar, veja-se o título do documento: “Certificado de: Negativa de Soltería”. Este documento não atestava apenas o estado civil da pessoa; mais que isso, confirmava que a pessoa não era casada. Perante esta formulação algo peculiar em Espanhol de Nicarágua, a melhor solução que encontrei para que o título do documento não diferisse demasiado do título de documentos semelhantes na língua e cultura de chegada foi “Declaración de: Estado Civil – Solteiro”, solução que foi prontamente aceite pela revisora.</p> <p>No entanto, contrariamente ao título, o corpo de texto sofreu várias alterações na fase de revisão, alterações essas que compreendi e assimilei, por colocarem, de facto, o texto traduzido mais perto de outros textos da mesma área em Português. O único erro que não deveria ter acontecido prende-se com a tradução de “Registro” por “Registo” em vez de “Conservatória”. Este erro poderia ter sido evitado, visto que a primeira frase da certidão é uma frase-padrão deste tipo de documentos e eu tinha tido acesso a traduções já efectuadas pela empresa.</p>
--	---

Quadro 5: *Newsletter* (Amostra)

<p>Área: Educação          Cliente: comunidade europeia</p>	
<b>Texto de Partida</b>	<p><b>[Y] moves forward: be involved!</b></p> <p>We are now half way through the Back to School campaign: discover what has happened so far in the Mentorship campaign. [Y]ers have being helping each other a lot in new Teachers Rooms as well as on the [Y] Mentors’ forum. If you haven’t joined it yet, participate now!</p>
<b>Tradução</b>	<p><b>O [Y] avança: envolva-se!</b></p> <p>Estamos já a meio da campanha "De Volta à Escola": descubra o que aconteceu até agora na campanha de Tutoria. Os [Y]ers têm-se ajudado muito mutuamente em novas Salas de Professores e no Fórum dos Tutores [Y]. Se ainda não se inscreveu, participe agora!</p>
<b>Versão Revista</b>	<p><b>O [Y] avança: envolva-se!</b></p> <p>Estamos já a meio da campanha "De Volta à Escola": descubra o que aconteceu até agora na campanha de Tutoria. Os [Y]ers têm-se ajudado mutuamente em novas Salas de Professores e no Fórum dos Tutores [Y]. Se ainda não se inscreveu, participe agora!</p>

<p><b>Obs./Conclusões</b></p>	<p>Esta tradução foi das poucas traduções que efectuei durante o estágio com um cariz menos técnico. Devido ao registo semi-formal, não foi necessária uma pesquisa tão intensiva de vocabulário. O vocabulário que exigiu mais atenção não consistia em termos técnicos, mas antes em termos específicos deste projecto. Tendo em conta que não se tratava da primeira tradução para este cliente, esses termos já estavam todos em memória, o que facilitou o meu trabalho.</p> <p>Por se tratar de um texto mais “ligeiro”, menos denso e menos técnico, o meu ritmo de tradução foi consideravelmente mais rápido. Apesar ser necessário ter em atenção uma linguagem mais apelativa, este texto não apresentou grandes dificuldades de tradução.</p>
-------------------------------	---

Quadro 6: Manual do Utilizador (Amostra)

<p>Áreas: Manuais do Utilizador; Oftalmologia          Cliente: multinacional da área da Medicina</p>	
<p><b>Texto de Partida</b></p>	<p><b>[Card] Slot:</b></p> <p>The [System X] is equipped with a mechanism to account for procedures performed. This counting mechanism is based on [Cards] which have to be inserted into the [Card] slot at the front housing of the Laser Console, below the Key Switch.</p>
<p><b>Tradução</b></p>	<p><b>Ranhura do [Cartão]:</b></p> <p>O [Sistema X] está equipado com um mecanismo que conta os procedimentos efectuados. Este mecanismo de contagem assenta nos [Cartões] que têm de ser inseridos na ranhura de [Cartões] que se encontra na parte da frente da consola de laser, abaixo da chave interruptora.</p>
<p><b>Versão Revista</b></p>	<p><b>Ranhura do [Cartão]:</b></p> <p>O [Sistema X] está equipado com um mecanismo que conta os procedimentos efectuados. Este mecanismo de contagem assenta nos [Cartões] que têm de ser inseridos na ranhura para [Cartões] que se encontra na parte frontal da consola de laser, por baixo da chave interruptora.</p>
<p><b>Obs./Conclusões</b></p>	<p>Esta amostra representa um dos manuais de utilizador em que tive de introduzir alterações por conta de revisões efectuadas a manuais já publicados. Tais alterações incluíam o acrescento de frases completamente novas ao texto já publicado do manual. Este tipo de trabalho não apresentou grandes dificuldades, tendo em conta que não era de grande volume e não exigia uma pesquisa intensiva de termos técnicos porque estes já estavam, de um modo geral, traduzidos.</p>

No entanto, não podia deixar de ter em conta o contexto em que as novas frases iam inserir-se, bem como o estilo de linguagem e vocabulário técnico já utilizados no resto do manual, pelo que, por vezes, o ritmo de trabalho não era tão acelerado como poderia ser por ter de verificar vocabulário ou estruturas fráscas semelhantes no resto do documento.

Apesar de ser um trabalho, por vezes, algo moroso, não apresentou grande dificuldade. As correcções da revisora vieram tornar o texto mais claro e acentuar o seu carácter técnico, acrescentando ao meu trabalho a experiência e sabedoria de quem já lida com este tipo de texto há bastante tempo. Tal como nos outros tipos de texto, com as revisões que me eram apresentadas, pude adquirir novos conhecimentos e desenvolver as minhas capacidades de tradução, bem como corrigir alguns erros na área da tradução técnica.

## 6. Balanço e Conclusões sobre o Estágio

---

Avaliando o estágio efectuado, de todas as perspectivas obtenho uma visão geral que supera as minhas expectativas iniciais. Apesar de a Traversões ser uma empresa pequena, tem um fluxo de trabalho elevado e uma organização exemplar, o que me permitiu tirar o máximo partido desta experiência. Fui muito bem acolhida e rapidamente me senti integrada no ritmo de trabalho, tendo aprendido bastantes mais coisas e estado em contacto com muitas mais vertentes do trabalho de tradução do que esperava no início.

O estágio curricular revelou-se uma excelente oportunidade de contacto com o mundo laboral desta área: apesar de, na prática, ter efectuado apenas trabalhos de tradução, os conhecimentos que adquiri no estágio não se limitaram, de facto, a esse domínio. Como antes referi, pude acompanhar de perto todas as fases do processo de tradução, observei como se efectua uma distribuição eficaz de trabalho de forma a maximizar a utilização dos recursos de que a empresa dispõe, aprendi que o contacto e o relacionamento correctos com clientes são da mais extrema importância e, acima de tudo, adquiri contactos que foram, e poderão ainda vir a ser, essenciais para uma tradutora em início de carreira, como eu.

Nos meses em que trabalhei para a Traversões, dei os meus primeiros passos no trabalho prático e real de tradução, experiência que se revelou muito satisfatória. O reconhecimento do meu trabalho pela empresa e os incentivos que fui recebendo, bem como as correcções de que o meu trabalho foi alvo, constituíram uma motivação e um estímulo para a determinação que já tinha: tornar-me uma boa profissional de tradução.

Não esquecendo a vertente prática das aulas e seminários do Mestrado em Tradução, que me foi bastante útil, é inegável a diferença entre esse trabalho e o trabalho que efectuei na empresa, para clientes reais. A teoria foi, indubitavelmente, muito mais posta em prática, e desta vez tendo em conta certos factores externos a que nas aulas os alunos não estão expostos, tais como a premência dos prazos, o contacto com o cliente ou o facto de ter de trabalhar com um horário fixo em vez de poder escolher o próprio ritmo e horário de trabalho.

Pude ainda explorar mais a fundo as minhas capacidades no domínio das ferramentas informáticas necessárias a um tradutor, conhecimentos que, apesar de incluídos no Mestrado, não são, devido a constrangimentos de tempo, abordados de forma tão aprofundada como esta experiência me mostrou que seria desejável.

Acima de tudo, o estágio na Traversões permitiu-me efectuar o meu primeiro projecto de grande dimensão, que utilizarei como base para o desenvolvimento do presente Relatório:



a tradução integral de um Manual do Utilizador de um sistema de cirurgia oftalmológica a laser.

Esta foi sem dúvida a oportunidade que esperava para estabelecer a ponte entre o mundo académico e o mundo do trabalho, tendo-me permitido expandir horizontes e conhecimentos. Por todas as razões citadas, louvo a possibilidade de efectuar estágios desta natureza no âmbito da formação ao nível do mestrado. Este tipo de actividade complementa, indubitavelmente, a formação dos alunos e a sua preparação para o mundo do trabalho.

**2ª PARTE**  
**REFLEXÃO SOBRE A TRADUÇÃO DE UM**  
**MANUAL DE UTILIZADOR**

## 7. Breve Enquadramento Teórico – A Teoria Funcionalista

---

Descrito e avaliado o estágio, passarei agora a uma avaliação e crítica mais profunda do trabalho realizado, focando-me na tradução mais importante e com um maior volume de palavras que efectuei durante o estágio: a tradução do manual de utilizador de um sistema de cirurgia oftalmológica a laser, de agora em diante designado “Manual X” ou apenas “manual”.

Procurarei, inspirando-me nas linhas da teoria funcionalista defendidas por Christiane Nord<sup>2</sup>, apresentar o processo de tradução a que o manual foi sujeito, tecendo, em simultâneo, críticas ao meu próprio trabalho e tentando perceber se este foi efectuado da melhor maneira possível ou se houve aspectos que poderiam ter sido abordados de outro modo.

Convém, em primeiro lugar, fazer um breve enquadramento teórico da tarefa de tradução para perceber o carácter funcionalista inerente ao processo de tradução em questão. Para tal, parece-me pertinente descrever, em linhas gerais, a Teoria Funcionalista da Tradução, defendida por Christiane Nord, que mencionei no parágrafo anterior como sendo a base essencial para esta reflexão teórica.

### 7.1. Katharina Reiss e Hans J. Vermeer

---

Na década de 70 do século XX, começou a verificar-se uma mudança de rumo nos Estudos de Tradução. Quando falamos neste período de mudança e inovação, há dois nomes que devem ser referidos: Katharina Reiss e Hans J. Vermeer, linguistas alemães cujo posicionamento na disciplina de Estudos de Tradução é imprescindível para uma abordagem da temática do funcionalismo na Tradução. Na verdade, o trabalho efectuado por Reiss marca uma clara ruptura com as correntes de pensamento dos Estudos de Tradução da época. Para esta mudança de rumo contribuiu também a filosofia de Vermeer e a sua *Skopostheorie*, que está na base das teorias funcionalistas.

---

<sup>2</sup> Há, naturalmente, outros nomes sonantes e com uma contribuição significativa para a Teoria Funcionalista da Tradução, mas resolvi guiar a minha reflexão pelas linhas de pensamento de Christiane Nord por ser a figura que mais destaque teve nas aulas do Mestrado em Tradução que frequentei. Vários foram os trabalhos académicos realizados nos moldes do seu modelo de análise e crítica de tradução, modelo que considero eficaz e prático do ponto de vista da análise de tradução, pelo que acabei por me familiarizar com ele e tê-lo em conta durante a realização das minhas traduções no âmbito do estágio.

Até aos anos 70 do século XX, aos olhos dos teóricos dos Estudos de Tradução, a tradução era geralmente encarada como uma tarefa que consistia na mera passagem de determinada mensagem na língua de partida para uma de sentido equivalente na língua de chegada. Pese embora a necessária simplificação, este seria, até então, o único objectivo de uma tradução, devendo o texto de chegada (TCh) ser, em todos os aspectos possíveis, semelhante e fiel ao texto de partida (TP) e negligenciando-se, assim, factores de extrema importância relativos ao contexto de chegada. Nas abordagens que precederam a perspectiva funcionalista, em geral, uma tradução mais não era que um texto derivado, uma cópia do texto original, sendo o papel do tradutor o de fazer essa transferência de uma mensagem de um código linguístico para outro. Basicamente, todo o valor estava no TP, estando as atenções sempre voltadas para este.

A partir da década de 1970, com a emergência das teorias funcionalistas, o texto objecto de uma tradução passou a ser encarado não apenas como uma mensagem, mas como um todo, dependente de um conjunto de factores fundamentais que o influenciam. Ao invés de colocar ênfase apenas na transmissão de uma mensagem e, conseqüentemente, no TP, o foco do acto tradutório passou a ser colocado no “escopo” da tradução, ou seja, no propósito comunicativo da tradução: a função que o texto traduzido irá desempenhar, a finalidade com que a tradução foi encomendada e de que forma esta irá integrar-se na cultura de chegada. As atenções começavam, portanto, a voltar-se para o TCh.

Neste aspecto, o trabalho de Katharina Reiss foi, de acordo com Jeremy Munday (2001, p. 74), crucial para uma mudança de conduta: “Reiss’s work is important because it moves translation theory beyond a consideration of lower linguistic levels, the mere words on the page, beyond even the effect they create, towards a consideration of the communicative purpose of translation”.

A ideologia de Reiss, de acordo com Munday (*ibidem*), continuava a ter por base o conceito de “equivalência”; no entanto, esta autora deixou de se focar numa equivalência a nível meramente semântico e passou a procurar uma equivalência ao nível do texto como um todo e da função que este desempenha.

Na sua obra publicada em 1971, intitulada *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik: Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen*, Reiss apresentava um esquema de categorização dos tipos de texto de acordo com a função que estes desempenham e com a situação comunicativa em que se enquadram, sugerindo estratégias de tradução adequadas para cada tipo de texto. A autora passa a partir do pressuposto de que é a tipologia de um texto que define o método de tradução a utilizar. Para

tal, partindo da categorização de Karl Bühler, de 1934, que define três funções da linguagem (representativa, expressiva e apelativa), Reiss propõe três categorias com base nas funções da linguagem desempenhadas pelos textos, sendo que cada texto devia ser abordado de acordo com a função nele predominante e, conseqüentemente, com a categoria em que se enquadrasse. Assim, segundo a autora, tendo em conta as principais características de um texto, este podia ter uma função informativa, expressiva ou apelativa.

Em 1978, por sua vez, Hans J. Vermeer publicou *Ein Rahmen für eine allgemeine Translationsstheorie*, obra em que apresentou a sua *Skopostheorie*, desenvolvida a partir da ideia de “função desempenhada pelo texto” apresentada por Reiss. Vermeer veio efectivar a ruptura com os paradigmas dos Estudos de Tradução, que já havia sido preludiada por Reiss. O linguista alemão e a sua *Skopostheorie* foram fundamentais para este desvio de abordagem, nos Estudos de Tradução, relativamente ao processo de tradução e ao conseqüente papel do tradutor. Vermeer vem demonstrar a importância que tem, para o acto de tradução, o *skopos*, que, segundo o autor, é um “technical term for the aim or purpose of a translation” (Vermeer, 2000, p. 221).

A teoria deste autor alemão assenta sobre o princípio fundamental de que são o *skopos* e a cultura de chegada que determinam o método de tradução a utilizar. Segundo Christiane Nord (2010, p. 121), a *Skopostheorie* “regards translation as a purposeful activity intended to mediate between members of different culture communities”. Podemos ainda encontrar uma definição mais precisa de *Skopos* no contexto da Teoria Funcionalista em Byrne<sup>3</sup> (2012, p. 200): “A key term in *Skopostheorie* developed by Hans Vermeer, the *skopos* of a text is the intended purpose to which a translation will be put; it describes what the translation will be used for.”

À luz destes conceitos, o TCh passou também a ser encarado de uma forma completamente nova: reconhece-se nele “vida própria”, sendo, em grande medida, independente do TP, o que revoluciona por completo o papel que o texto “original” desempenha. Da proposta teórica de Vermeer surge então um novo conceito, utilizado para definir um texto resultante de uma tradução adequada ao contexto de chegada: o conceito de *translatum*. Tornou-se claro, pois, que o contexto do TCh não é dependente do contexto do TP, podendo estes mesmo ser diferentes. A este respeito, Vermeer especifica (2000, pp. 222-223): “The source text is oriented towards, and is in any case bound to the source culture. The

---

<sup>3</sup> Jody Byrne, académico e tradutor técnico irlandês, autor de várias obras no domínio da tradução técnica, de entre as quais destaco duas que, de forma bastante clara, explicam o seu ponto de vista sobre a tradução técnica – *Technical Translation. Usability Strategies for Translating Technical Documentation* (2006) e *Scientific and Technical Translation Explained* (2012).

target text, the *translatum*, is oriented towards the target culture, and it is this which ultimately defines its adequacy”. Vermeer advoga aqui a necessidade de adaptação de um texto à cultura em que se insere, sendo por isso necessário adaptar o *translatum* à cultura de chegada. O autor afirma ainda que *skopoi* diferentes determinam resultados de tradução diferentes (*idem*, p. 231): “(...) the *skopos* can also help to determine whether the source text needs to be ‘translated’, ‘paraphrased’ or completely ‘re-edited’. Such strategies lead to terminologically different varieties of translational action, each based on a defined *skopos* which is itself based on a specified commission”.

Ainda sobre este último excerto citado de Vermeer, julgo importante explicitar que a “commission” (ou encomenda) – o pedido que dá início ao processo de tradução – é um elemento fulcral sem o qual não pode existir tradução. A encomenda deve especificar o *skopos* da tradução para que esta possa ser realizada. Esse objectivo não terá necessariamente de coincidir com o do TP. Normalmente, deverá existir um pedido específico dirigido ao tradutor (embora a intenção de traduzir também possa partir do próprio), que definirá o seu *skopos*. Citando ainda Byrne (2012, p. 200), “[i]deally, the *skopos* is determined jointly by the translator and the client (...) but in reality, translators usually have to determine this for themselves”. Muitas vezes, os tradutores poderão ter de determinar o *skopos* da sua tradução, quando este não é definido pelo cliente. Em ambos os casos, durante o processo de tradução, o tradutor deverá sempre respeitar a encomenda e o *skopos* que foi definido (1978, p. 228-229).

No caso específico da tradução abordada neste Relatório, o *skopos* era bem claro: tratando-se de uma tradução especializada e com um público e objectivo muito específicos, não foi difícil compreender que deveria, acima de tudo, utilizar uma linguagem clara, precisa e sem ambiguidades e proceder à adaptação da estrutura frásica sempre que necessário para que melhor se adequasse à estrutura da língua de chegada. Por isso mesmo, tive todas estas informações e conceitos em mente ao realizar a minha tradução e tê-los-ei igualmente em conta na reflexão por mim apresentada. Posteriormente, ao aplicar o modelo de análise de Christiane Nord para descrever e justificar o meu trabalho de tradução, aprofundarei mais este tema.

Com o surgimento da abordagem funcionalista da tradução, verificou-se também, inevitavelmente, uma mudança no pensamento teórico no que diz respeito ao papel desempenhado pelo tradutor no processo de tradução. O tradutor, até então geralmente visto como detentor de um papel algo passivo – como se se tratasse quase de um espectador do seu próprio trabalho, um trabalho automático e mecanizado, ao nível do signo linguístico – começou a ter uma relevância diferente. Verifica-se uma mudança de entendimento sobre a

função do tradutor, que passa a ser visto como um agente fundamental no processo de tradução.

Visto que o processo de tradução era agora orientado para a função que um TCh iria desempenhar, tornou-se necessário avaliar essa função e tê-la em conta no decurso da tradução. Na abordagem funcionalista, o tradutor deve saber avaliar tanto o contexto de partida como o contexto de chegada (e todos os factores inerentes a cada um deles) e fazer, da melhor forma, a ponte entre os dois. O resultado do processo de tradução deixou de ser uma mera transcodificação de uma mensagem, passando a ser, para além disso, uma adaptação de determinada mensagem a um novo contexto. O texto traduzido passou a ser considerado um novo texto, com vida própria, que funciona independentemente do original, num contexto e com um público-alvo diferentes, passando o tradutor a ser o responsável por este novo texto reinventado.

Justa Holz-Mänttari, contemporânea de Reiss e Vermeer e também adepta do pensamento funcionalista, trouxe-nos um modelo de análise orientado para a tradução sobretudo em situações profissionais, que se aproxima, em muitos aspectos, do modelo de Nord, que será explicado adiante. Holz-Mänttari apresentou a tradução como um processo comunicativo que envolve vários agentes com papéis distintos: o de iniciador, o de encomendador, o de produtor do TP, o de produtor do TCh, o de utilizador do TCh e o de receptor do TCh (cf. Munday, 2008, p. 78).

Do trabalho de Holz-Mänttari destaca-se a importância que dá ao tradutor, cujo papel, como já referido, se altera completamente no contexto das teorias funcionalistas. O tradutor é visto como um perito em comunicação e mediador cultural que tem responsabilidade sobre o TCh: a sua tarefa é transmitir mensagens de uma cultura para outra, tendo, para isso, de as adaptar às convenções da cultura para a qual vão ser transferidas. Também para Holz-Mänttari, a funcionalidade de um texto e a sua adequação ao receptor e à cultura de chegada definem de que forma o texto deve ser adaptado; deve evitar-se uma cópia do TP e cabe ao tradutor saber fazer essa adaptação (cf. Munday, 2008, p. 78).

Pode dizer-se que a Teoria Funcionalista se desenvolveu e estabeleceu definitivamente em 1984, com a publicação conjunta de Reiss e Vermeer, *Grundlegung einer allgemeinen Translationslehre*. Esta obra une o aspecto geral da *Skoposlehre* de Vermeer à teoria específica de Reiss relativa aos diferentes tipos de texto, tal como descrito por Nord (2010, p. 121): “In this book, Reiss integrated her concept of a correlation between text type and translation method as a ‘specific theory’ (Part I) into the framework of Vermeer’s general theory (Part I).” Os dois autores uniram forças e ideias para definir uma teoria da tradução

suficientemente vasta e complexa que permitisse que vários tipos de texto, com várias origens diferentes, fossem abrangidos por esta abordagem funcionalista.

Foi precisamente nas ideias apresentadas por Reiss e Vermeer que, alguns anos mais tarde, Nord se apoiou para desenvolver o seu trabalho, dando origem a uma das mais importantes obras do Funcionalismo até aos dias de hoje. O seu modelo de análise de textos de partida e situações comunicativas de partida e de chegada, que descreve na obra *Textanalyse und Übersetzen* (1988)<sup>4</sup>, tornou-se, para muitos, uma base para traduções e análises de traduções efectuadas de acordo com a Teoria Funcionalista da Tradução. É de realçar que, apesar de o trabalho de Nord ter fortes alicerces na teoria desenvolvida por Reiss e Vermeer, existem pontos específicos em que as opiniões dos autores diferem ou possuem ênfases diferentes. No entanto, foi a partir deste pressuposto teórico geral de que a tradução deve ser orientada pela função que um texto irá desempenhar que Nord desenvolveu o modelo de análise em questão, um modelo principalmente orientado para a cultura de chegada.

Visto que o meu objectivo com este breve enquadramento teórico não é fazer um registo exaustivo de todos os desenvolvimentos e críticas que a Teoria Funcionalista sofreu desde os seus primórdios, optei por descrever apenas resumidamente o trabalho de Reiss e Vermeer para mostrar a sua importância como ponto de viragem nos Estudos de Tradução. O mesmo farei relativamente ao trabalho de Christiane Nord: segue-se uma breve descrição do seu modelo de análise, de forma a tornar mais claro como este foi relevante para o meu trabalho de tradução e continua a ser essencial para que possa reflectir sobre ele.

## 7.2. Christiane Nord e o seu modelo de análise textual

---

Como referi anteriormente, cerca de uma década após o surgimento das ideias funcionalistas de Reiss e Vermeer, Christiane Nord retomou-as, sistematizou-as e aplicou-as num modelo de análise específico para uma abordagem funcionalista da tradução. Primeiramente, o modelo de análise de Nord destina-se à formação de tradutores através de uma aplicação prática ao processo de tradução. Este modelo, que visa ser aplicado a todos os tipos de texto, revelou-se bastante útil para mim, não só para a minha aprendizagem ao longo do Mestrado em Tradução, mas também para o trabalho prático que efectuei no estágio, onde tive sempre em mente, durante os vários processos de tradução em que estive envolvida,

---

<sup>4</sup> Esta obra foi traduzida e adaptada para Inglês por Christiane Nord e Penelope Sparrow, em 1991, com o título *Text Analysis in Translation*. A versão inglesa será a utilizada por mim como referência.



factores condicionantes do TCh, tais como o público-alvo e o contexto em que a minha tradução se iria inserir.

Logo no início da obra *Text Analysis in Translation* (1991, p. 1), a autora define nos termos seguintes o modelo que procura apresentar, e explica a sua finalidade. Trata-se de:

(...) a model of source text analysis which is applicable to all text types and text specimens, and which can be used in any translation task that may arise. Such a model should enable the translator to understand the function of the elements or features observed in the content and structure of the source text. On the basis of this functional concept he can then choose the translation strategies suitable for the intended purpose of the particular translation he is working on.

O modelo que Nord se propôs elaborar deveria ser, de acordo com as suas próprias palavras (*idem*, p. 2), aplicável a todos os géneros textuais e útil em todas as tarefas de tradução. Para tal, a autora apresenta um modelo que pretende seja pormenorizado e, ao mesmo tempo, amplo, permitindo abranger o maior número possível de problemas de tradução.

Antes de mais, e guiando-me por Munday (2008, p. 82) na sua descrição do pensamento de Nord, importa explicitar a distinção feita pela autora entre dois tipos de tradução (que, conseqüentemente, necessitarão de processos de tradução diferentes). Assim, de acordo com a sua função, uma tradução pode ser documental ou instrumental. O objectivo de uma tradução documental não é funcionar como texto independente na cultura de chegada, mas sim como um documento da cultura de partida que é transferido para a cultura de chegada. Por esse motivo, uma tradução documental serve para apresentar ao seu receptor ideias e conceitos da cultura de partida, sendo que esse leitor tem a consciência de que está a ler um texto que não foi escrito directamente para si: o receptor é um elemento externo àquela situação comunicativa, limitando-se a ser um observador da mesma. Nas palavras de Nord (1991, p. 72-73):

Documentary translations (...) serve as a document of an SC communication between the author and the ST recipient (...). Certain aspects of the ST or the whole ST-in-situation are reproduced for the TT recipient, who is conscious of “observing” a communicative situation of which he is not a part.

Um documento oficial é um bom exemplo do tipo de texto que pode inserir-se nesta categoria da tradução documental: o propósito da tradução deste tipo de textos é transmitir determinadas informações ou conteúdos da cultura de partida para a língua de chegada, mantendo a presença dos elementos característicos da situação comunicativa de partida no texto traduzido. Neste tipo de tradução há, muitas vezes, a necessidade de explicitar (geralmente através de notas de tradutor, embora tal também possa ser feito no próprio corpo de texto) conceitos ou ideias típicos da cultura de partida que o receptor de chegada possa não entender.

Numa tradução instrumental, ao invés, tais conceitos devem ser adaptados à cultura de chegada. A tradução instrumental tem por objectivo fazer o texto traduzido subsistir por si próprio na cultura de chegada sem que o receptor se aperceba de que este já foi usado numa outra situação comunicativa (*ibidem*, p. 73). Assim, e como já mencionado, o tradutor deve fazer as adaptações necessárias para que o TCh atinja este objectivo. Usando, novamente, as palavras de Nord (2006, p. 40),

(...) an instrumental translation (...) will not necessarily reproduce source-culture style or behaviour patterns. (...) the adaptation of text forms to target-culture norms and conventions will make processing easier for the receivers, because they are not confronted with style or behaviour patterns they are not familiar with and which sometimes stand in the way of fast and efficient information processing.

Assim, e por razões de eficácia informativa, uma tradução instrumental deve, regra geral, funcionar como uma mensagem independente: o TCh é lido na cultura de chegada como se tivesse sido originalmente escrito com o propósito de se enquadrar nessa mesma cultura.

Tendo em conta estas definições, posso afirmar que a tradução do texto sobre o qual versa este meu trabalho se enquadra na categoria de tradução instrumental, visto que tinha por objectivo ser lido por receptores da cultura de chegada sem haver a necessidade de estes terem conhecimento de que esse mesmo texto havia sido transferido de uma outra cultura. Por isso, foi necessário efectuar as adaptações culturais supramencionadas. A necessidade de converter unidades de medida é um bom exemplo de adaptações a que tive de proceder na minha tradução. Para conseguirmos realizar esta distinção, definir a função do TCh é, indubitavelmente, um exercício determinante.

Uma das maiores críticas tecidas à teoria funcionalista é a de que, dando importância apenas à função que uma tradução irá desempenhar e tendo o tradutor total liberdade para fazer escolhas, o texto poderá ser manipulado e, conseqüentemente, alterado, não se respeitando a intenção do autor. Ao colocar tanta ênfase na função da tradução e na liberdade do tradutor para se adaptar a essa função, os funcionalistas poderão acabar por produzir um TCh sem regras ou limites e, ainda assim, considerá-lo uma tradução.

Contrariamente a Reiss e Vermeer, que parecem conferir plena liberdade ao tradutor, Nord defende que o tradutor e a sua tradução estão dependentes de vários factores. Por isso, e para contra-argumentar a crítica mencionada, Nord (1991, p.28) afirma que “[f]unctionality is the most important criterion for a translation, but certainly not the only one” e introduz o conceito de “lealdade”<sup>5</sup>, o que significa uma restrição da liberdade do tradutor.

O modelo de Nord distingue-se, então, por atribuir extrema importância à análise do TP, referindo a autora ainda o conceito de compatibilidade entre TP e TCh. Nas suas palavras (*ibidem*), “there can be no process of ‘translation’ without a source text”, porque (*idem*, p. 72):

(...) if (...) translation requires not only functionality of the target text but also loyalty towards the ST sender and his intention (which is a constitutive factor of ST function), it is only by analysing the ST function that the translator can decide which TT function(s) will be compatible with the given ST.

É, pois, esta análise que ajuda o tradutor a verificar até que ponto um texto precisa de ser ajustado e a decidir que elementos devem ou não ser adaptados. Para a autora (*idem*, p.30), “it is the task of source-text analysis first to control compatibility and then to find out which ST elements can be preserved and which have to be adapted so as to comply with the translation skopos”. Esta análise é imprescindível para que o tradutor se certifique de que consegue um bom entendimento do texto que irá traduzir. A compreensão do TP e da situação comunicativa em que este se insere é então, segundo Nord, um dos elementos fundamentais do trabalho de um tradutor. Só assim este conseguirá alcançar um bom produto final.

---

<sup>5</sup> Convém ressaltar que o conceito de “lealdade” em Nord difere do conceito de “fidelidade” em Reiss e Vermeer. Em termos muito gerais, tradicionalmente, o conceito de “fidelidade” coincidia com o conceito de tradução “palavra por palavra”; mais tarde, passou a ser utilizado para referir uma tradução pelo sentido, tendo depois evoluído ainda em Reiss e Vermeer. Estes dois autores (Mira, 2011, p. 21; Munday, 2008, p. 80; Reiss e Vermeer, 1996, pp. 94 e 101) defendem que deve haver coerência entre o TP e o *translatum*; ou seja, o tradutor deve ser fiel à informação contida no TP e fazer com que haja coerência entre esta e a informação que coloca na sua tradução. Já o conceito de “lealdade”, em Nord, não implica apenas uma lealdade para com o TP, mas antes para com todos os intervenientes no processo de tradução.

Além de estar ciente do TP e de todos os factores que contribuem para a sua existência, o tradutor deve ter também uma boa noção da situação comunicativa para a qual vai traduzir, pelo que a análise desta última é também de extrema importância. Familiarizando-se com o contexto da cultura de chegada, o tradutor poderá ter uma melhor percepção de como o texto que deve produzir vai desempenhar a função pretendida. O tradutor tem, assim, um papel de mediador entre culturas. Por isso, é importante que conheça os códigos culturais da língua e cultura de chegada para poder traduzir, mas também deve conhecer os códigos culturais da língua e cultura de partida para poder interpretar.

Deste modo, Nord destaca ainda no seu trabalho a importância da encomenda de tradução apresentada ao tradutor, que deve tê-la em conta, já que esta deverá conter as informações necessárias relativas aos factores textuais externos do TCh, o que facilitará o seu trabalho. A encomenda é apresentada por um iniciador: tendo um determinado TP que pretende ver traduzido, este dirige-se ao tradutor no sentido de obter uma tradução que se enquadre numa situação comunicativa de chegada específica. Essa situação comunicativa, regra geral, deve estar bem definida na encomenda, que conterà tanta informação quanto possível. Idealmente, a encomenda deve conter as seguintes informações: o local e a data de publicação do TCh, qual o seu emissor e provável receptor, o motivo da encomenda, o canal através do qual o TCh será emitido e ainda a função que este irá ter. O tradutor nem sempre dispõe de informações sobre todos estes elementos. No entanto, cabe ao profissional de tradução avaliar a situação comunicativa de chegada e, com base nos dados de que dispõe, conjecturar sobre os dados em falta e, sobretudo, sobre qual será a função a desempenhar pelo produto da sua tradução, no caso de aquela não ser especificada. Esta avaliação permite ao tradutor organizar-se e decidir que informações do TP devem ser incluídas no TCh (Munday, 2008, pp. 82-83).

Tendo em conta tudo isto, em Nord, o tradutor surge como agente decisor no processo de tradução (muito embora as suas decisões estejam condicionadas por muitos factores, como já mencionado). A tradução é, para a autora, encarada como um acto iminente decisorio que exige do tradutor uma tomada de decisões constante. Portanto, a análise das situações comunicativas de partida e de chegada proposta no seu modelo visa, além de ajudar a interpretar os textos a traduzir, servir de apoio ao tradutor em todas as opções que este tem de tomar durante o processo de tradução.

Explicitados alguns conceitos importantes do pensamento de Nord e contextualizado o seu modelo, passo agora a descrevê-lo de forma resumida. Para efectuar uma tradução, a autora propõe a análise de vários factores intratextuais e extratextuais, tanto do TP como do

TCh. Quando lhe é encomendada uma tradução, antes de começar a traduzir, o tradutor deve, primeiro, fazer uma análise e criar um perfil do TP e, depois, fazer uma análise da situação comunicativa de chegada e criar um perfil do TCh. Por fim, o tradutor deve comparar os dois perfis resultantes da análise para que possa levar a cabo a sua tarefa que consiste, de acordo com Nord (1991, p. 16), em colocar “a cultural filter between ST and TT”.

Tendo em conta que um texto constitui uma acção comunicativa entre um emissor e um receptor, ao efectuar uma análise textual, teremos de ter em conta, acima de tudo, a situação comunicativa e aqueles que nela intervêm. Assim, numa análise textual orientada para a tradução, diz-nos Nord (*idem*, p. 15):

(...) we will first analyse these factors [a situação comunicativa e os intervenientes no acto comunicativo] and their function in the ST situation and then compare them with the corresponding factors in the (prospective) TT situation, since the target text, too, like the source text, will be embedded in a communicative interaction which determines its reception.

Para efectuar uma análise textual completa e, tendo em conta que se pretende que este modelo possa ser aplicado ao maior número de textos possível, a autora procura incluir todos os factores que podem, de uma forma ou de outra, influenciar as decisões do tradutor e, portanto, o processo de tradução. O tradutor deve começar por analisar os factores externos (ou extratextuais) do TP, o que o ajudará a definir a função deste.

No seu artigo "Problemas de Tradução. Sistematização e Exemplos" (pp. 34-35), Maria António Hörster sistematiza de forma muito clara a análise extratextual proposta por Nord, através da seguinte lista de perguntas:

- 1- Quem emite um texto?
- 2- A quem o dirige?
- 3- Onde?
- 4- Quando?
- 5- Através de que canal?
- 6- Qual o ensejo que o levou a produzir o seu texto?
- 7- Qual a intenção que o guiou?

E, finalmente, decorrendo da confluência de todas estas questões:

- 8- Com que função o emissor emite determinado texto?

De forma resumida, os factores extratextuais que Nord propõe sejam analisados (correspondendo, respectivamente, às perguntas acima transcritas) são os seguintes:

### ***Sender (emissor)***

---

De acordo com Nord, o emissor de um texto é a pessoa (ou instituição) que utiliza um texto para transmitir uma determinada mensagem a alguém e/ou para produzir um efeito. O produtor de um texto, por outro lado, escreve o texto de acordo com as instruções do emissor, cumprindo as regras e normas de produção textual da língua em que o texto é transmitido, bem como da cultura em que se insere (1991, p. 43). De uma forma geral, os papéis de emissor e de produtor cruzam-se: quem pretende emitir um texto é, normalmente, quem o produz. O mesmo já não acontece no âmbito da tradução: o papel de tradutor pode, de certa forma, comparar-se ao de produtor de um texto, visto que o objectivo daquele é, de modo geral, produzir um texto que tenha, nos receptores de chegada, o mesmo efeito que o TP tem para os receptores da cultura de partida.

### ***Recipient (receptor)***

---

O termo “receptor” refere-se a quem lê (ou recebe) o texto e engloba, consequentemente, os seus conhecimentos e cultura. O receptor do TP e o receptor do TCh diferem em, pelo menos, um aspecto, de acordo com a autora (*idem*, p. 52): pertencem a comunidades culturais e linguísticas diferentes. Por isso, ainda que os receptores dos textos de partida e de chegada possam ter várias características em comum, o facto de se inserirem em situações culturais distintas faz com que nunca possam ser exactamente “iguais”, o que torna necessária a adaptação de certos elementos por parte do tradutor ao produzir o TCh.

### ***Place of communication (local)***

---

O factor extratextual “local”, a par com o factor “data”, que refiro a seguir, são importantes indicadores da situação histórica em que um texto se insere. Para Nord, é importante não só o local em que o texto é emitido e produzido, mas também o local onde este é recebido (1991, p. 60): uma língua que seja falada em vários países distintos, terá, obrigatoriamente, variantes que é preciso respeitar. Assim, quando um tradutor tem um trabalho de tradução para Espanhol, por exemplo, terá obrigatoriamente de produzir textos de

chegada diferentes, consoante estes se pretendam emitidos em Espanha ou no Peru. Além destes aspectos linguísticos, devem ainda ser tidas em conta as condições culturais e políticas, tanto do local de partida como do local de chegada (*idem*, p. 61). Por exemplo, um TP que tenha sido produzido e emitido num local em que a literatura está sujeita a censura conterà, certamente, linguagem ambígua, com duplo sentido, com uma mensagem que possa ser “lida nas entrelinhas”, pelo que caberá ao tradutor saber lidar com esse facto e adaptá-lo à situação comunicativa de chegada (*idem*, p. 62).

### ***Time of communication (data)***

---

O factor extratextual “data” é também de grande relevância, por exemplo, em textos de cariz literário. Certos tipos de texto são apresentados de acordo com a época na qual se enquadram, podendo a sua linguagem e convenções variar consoante a data em que foram produzidos. Nas palavras de Nord (*idem*, p. 63), “[c]ertain text types are linked to a particular period (e.g. oracles and epic poems as opposed to weather reports and television plays), and, of course, text-type conventions also undergo change”.

O tradutor deve também ponderar se toda a informação contida num determinado texto ainda é válida (*idem*, p. 64). O mesmo acontece relativamente à terminologia utilizada, sobretudo em textos técnicos: não raras vezes, com o constante desenvolvimento tecnológico, a terminologia sofre alterações, o que obriga o tradutor a estar sempre tão actualizado quanto possível.

### ***Medium/Channel (canal)***

---

Usando as palavras de Nord, o factor extratextual “canal” refere-se ao “medium or vehicle which conveys the text to the reader” (1991, p. 56). Na comunicação escrita, este corresponde ao meio de publicação de um texto (tal como uma revista, um livro ou um jornal) e às suas subclassificações (por exemplo, revistas dirigidas a um público feminino, literatura juvenil ou jornais económicos). Identificar o canal permite ao tradutor ter um melhor entendimento da dimensão e da identidade do grupo de receptores (*idem*, p. 57). Além disso, com base no canal através do qual um texto lhe chega, o seu receptor terá determinadas expectativas relativamente à função que este irá cumprir. O tradutor deve, por isso, ter em conta as pressuposições do receptor do TCh.

### ***Motive for communication (motivo)***

---

O factor extratextual “motivo” refere-se às razões que levam o emissor a estabelecer comunicação com o(s) receptor(es). Ao reflectir sobre ele, o tradutor deve ainda ter em conta a ocasião específica para a qual o texto foi produzido (*idem*, p. 67). Dependendo do tipo de texto, o factor “motivo” pode ter influência sobre factores intratextuais tais como o conteúdo do texto, o léxico e sintaxe utilizados ou os elementos não-verbais presentes no texto (*idem*, p. 68), como explicitarei adiante.

### ***Sender’s intention (intenção)***

---

O factor “intenção” tem um papel determinante, tanto na forma (por exemplo, na escolha do tipo de texto ou dos elementos não verbais), como na estrutura de um texto (por exemplo, o que o texto inclui e o que é omitido) (*idem*, p. 48). A intenção é definida pelo emissor de um texto e o tradutor deve procurar manter-se leal a ela ao produzir o TCh. Mesmo que a função do TCh não seja análoga à do TP, a intenção, quando é possível identificá-la, deve sempre ser respeitada e transparecer no TCh.

### ***Text function (função)***

---

A análise de todos os factores extratextuais previamente descritos permite-nos, por fim, chegar ao factor de maior relevância para a tradução: a função a cumprir pelo texto. Por este motivo, a função deve ser o último dos factores extratextuais a ser analisado, sendo que a intenção do emissor e as expectativas do receptor são fundamentais para a sua determinação (Nord, 1991, p. 74).

A função do TCh nem sempre é análoga à função do TP. No entanto, é através da análise e comparação destas duas que o tradutor pode tomar opções – escolher que informação adaptar e como – e ter em conta o princípio de “lealdade”, intimamente relacionado também com o factor externo “intenção”.

É de realçar que a relevância de cada factor pode variar de acordo com diferentes textos ou com tipos de texto distintos, pelo que é importante analisar todos os factores isoladamente (Nord, 1991, p. 60).



Após examinar os factores extratextuais, o tradutor deve prosseguir a análise explorando os factores intratextuais, que, ao contrário dos primeiros, se relacionam com o texto em si, podendo até incluir elementos não-verbais.

### ***Subject matter (tema)***

---

Este factor intratextual corresponde à matéria geral abordada num texto. Se o tema for consistentemente abordado ao longo do texto, tal significa que este é coerente (*idem*, p. 85). Analisar o tema de um texto permite também ao tradutor determinar a área de terminologia utilizada e decidir, de acordo com a especificidade desta, o tipo e extensão de pesquisa que a tradução do texto em mãos naquele momento irá requerer (*idem*, p. 86). Consequentemente, o tradutor poderá também decidir se tem capacidade para realizar a tarefa que lhe é proposta.

Definir o tema de um texto contribui ainda para obter mais dados sobre alguns factores extratextuais (tais como o emissor ou a data de um texto) – caso ainda não tenha sido possível defini-los com clareza –, ou confirmar a informação que já se tinha adquirido através da análise dos factores externos.

### ***Content (assunto)***

---

O “assunto” de um texto corresponde ao seu conteúdo; ou seja, aos conteúdos concretos considerados importantes para tratar o tema do texto. O léxico utilizado e as estruturas gramaticais presentes no texto são de extrema importância para a identificação do factor “assunto”. A forma organizada como palavras, orações, frases ou tempos verbais se complementam tende a reduzir ambiguidades textuais, de modo a formar um texto internamente coerente (*idem*, p. 90).

### ***Presuppositions (pressuposições – o dito e o não dito)***

---

Se o factor “assunto” engloba o que se diz no texto, o que possa ter sido deixado por dizer tem igual importância. As pressuposições correspondem a informação “implicitly assumed by the speaker, who takes it for granted that this will also be the case with the listener” (*idem*, p. 95). Frequentemente, o emissor não verbaliza determinados aspectos quando pressupõe que estes já são do conhecimento do receptor (*idem*, p. 96). Cabe ao tradutor, com a ajuda da análise que efectua, ajustar o texto que produz ao “horizonte” do

receptor de chegada: consoante os conhecimentos do receptor do TP e do receptor do TCh, o tradutor pode omitir ou ter de acrescentar informação.

### ***Text composition (sequência dos conteúdos concretos)***

---

Por “composição do texto” entende-se a sequência dos conteúdos concretos do texto, ou seja, a forma como este está estruturado. Geralmente, o texto terá uma macroestrutura (constituída por capítulos e parágrafos) e uma microestrutura (ao nível das estruturas sintáticas, dos instrumentos lexicais e das características supra-segmentais), ambas de extrema importância: é importante ter em conta que um texto pode conter, na sua estrutura, segmentos textuais que, por terem uma função diferente, requeiram uma estratégia de tradução diferente (Nord, 1991, p. 100). Além disso, consoante a cultura em que estejam inseridos, alguns tipos de texto podem seguir convenções diferentes, pelo que é necessário adaptar a própria estrutura do texto às convenções da cultura de chegada (por exemplo, um contrato, apesar de conter virtualmente a mesma informação em todas as culturas, essa informação é organizada de um modo diferente consoante as convenções formais pré-estabelecidas de cada cultura).

### ***Non-verbal elements (elementos não-verbais)***

---

Os elementos não-verbais são sinais que não pertencem a nenhum código linguístico, mas que são usados para o complementar. Estes sinais são utilizados com o intuito de ilustrar, desambiguar ou mesmo aumentar a intensidade da mensagem contida num texto ou discurso (*idem*, p. 108). Exemplos de elementos não-verbais incluem as fotografias ou as ilustrações. Os efeitos gráficos (tais como a pontuação, negritos ou itálicos) não são considerados elementos não-verbais, enquadrando-se antes na categoria de “*supra-segmental features*”, descrita mais abaixo.

### ***Lexic (léxico)***

---

O factor intratextual “léxico” é bastante abrangente, podendo estar relacionado com inúmeras questões ou problemas que se referem ao vocabulário utilizado no texto. Nesta categoria podem inserir-se o registo da linguagem utilizado, conotações, figuras de estilo (tais como metáforas ou repetições lexicais), aspectos morfológicos (tais como sufixos, prefixos, abreviaturas ou acrónimos) ou a utilização de terminologia específica, por exemplo.

Parafrazeando Nord (1991, p. 112), o léxico utilizado num texto é determinado tanto pelos factores extratextuais como pelos factores intratextuais do mesmo; logo em seguida (*ibidem*), Nord especifica também que a escolha de termos lexicais de um texto é, em grande medida, influenciada pelo seu assunto e conteúdo.

### ***Sentence structure (sintaxe)***

---

Ao analisar o factor intratextual “sintaxe”, ou tradutor deve debruçar-se sobre a estrutura frásica do texto, lidando com questões como: As frases são simples ou complexas? Como estão interligadas? Que figuras de estilo de ordem sintáctica (tais como quiasmos, perguntas retóricas ou elipses) são utilizadas? As estruturas sintácticas convencionadas para determinado tipo de texto são respeitadas ou ignoradas? Que efeito estilístico pretende o autor conseguir ao utilizá-las ou ao desviar-se delas?

Regra geral, quanto mais complexo o assunto de um texto, mais complexa será a sua estrutura frásica. Conforme enuncia a autora (1991, p. 118), “[c]omplex hypotactic sentences are generally regarded as an appropriate means to describe complex facts”.

### ***Suprasegmental features (características suprasegmentais)***

---

Neste factor intratextual enquadram-se questões que não se incluem dentro das categorias de léxico ou sintaxe e que versam, de um modo geral, questões de prosódia, ritmo ou marcação de foco. Nas palavras de Nord, esses elementos são utilizados com o propósito de “highlight or focus certain parts of the text and to push others into the background” (1991, p. 80). Na comunicação escrita, as características suprasegmentais destacam-se na forma de itálicos, negritos, pontuação, ordem das palavras, onomatopeias, aliteraões ou palavras e/ou expressões enfáticas, por exemplo (*idem*, pp.120-124). Em suma, nesta categoria encaixam-se questões que tenham a ver com ênfase, ritmo ou rima, pelo que a análise deste factor intratextual tem um peso maior em textos de cariz poético ou literário (e, de uma forma geral, em textos com uma função marcadamente apelativa, tais como discursos políticos ou textos publicitários) do que em textos de ordem técnica.

Todos os factores que acabei de descrever estão intimamente interligados, pelo que conhecer alguns deles pode fazer com que seja mais fácil determinar outros. Esta estreita relação leva a que não seja necessário seguir uma ordem específica na análise textual, desde

que todos os factores possíveis de determinar sejam tidos em conta ao traduzir, para que a ponte entre ambas as situações comunicativas seja estabelecida da melhor forma possível.

Após terminar a análise do TP, o tradutor deverá aplicar a mesma análise de factores extratextuais, agora de forma prospectiva, ao TCh. Nesta fase, a tarefa de tradução que lhe foi encomendada pelo iniciador é de extrema importância, pois poderá já definir alguns dos factores extratextuais (se não mesmo todos) que o tradutor deve considerar. Como já mencionado, estes factores são geralmente definidos pelo iniciador no momento em que a tarefa de tradução é enunciada e fica a cargo do tradutor conceber, com base nestes, uma situação comunicativa de chegada concreta. Na maior parte dos casos, o TCh tem uma função análoga à do TP.

Depois de considerar a função que o texto traduzido irá ter (bem como a situação comunicativa em que este irá inserir-se), o tradutor deve relembrar o perfil que definiu relativamente ao TP. Só depois de estabelecer uma comparação entre os dois é que pode começar, efectivamente, a trabalhar na tradução, tendo sempre em mente os dados resultantes da sua análise.

Com base no modelo que acabei de descrever e em todos os conceitos que este envolve, enunciarei a tarefa de tradução que me foi apresentada, colocando depois em prática, de forma retrospectiva, o modelo de análise de Nord para poder avançar para a reflexão sobre o trabalho que efectuei. No entanto, antes disso, com o intuito de contextualizar a minha reflexão, procurarei ainda apresentar, na secção que se segue e de forma mais ou menos resumida, o conceito de “tradução técnica”.

## 8. Tradução Técnica

---

É importante, desde já, realçar que, para efectuar a tradução das cerca de 70 páginas do manual de utilizador que me coube traduzir, me orientei por uma tradução já existente de um manual muito idêntico para Português do Brasil que foi facultada pelo cliente para esse efeito. Quando me foi descrita a encomenda de tradução, ainda antes de começar a traduzir, e em vista da necessidade de produção de um Relatório de Estágio, pareceu-me que poderia ser interessante e pertinente retratar e sistematizar as diferenças e semelhanças entre as duas variantes da Língua Portuguesa que fosse encontrando ao longo da tradução e reflectir sobre as mesmas, pelo que, ao longo do processo de tradução, me dediquei a registá-las. Esta tarefa terá também algum peso na minha reflexão crítica.

À primeira vista, o apoio numa tradução de um TP muito semelhante para Português do Brasil pode fazer parecer que o meu trabalho foi bastante facilitado. De facto, a utilidade de um texto quase idêntico já traduzido para Português e utilizado numa situação comunicativa análoga é inegável. No entanto, a utilização deste apoio pode não ser tão simples quanto parece: a variante de Português do Brasil (PB) é, em muitos aspectos, diferente da do Português de Portugal – também designado por Português Europeu (PE) –, como vim a confirmar ao longo do processo de análise e tradução do manual.

Quem nunca teve um contacto mais profundo com a variante de PB poderia, à primeira vista, julgar que, tratando-se de uma tradução de cariz técnico (um tipo de tradução por vezes encarado como mais fácil e até inferior a outros tipos de tradução), o tipo de linguagem, a terminologia e a estrutura frásica utilizados em PB seriam um pouco mais próximos dos utilizados na variante de PE. A tendência, provavelmente, seria pensar que, por exemplo, num texto de cariz literário que envolva linguagem corrente e/ou figuras de estilo mais elaboradas, a diferença entre as duas variantes seria maior e mais notória.

Ora, a perspectiva de que a tradução de textos técnicos é, só por si, um tipo de tradução fácil de realizar uma vez que se tenha acesso à tradução da terminologia técnica utilizada, tem por base uma concepção errada. Não pretendo, neste trabalho, aprofundar o tema da tradução técnica nem a concepção desta como um ramo da tradução inferior e/ou mais fácil de realizar do que outros tipos de tradução; pareceu-me, ainda assim, pertinente abrir um parêntesis para tentar perceber melhor o que é a tradução técnica. No decurso da minha investigação para descobrir alguns aspectos importantes deste tipo de tradução, acabei

por encontrar também argumentos para desmistificar a concepção errónea de que o trabalho que aquela envolve é superficial e de pouca dificuldade.

No sentido de conseguir uma análise mais completa do tipo de texto em questão e explicitar o enquadramento teórico deste, tentarei agora fazer uma breve caracterização da tradução técnica, com base nas informações que fui recolhendo.

À medida que ia consultando a bibliografia a que consegui ter acesso sobre este assunto, fui-me apercebendo de que encontrar uma definição universal, fechada e irrevogável de tradução técnica seria extremamente difícil. Citando Jody Byrne, autor especializado na área da tradução técnica cujo trabalho veio a revelar-se fundamental para a opinião que formei, “[w]hen trying to explain or situate technical translation within a theoretical framework, it is often extremely difficult to know where to begin” (2006, p. 22).

Nas palavras de Fabio Said<sup>6</sup> (2010, p. 77), “[o] conceito de tradução técnica é bastante nebuloso e provoca certa confusão”. Por isso, ao invés de procurar uma definição geral para este conceito ou de tentar encontrar o ponto de vista mais correcto por entre a polémica que existe sobre o assunto, preferi apenas expor as opiniões que me pareceram mais relevantes e tecer algumas considerações importantes sobre este tema, procurando, da melhor forma possível, encontrar uma definição que se enquadre no contexto do meu trabalho.

É importante começar por realçar que a área da literatura técnica (e, por conseguinte, da tradução técnica) é uma área em expansão, pelo que a tradução técnica tem cada vez mais procura. Tal deve-se aos contínuos progressos tecnológicos do mundo actual e, nas palavras de Belinda Maia<sup>7</sup> (2002, p. 19), a uma “rápida evolução do mercado”. A globalização e a constante troca de informação levaram a um progresso incessante das tecnologias: as diferentes indústrias foram-se tornando cada vez mais especializadas e, com esta evolução, a necessidade de precisão aumentou. Para abrir a sua obra *Scientific and Technical Translation Explained*, Byrne (2012, p. 1) cita Isadore Pinchuck<sup>8</sup> precisamente sobre este aspecto: “Scientific and technical translation is part of the process of disseminating information on an international scale, which is indispensable for the functioning of our modern society.”

A definição de tradução técnica é, muitas vezes, procurada por oposição à definição de tradução literária, sendo a primeira não raro encarada como inferior comparativamente à segunda. No seu artigo publicado no volume nº 4 da revista *Génesis*, intitulado “A Tradução

---

<sup>6</sup> Fabio Said é tradutor brasileiro de Inglês e Alemão, autor do livro *Guia do Tradutor: melhores práticas*, e conta com uma vasta experiência no domínio da tradução técnica.

<sup>7</sup> Professora de disciplinas ligadas à teoria da tradução, tradução técnica e terminologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Belinda Maia é autora de várias publicações nestes âmbitos.

<sup>8</sup> Autora da obra *Scientific and Technical Translation* (1977).

Técnica na disciplina de ‘Estudos de Tradução’” (2004), Félix do Carmo<sup>9</sup> cita a preferência de João Barrento<sup>10</sup> (na sua obra de 2002, *O Poço de Babel*) pela tradução literária: “(...) excludo do meu campo de trabalho o texto técnico-científico, cujos problemas de tradução são essencialmente os do rigor terminológico (...)”. No artigo em questão, Félix do Carmo (2004, p. 45) contra-argumenta dizendo que se trata de uma “imagem demasiado simplificada da tradução técnica”.

A opinião de Félix do Carmo coincide com a de Belinda Maia (2002, p. 21), que afirma que “poucos académicos aceitam o facto de que a tradução não-literária [leia-se, a tradução especializada e, por extensão, a tradução técnica] também exige um conhecimento bastante mais profundo do mundo que o ‘simples’ saber línguas e de como usar um glossário especializado.”

A concepção de tradução científica e técnica como o oposto da tradução literária é também abordada por Javier Franco Aixelá<sup>11</sup> no seu artigo de 2004 publicado na revista *JOSTRANS*, em que descreve a evolução histórica daquele tipo de tradução (2004, p. 1). De acordo com o autor, não é preciso retroceder muito na História dos Estudos de Tradução para nos depararmos com a ideia de que a tradução técnica, por oposição à tradução literária, é de fácil realização e que, para traduzir textos técnicos, é apenas necessário ter um bom domínio da terminologia. À tradução técnica, chega até a ser negado o estatuto de "actividade de tradução". Paradoxalmente, esta acaba por ser mais bem remunerada do que a tradução literária, sobretudo por haver menos mão-de-obra devidamente qualificada para realizá-la, de acordo com o autor. Também para Aixelá, a visão redutora e simplista da tradução técnica defendida por outros teóricos está longe de ser correcta.

Apercebi-me, no entanto, ao longo da minha pesquisa, de que a eventual comparação da tradução técnica com a tradução de um estilo de escrita literário para poder defini-la é, por vezes, inevitável. Porém, o limite que separa a tradução técnica da tradução literária é, em boa verdade, pouco definido, não permitindo excluir textos literários do campo da tradução técnica e vice-versa, pelo que prefiro excluir a definição absoluta de uma por oposição à outra, mas não a possibilidade de estabelecer comparações entre as duas. De agora em diante, ao invés de continuar a explorar esta definição da tradução técnica por oposição à tradução

<sup>9</sup> Félix do Carmo é tradutor profissional e proprietário da empresa TIPS – Tradução, Interpretação e Prestação de Serviços, Lda. (consultar <http://www.tips.pt> e <http://www.linkedin.com/pub/f%C3%A9lix-do-carmo/22/711/bb1>).

<sup>10</sup> João Barrento é tradutor literário de Alemão, autor de várias obras, artigos e ensaios na área da Tradução (para mais informações, consultar: <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=6722>)

<sup>11</sup> Javier Franco Aixelá lecciona tradução literária e médica na Universidade de Alicante (Espanha). Tendo sido tradutor profissional durante doze anos, conta com vários artigos publicados acerca da tradução. Para mais informações, consultar: [http://www.jostrans.org/issue11/cv\\_aixela.php](http://www.jostrans.org/issue11/cv_aixela.php).

literária, centrar-me-ei nas suas características para tentar entender com que tipos de texto aquela lida e, possivelmente, aproximar-me de uma definição.

Na procura dessa definição, consultei bibliografia variada, de onde se destacaram alguns nomes e obras relevantes para a minha pesquisa. Em seguida, mencionarei os autores cujas ideias sobre este tipo de tradução foram contribuindo para que desenvolvesse os meus conhecimentos nesta área e viesse, conseqüentemente, a adoptar uma perspectiva sobre o que pode ser a tradução técnica.

Parece-me relevante retroceder até Peter Newmark, cuja obra *A Textbook of Translation* (1988), em que analisa e discute a tradução em geral, inclui um capítulo dedicado apenas à tradução técnica (capítulo 14). Neste capítulo (1988, p. 151), Newmark começa por identificar a tradução técnica como uma parte da tradução especializada, incluindo no seu domínio, além de relatórios técnicos, instruções, manuais, avisos e textos do domínio publicitário. Para o autor, a tradução técnica está muito ligada à área das tecnologias, uma área em constante evolução. A principal característica que permite distinguir a tradução técnica de outros tipos de tradução é a terminologia; no entanto, a terminologia técnica constituirá apenas uma pequena parte dos textos técnicos, de acordo com o autor: “Terminology makes up perhaps 5-10% of a text. The rest is ‘language’” (1988, p. 160).

A terminologia tem, naturalmente, um papel importante na tradução técnica. Contudo, para além de dominá-la, o tradutor deve também entender o texto que está a traduzir: “In a word, to translate a text you do not have to be an expert in its technology or its topic; but you have to understand that text and temporarily know the vocabulary it uses” (*idem*, p. 155). Por outras palavras, é necessário sempre entender um texto na situação comunicativa em que se insere (e não apenas conhecer o vocabulário técnico em causa) antes de poder traduzi-lo correctamente. Citando novamente o autor, “[w]hen you approach a technical text (...) you read it first to understand it (...) and then to assess its nature (...), its degree of formality, its intention (...), the possible cultural and professional differences between your readership and the original one” (*idem*, p. 156). Destaca-se aqui também em Newmark a ideia de que o público-alvo é um factor de extrema importância para moldar uma tradução. Esta ideia será mais tarde defendida também por Byrne (2012, pp.30-42, por exemplo), que coloca a ênfase da tradução técnica no público-alvo e na forma como este entende e recebe o texto técnico.



Na obra *Scientific and Technical Translation*, que resulta de uma parceria entre Sue Ellen Wright<sup>12</sup> e Leland D. Wright Jr.<sup>13</sup> e reúne vários artigos acerca da tradução técnica, são tecidas considerações iniciais (1993, pp. 1-3) sobre este tipo de tradução que os autores designam por “científica e técnica”. Para estes autores, a tradução técnica abrange documentos que utilizem linguagem especializada e engloba várias áreas técnicas, não só ligadas às tecnologias (como defende Newmark) mas também a áreas como a Economia, a Psicologia ou o Direito. Os artigos contidos nesta obra vêm também, de um modo geral, corroborar a ideia de que a tradução técnica não se limita a uma mera transposição de conteúdo técnico de uma língua para a outra: o estilo e o registo bem vinculados deste tipo de texto devem sempre ser tidos em conta pelo tradutor.

A propósito de estilo e registo da tradução técnica, ainda na mesma obra, vale a pena mencionar a perspectiva de Mark Herman no seu artigo *Technical Translation Style: Clarity, Concision, Correctness*. O autor contraria o mito da tradução técnica como mera tradução literal e aponta a clareza, a concisão e a exactidão como os principais objectivos deste tipo de tradução, coincidentes, aliás, com os objectivos da escrita técnica: “Clarity, concision and correctness, the principal goals of technical writing, are simultaneously those of technical translation; an excellent technical translator is an excellent technical writer” (1993, p. 11). Para tal, será, na maior parte dos casos, necessário reformular e adaptar o texto na língua de chegada, evitando a tradução literal: “If the syntactical and lexical features of the source and target languages differ, clarity then requires that the sentences in the target language be completely recast” (*idem*, p. 13).

Inicialmente, grande parte da bibliografia que consultei parecia apontar para uma caracterização dualista da tradução no sentido de definir o conceito de “tradução técnica”. No entanto, a concepção de tradução técnica como “toda a tradução que não seja tradução literária” parecia-me redutora e pouco precisa. Por isso, fui reunindo mais algumas definições, que apresento em seguida, as quais me permitiram aprofundar melhor esta questão e escolher o rumo que tomei na minha investigação.

---

<sup>12</sup> Sue Ellen Wright, tradutora de Alemão para Inglês, certificada pela American Translators Association (ATA), é professora de Tradução Técnica e de Informática Aplicada à Tradução no Kent State University Institute for Applied Linguistics (nos Estados Unidos). Para mais informação, consultar <http://www.kent.edu/mcls/faculty/~swright/>.

<sup>13</sup> Leland D. Wright Jr. foi professor no Kent State University Institute for Applied Linguistics (nos Estados Unidos), onde leccionou Tradução de Espanhol. Tradutor certificado pela American Translators Association (ATA), foi director desta instituição. Foi co-fundador da Northeast Ohio Translators Association.

No seu artigo “Uma Década de Tradução Técnica”, publicado no 4.º volume da revista *Génesis*, Maria Goreti Monteiro<sup>14</sup> (2004, p. 67) apresenta uma definição de tradução técnica que aparenta seguir a mesma linha de pensamento de Wright e Wright Jr.: “(...) entendo por tradução técnica (...) a tradução de textos específicos cujo conteúdo seja de natureza técnica, científica, económica ou jurídica e que forneçam informação sobre algo ou alguém”. Por consequência, “faz-se tradução técnica quando se traduz um livro sobre conceitos básicos de gestão, assim como um catálogo de instruções sobre uma máquina, mas também uma certidão de nascimento ou um processo judicial”.

Sendo todas as áreas até agora mencionadas áreas de especialização científica, é natural que todos os autores mencionem a utilização de terminologia especializada como um factor de grande relevância. Os textos de cariz técnico utilizam o “jargão” específico de cada área científica e quanto mais especializado é um texto, mais complexo e específico este jargão pode tornar-se. Os termos utilizados num texto podem, muitas vezes, ser difíceis – ou mesmo impossíveis – de encontrar em dicionários normais, pelo que um glossário especializado da área científica em que está a trabalhar é uma ferramenta indispensável para um tradutor de textos técnicos. Um glossário não deixa também de ser, no entanto, uma ferramenta algo limitada por poder facilmente ficar desactualizado devido à constante mudança de grande parte da terminologia científica (sobretudo da terminologia relacionada com as tecnologias). A preparação e permanente actualização de glossários é, por isso, uma das tarefas indispensáveis do trabalho de um tradutor.

Na verdade, no decurso de uma tradução de cariz técnico, o tradutor pode, não raras vezes, deparar-se com termos técnicos que, por serem muito recentes ou estarem continuamente em evolução, não existam ainda na língua de chegada com que está a trabalhar. Tal como no mundo das tecnologias, o que hoje é moderno em pouco tempo está desactualizado, o mesmo podendo acontecer com o vocabulário que se utiliza no meio tecnológico, fruto da constante inovação. A este propósito, Félix do Carmo (2004, p. 47) caracteriza o “termo” como uma unidade mutável que, além de estar em constante mudança, pode adquirir “novos significados em diferentes contextos”. Cabe ao tradutor decidir qual a melhor forma de lidar com estas dificuldades, devendo, para isso, ter um bom conhecimento da(s) área(s) terminológicas abrangidas pelos os textos que traduz. Porém, mais do que conhecimento da área, é importante que o tradutor tenha uma boa capacidade de investigação,

---

<sup>14</sup> Maria Goreti Monteiro é professora da área de Tradução na Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Leiria (Instituto Politécnico de Leiria) e escreveu vários artigos e apresentou comunicações na área da tradução.

já que, devido à constante mutação das áreas científicas, qualquer conhecimento pode rapidamente tornar-se desactualizado.

Ainda que a terminologia constitua apenas uma pequena parte de um texto técnico (5-10%, de acordo com Newmark, como mencionei anteriormente) e o tradutor de textos técnicos tenha de ter em conta e saber lidar com muitos outros elementos, uma das questões a que deve prestar maior atenção é a do rigor terminológico. Na tradução técnica, como na tradução em geral, é normalmente importante evitar repetições excessivas. No entanto, este tipo de tradução não é tão propenso à utilização desmedida de sinónimos para evitar a monotonia ou embelezar o estilo de escrita; pelo contrário, se a tradução técnica prima pela clareza e pela precisão, é de extrema importância que a terminologia seja consistente: num texto técnico, utilizar sinónimos para traduzir um mesmo termo pode confundir o leitor ou mesmo redundar em erro. Ao contrário da tradução literária, por exemplo, cujos textos fazem uso criativo de ambiguidades da linguagem para gerar sentido, a tradução técnica exige que haja um grande controlo do sentido, exactamente para evitar ambiguidades.

Foi ao prosseguir com as minhas pesquisas sobre este tipo de tradução que me deparei com o trabalho de Byrne, autor que já citei e cujas palavras vieram clarificar alguns pontos da minha pesquisa e reiterar outros, pelo que julgo importante mencionar, ainda que de forma breve, a sua perspectiva.

Parece-me relevante começar por referir a distinção entre “tradução técnica” e “tradução científica”, algo que ainda não tinha sido sugerido pela bibliografia que havia consultado. A este propósito, diz-nos Byrne (2006, p. 7): “One of the greatest fallacies when discussing technical translation is to somehow lump it together with scientific translation, or worse still, to use the two terms interchangeably”.

De uma forma simplificada, este mesmo autor explica a diferença entre os dois tipos de texto com os quais estes dois tipos de tradução lidam: “(...) while a **technical text** is designed to *convey* information as clearly and effectively as possible, a **scientific text** will *discuss, analyze and synthesize* information with a view to *explaining* ideas, *proposing* new theories or *evaluating* methods” (2012, p. 2).

Assim, temos dois tipos de texto que usam o mesmo tipo de informação com um propósito e uma forma distintos (*idem*):

(...) while the texts may differ and the information may take different forms, their foundations are ultimately built upon largely the same information. However, the way in which this

information is presented and used varies quite significantly between scientific and technical translation.

Esta distinção, nos termos apresentados por Byrne, fez todo o sentido para mim, possibilitando-me concluir que o texto objecto da minha reflexão neste trabalho, sendo um texto que pretendia dar informação e no qual não se analisava e discutia um assunto, se enquadra na categoria de texto técnico.

O autor começa por definir a tradução técnica como “a communicative service provided in response to a very definite demand for technical information” (2006, p. 11). Nesse sentido, e de alguma forma em paralelo com a função do autor do TP, o papel do tradutor será o de permitir que essa comunicação de informação técnica seja efectuada na língua de chegada: “[m]uch like the source language technical writer, the translator’s primary job is to communicate information by means of a text” (*idem*, p. 15).

A propósito também do conceito de tradução técnica, Byrne explica que “the work that has been done in this area has largely been restricted to terminological issues or technical issues” (2006, p. 1). Por isso, em autores e obras mais recentes – tais como Klaus Schubert<sup>15</sup> (2009) ou Byrne (2006 e 2012) – percebi que começava a desenhar-se uma nova abordagem na busca de uma base teórica para este tipo de tradução: a área disciplinar em que se integra. Assim, o trabalho de Byrne veio introduzir na minha pesquisa um novo conceito, intimamente ligado ao da tradução técnica e, no seu ponto de vista, imprescindível para defini-la nos dias de hoje: o de comunicação técnica.<sup>16</sup>

Sobre ela, pode ler-se em Byrne (2012, p. 26): “Technical communication (...) seeks to help an audience understand a subject or to carry out a procedure, it helps people perform things quickly and safely, and may even help readers avoid dangerous situations or making mistakes when using something”. Esta definição pareceu-me bastante adequada ao texto que traduzi no estágio e sobre o qual agora pretendo reflectir, levando-me a efectuar esta investigação sobre tradução técnica, pelo que as palavras de Byrne que cito me confirmaram estar a levar as minhas buscas na direcção certa. É importante realçar que, ainda de acordo com o autor, a comunicação técnica engloba tanto textos técnicos como textos científicos.

---

<sup>15</sup> Klaus Schubert é investigador e professor de linguística computacional aplicada na Universidade de Ciências Aplicadas de Flensburg, Alemanha, tendo-se dedicado também à investigação nos domínios da tradução, da comunicação técnica, linguística computacional, linguística aplicada ou interlinguística. Para mais informações, consultar: [http://www.jostrans.org/issue11/art\\_schubert.php](http://www.jostrans.org/issue11/art_schubert.php).

<sup>16</sup> O conceito de que o tradutor técnico, mais do que traduzir, comunica informação técnica, havia começado já a desenhar-se no artigo de Herman (1993, p. 11), em que este, conforme vimos atrás, associava ao bom tradutor técnico a característica de bom escritor técnico.

Podemos, para já, afirmar que o principal objectivo da tradução técnica é transmitir (ou comunicar) informação técnica, envolvendo, para isso, um tipo de escrita técnica, num contexto técnico. Uma vez que, para Byrne, a tradução técnica se inclui no âmbito da comunicação técnica<sup>17</sup>, é necessário entender esta última, bem como o que ela implica. Se partirmos do princípio de que a tradução técnica é uma forma de comunicação técnica, podemos abordá-la e defini-la tendo em conta este último conceito. Para tal, passo a enumerar algumas características gerais da comunicação técnica que, para mim, se destacaram na obra de Byrne (2012, pp. 25-29).

Este tradutor e académico diz-nos que a comunicação técnica é uma ferramenta criada para ajudar os leitores a entenderem algo ou para lhes transmitir informação. Assim, a comunicação técnica tem leitores-alvo específicos (muitas vezes, estes poderão ser especialistas na área científica a que o texto pertence, algo que também é necessário ter em consideração). Para Byrne, a tradução deve ser feita à medida do leitor e é com este em mente que o tradutor deve moldá-la. De facto, este aspecto parece ter grande importância para o autor que, numa entrevista de 2007, dá prevalência ao leitor e à forma como este recebe um texto e o que pretende dele: "(...) the primary purpose of a technical text is to convey information as clearly and effectively as possible (...). For this, we need to concentrate on the needs and expectations of the target audience. What do they expect and what do they want to use a text for?"

Esta perspectiva não está muito longe da teoria funcionalista, que também coloca ênfase no público-alvo e na forma como a função de uma tradução vai ser cumprida junto deste. No entanto, Byrne centra-se mais no objectivo de a informação ser passada ao leitor da forma mais eficaz possível.

Apesar de na comunicação técnica não se poderem utilizar todas as ferramentas linguísticas, ela também envolve criatividade. No que respeita, especificamente, à tradução de textos técnicos, esta pode ser criativa na medida em que, dadas as limitações linguísticas impostas pela clareza que a linguagem técnica exige, o tradutor tem de utilizar da melhor forma possível as ferramentas linguísticas limitadas de que pode fazer uso. A criatividade pode ter que ser utilizada, nomeadamente quando há limitações de espaço (que podem ser

---

<sup>17</sup> Para mais sobre o posicionamento da tradução técnica na disciplina de Estudos de Comunicação Técnica e o seu enquadramento nesta disciplina, é também interessante a leitura do artigo publicado por Klaus Schubert no *Journal of Specialised Translation*, intitulado "Positioning Translation in Technical Communication Studies". Neste artigo, Schubert propõe uma disciplina que lide com o ciclo de vida completo de um documento técnico, desde que este é criado até que é produzido noutras línguas, passando por um processo de tradução. Assim, o processo de tradução técnica faria parte de um processo ainda mais abrangente de comunicação técnica.

frequentes em documentos técnicos, sobretudo se estes tiverem imagens ou pré-formatações que tenham de ser respeitadas no TCh).

O tema das limitações em termos de espaço remete-nos para uma outra característica dos documentos técnicos e, por conseguinte, da comunicação técnica: apesar de se pretender que um texto técnico seja o mais claro possível logo à partida, muitas vezes, nos textos técnicos, são utilizadas imagens para clarificar conceitos e ajudar a entender informação. Sobre as imagens em textos técnicos, diz-nos Maribel Tercedor<sup>18</sup> (2009, p. 146): “images are decorative, representational, interpretative, organisational and transformational devices which contribute to a deeper comprehension of specialised concepts”. De facto, as imagens, muitas vezes indispensáveis para que a informação técnica seja bem transmitida, são um elemento muito característico da tradução técnica, não se limitando necessariamente a ilustrar o texto de forma neutra, pelo que é também necessário que o tradutor saiba identificar claramente a sua função em cada contexto.

Descritos estes aspectos importantes da comunicação técnica e, por conseguinte, da tradução técnica e científica, parece-me possível afirmar que fui desenhando um esboço suficientemente sólido do conceito de tradução técnica que poderá servir de base à reflexão crítica que pretendo de seguida apresentar.

Confirmei, com as pesquisas efectuadas, a minha afirmação inicial de que a tradução técnica e científica é difícil de definir ou, pelo menos, não é fácil encontrar uma definição abrangente e que, ao mesmo tempo, estabeleça limites bem delineados.

A definição de tradução técnica e científica por oposição à tradução literária não serve os propósitos desta discussão, visto que a tradução técnica pode ter aspectos que, normalmente, pertencem ao âmbito da tradução literária, e vice-versa. Por isso, torna-se mais útil e preciso definir a tradução técnica enquadrando-a num processo de comunicação técnica, em que há uma intenção de comunicação de informação de forma eficaz e clara.

Assim, e tendo em conta o que acabei de expor, posso afirmar sucintamente que, de um modo geral, a tradução técnica envolve a comunicação de informação de vários domínios científicos a leitores que necessitam desta informação para realizarem tarefas ou tomarem decisões informadas.

Poderia aprofundar ainda mais este tema e as questões que, ainda hoje, continuam a ser fortemente debatidas e a dividir as opiniões dos teóricos, mas penso ter definido a tradução técnica no âmbito do meu projecto de tradução que, em última análise, era o que

---

<sup>18</sup> Maribel Tercedor é professora de tradução científica e técnica na Faculdade de Tradução e Interpretação da Universidade de Granada.

pretendia. Mais pontos de vista haveria, certamente, para investigar e descrever (veja-se, por exemplo, Byrne, 2006, pp.22-45, em que o autor discute várias abordagens da tradução do ponto de vista da tradução técnica), mas uma abordagem aprofundada da tradução técnica não é o objectivo deste trabalho. Tendo já procurado estabelecer um enquadramento teórico para o tipo de trabalho efectuado no estágio, passarei finalmente à análise e reflexão crítica do manual de utilizador em que trabalhei nesse âmbito.

# 9. Identificação e Caracterização da Tarefa de Tradução

---

## 9.1. Situações Comunicativas

---

Antes de me debruçar sobre a análise do texto e os problemas de tradução e adaptação que este suscitou, importa descrever e entender as situações comunicativas dos textos de partida e de chegada e enunciar a tarefa de tradução que me foi proposta, elementos fundamentais e imprescindíveis para uma abordagem funcionalista da tradução como a que decidi adoptar. Tal como descrito anteriormente no presente trabalho, neste tipo de abordagem, a tradução não depende apenas do TP e do que este transmite. Pelo contrário, a tradução vai depender de muitos outros factores que não apenas o texto em si (isto é, o texto como um conjunto de palavras que fazem sentido).

Será, assim, importante reflectir sobre os factores externos relativos ao TP e descrever a situação comunicativa de chegada, guiando-me pelo modelo de análise de Christiane Nord que apresentei.

Convém ressaltar que, regra geral, o tradutor acaba por interiorizar este processo de análise, o qual se torna, assim, fluido e quase intuitivo. Por esse motivo, a minha análise não seguirá necessariamente a ordem de factores que utilizei na descrição do modelo de Nord. Uma vez que, como já referido, e a própria autora sublinha<sup>19</sup>, estes factores estão quase sempre interligados e são em grande medida interdependentes, não os tratarei separadamente. Parece-me também que, para os propósitos deste trabalho, será de maior utilidade efectuar uma análise que demonstre como os factores se relacionam e conjugam para estabelecer uma determinada situação comunicativa. O mais importante é um conhecimento o mais detalhado possível das situações comunicativas envolvidas no processo de tradução, que pretendo descrever em seguida.

Antes disso, no entanto, afigura-se-me necessário fazer a caracterização da encomenda de tradução correspondente ao texto que tive em mãos, para que melhor se perceba o contexto em que a tradução foi efectuada e de que modo esse contexto influenciou também o meu trabalho.

---

<sup>19</sup> Na já mencionada obra em que descreve e fundamenta o seu modelo de análise (Nord, 1991), a autora dedica dois subcapítulos à interdependência dos factores textuais, tanto externos (pp. 75-78) como internos (pp. 127-129).



A tradução do manual de utilizador em questão foi encomendada à Traversões, em finais de Dezembro de 2011, por um dos seus clientes mais regulares: uma empresa médica especializada na área da oftalmologia que já referi no início deste Relatório como sendo um dos mais importantes clientes da Traversões. Dada a necessidade de manter o nome do cliente confidencial, este será designado por “Empresa X” no presente Relatório. Tal como muitos outros já traduzidos pela Traversões para este cliente em particular, este manual descreve um produto específico da Empresa X e ajuda a perceber como utilizá-lo de forma correcta. A informação contida no texto em causa é de extrema importância, referindo-se a um produto de uma área de especialização que lida com a saúde do ser humano e, mais importante ainda, com um órgão de extrema sensibilidade: o olho humano.

O Manual X foi emitido, na sua versão original (em Inglês), nos Estados Unidos, em Outubro de 2011. Tratando-se de um manual de utilizador, este texto tem por objectivo ensinar os profissionais de saúde a lidar com o sistema de cirurgia oftalmológica a laser a que se refere.

Assim sendo, o TP com que tive de lidar foi elaborado pela própria Empresa X. Esta informação é indicada logo nas primeiras páginas do próprio manual. Tanto o TP como o texto que tive de produzir se destinam a um público-alvo restrito: profissionais de saúde da área de oftalmologia (maioritariamente cirurgiões) que pretendam utilizar o sistema específico de cirurgia oftalmológica a laser produzido pela Empresa X.

Dado tratar-se de um aparelho cuja utilização requer formação e conhecimentos específicos, tanto a nível médico como a nível tecnológico, é de extrema importância que todas as suas especificações sejam descritas de forma clara e o mais pormenorizada possível, para que este possa ser utilizado sem risco de acidentes. Para o efeito, uma empresa que produza tal aparelho tecnológico tem o dever de providenciar um manual com instruções e avisos relativos a todos os aspectos que a utilização deste sistema possa implicar, descrevendo a forma correcta de utilizá-lo.

No manual são descritos os componentes do sistema e a respectiva forma de utilização, mas é também referida a responsabilização legal da Empresa X relativamente ao correcto funcionamento e desempenho do sistema e ainda apresentada a declaração de que este está em conformidade com o exigido por lei. Por este motivo, além de um documento de cariz tecnológico com uma função informativa, pode considerar-se que este documento apresenta também uma vertente legal.

Relativamente à situação comunicativa de chegada, pode dizer-se que é análoga, em quase todos os aspectos, à situação comunicativa que descrevi para o TP. Foram, por isso, os

factores internos que ajudaram a determinar em maior pormenor as adaptações que era necessário efectuar no decurso do processo de tradução para que o TCh fosse adequado à cultura em que iria inserir-se, a portuguesa. De acordo com as informações de que dispunha, os factores emissor, canal, motivo, intenção e função seriam os mesmos: o meu TCh seria, igualmente, emitido pela Empresa X e distribuído a par com o sistema com o propósito de informar os utilizadores do aparelho sobre a sua utilização correcta. As únicas diferenças residiram nos factores data, receptor e local.

Relativamente ao factor “data”, a publicação da tradução por mim efectuada não se verificaria muito tempo depois da publicação do texto original. Deveria apenas ter a preocupação de averiguar se alguma da terminologia técnica que já tivesse sido utilizada em projectos anteriores havia sofrido alterações (devido à evolução constante verificada na área de especialização em questão) desde a última actualização da memória de tradução, o que não se verificou.

O público-alvo da minha tradução seria também muito semelhante ao público-alvo do TP: o manual de utilizador traduzido destinava-se a ser utilizado maioritariamente por profissionais de saúde da área de especialização em questão (cirurgia oftalmológica). Contudo, apesar de o perfil dos receptores ser praticamente o mesmo, estes não deixavam de pertencer a uma cultura distinta, orientada por uma língua diferente. Esse facto leva-nos ao factor “local”: a publicação do TCh em Portugal teria, obviamente, implicações mais profundas no processo de tradução, relacionadas, maioritariamente, com as convenções culturais da área e com as convenções relativas à linguagem técnica e à estruturação do discurso técnico na Língua Portuguesa.

Visto que, como foi referido, a Empresa X é já um cliente habitual da Traversões, especialmente no que diz respeito à tradução de manuais de utilizador, existia na empresa onde estagiei uma vasta memória de tradução específica com a qual pude trabalhar e que utilizei para consultar e confirmar, à medida que traduzia, grande parte da terminologia e da estrutura frásica tão características deste tipo de texto.

Além da memória de tradução geral que já existia para projectos da Empresa X, como já mencionei, foi-me facultada ainda uma outra memória mais específica que se revelou de grande utilidade para o meu processo de tradução: uma memória resultante do alinhamento de uma tradução de um manual de utilizador muito semelhante a este, embora para Português do Brasil.

Consequentemente, no caso específico da tradução em análise, além das necessárias adaptações decorrentes do TP, foi também necessário ter em conta as alterações que deveriam

ser efectuadas relativamente à tradução que me serviu de apoio. De certo modo, pode dizer-se que trabalhei com a tradução para PB como um segundo TP. Não foi necessário efectuar uma tradução deste no sentido de “verter de uma língua para a outra”, mas houve, de certo modo, uma tradução deste texto também: a versão de uma variante para a outra e de uma cultura para outra cultura também foram efectuadas. Tive igualmente de ter em conta os aspectos culturais que exigiriam adaptações às partes do texto que já se encontravam traduzidas. Por este motivo, considero oportuno deixar também uma breve nota sobre os factores extratextuais deste “TP secundário”.

Mais uma vez, a situação comunicativa do TCh assemelha-se à situação comunicativa de partida, diferindo os dois textos, no que aos factores externos diz respeito, na data, local de publicação e receptor. Relativamente ao texto de apoio, convém também salientar que este constitui a tradução de uma versão anterior do manual que me foi dado para traduzir. A publicação da versão de PB que me foi facultada data de Julho de 2011.

É de notar também que, apesar de este texto de apoio se referir a uma versão anterior do mesmo manual, as duas versões não diferem muito: a terminologia técnica utilizada não sofreu alterações e a estrutura e/ou a informação de algumas frases foram apenas ligeiramente alteradas. A maior diferença reside na introdução de um número considerável de novas frases na versão mais recente do TP, para as quais, naturalmente, o texto em PB em questão não tinha uma tradução.

Os receptores deste texto são, novamente, profissionais de saúde utilizadores do equipamento relativamente ao qual o manual instrui. Sendo o manual publicado no Brasil, a cultura de chegada é diferente, o que torna esta terceira situação comunicativa distinta das duas já descritas. Por tal motivo, o texto em PB que me foi facultado como apoio não podia ser, de modo algum, utilizado no meu processo de tradução sem qualquer tipo de filtragem, pelo que o meu trabalho, além de tradução, envolveu revisão e adaptação do texto previamente traduzido. Este tópico será, também, oportunamente desenvolvido.

## **9.2. Considerações sobre o TP e o Tipo de Texto em Análise**

---

Descritas em termos gerais as situações comunicativas envolvidas no processo de tradução, debruçemo-nos agora sobre mais alguns aspectos que se prendem com este tipo de texto técnico (e com o manual, em particular) que tive de ter em conta.

A importância de textos técnicos como o manual do utilizador em questão reside no facto de servirem como guias de utilização cujas recomendações têm de ser impreterivelmente seguidas; caso contrário, o risco de acidentes decorrentes da utilização das tecnologias em questão poderá ser elevado. Por este motivo, além de instruir sobre a utilização do equipamento, um manual de utilizador deve também alertar para a utilização daquele com as precauções adequadas.

A responsabilidade do tradutor é, por isso, acrescida, pelo que, no caso em discussão, o cuidado com a lealdade à intenção do emissor e com a fidelidade aos conteúdos deve igualmente ser redobrado. Se é importante que haja, em todas as tarefas de tradução, uma correcta interpretação dos conteúdos para que estes possam ser depois reproduzidos com clareza e sem ambiguidades na língua de chegada, na tradução de um manual de utilizador, tal torna-se indubitavelmente indispensável. Assim, é necessária a utilização de uma linguagem directa e sem ambiguidades, uma vez que qualquer informação transmitida erradamente ou de forma pouco clara pode ter repercussões muito graves.

Tratando-se de um texto de cariz técnico e, além disso, de natureza maioritariamente informativa e instrutiva, obedece a uma estrutura específica, própria deste tipo de textos. Basta observar o índice do manual para perceber que se pretendeu abranger todas as situações e ocorrências possíveis. Senão, vejamos, por ordem, os conteúdos incluídos:

- Breve descrição geral do equipamento e do seu propósito;
- Indicação dos cuidados a ter e dos riscos advindos da utilização do equipamento;
- Descrição dos elementos de segurança que o equipamento inclui;
- Descrição pormenorizada do equipamento e de todas as suas componentes;
- Descrição dos controlos e indicadores do sistema;
- Requisitos eléctricos e ambientais do sistema;
- Guia para os procedimentos que podem ser efectuados com o equipamento;
- Instruções de calibração do equipamento;
- Indicações relativas à manutenção, assistência técnica e resolução de problemas;
- Informações sobre a garantia do equipamento.

Desta observação podemos inferir que tal como esperado, o texto tem um carácter maioritariamente descritivo e informativo (para que o utilizador tenha um conhecimento

profundo do equipamento que está a usar), mas também apelativo (de forma a alertar o utilizador para uma correcta utilização).

Por vezes, em culturas diferentes, o mesmo tipo de texto pode ter estruturas diferentes, em resultado de convenções diferentes. Porém, não é esse o caso neste texto específico, pelo que foi mantida a mesma estrutura e ordem de conteúdos.

O equipamento em questão, como já referido, é um sistema de auxílio na cirurgia oftalmológica a laser. Este sistema é indicado para a cirurgia de remoção do cristalino em pacientes que sofram de catarata. A catarata consiste numa opacidade do cristalino (a lente natural do olho), que impede o paciente de ver correctamente: com o avanço da idade, as proteínas do cristalino começam a degenerar, fazendo com que este se torne opaco e com que a visão do paciente se torne turva.

O único tratamento eficaz para a catarata consiste na remoção do cristalino, seguida da colocação de uma nova lente (artificial) no olho. O sistema de laser cujo manual de utilizador traduzi permite efectuar incisões na córnea, tornando mais fácil a remoção do cristalino. A componente de laser é controlada por computador, dispondo de um *software* específico para o efeito. Assim, é necessário que o manual abranja todas estas áreas com as quais o utilizador terá de interagir ao lidar com este sistema e, por este motivo, o texto contém inúmeros exemplos de vocabulário especializado de outras áreas científicas que não apenas a área da oftalmologia, como procurarei ilustrar.

A partir de uma análise lexical, pude observar que o manual continha terminologia técnica de diferentes áreas científicas, de entre as quais se destacam:

- ♦ Medicina (em particular, da oftalmologia). São exemplo as expressões e vocábulos *cornea* (“córnea”), *lens* (“cristalino”), *corneal epithelium* (“epitélio da córnea”), *pupil dilation* (“dilatação da pupila”) ou *severe basement membrane disease* (“doença grave da membrana basal”);
- ♦ Informática (maioritariamente relacionada com o sistema operativo utilizado para controlar o sistema de laser), da qual são exemplo termos como *software* (“*software*”), *touch screen* (“ecrã tátil”), *touch pad* (“*touchpad*”) ou *login* (“início de sessão”);
- ♦ Óptica e laser, das quais são exemplo *laser beam* (“feixe de laser”), *laser pulses* (“pulsos de laser”) ou *aiming device* (“dispositivo de mira”);

- ♦ Electrotécnica (relacionada, sobretudo, com a descrição de controlos, indicadores e fontes de energia do sistema): terminologia como *rocker switch* (“interruptor basculante”), *transformers* (“transformadores”) ou *indicators* (“indicadores”) é recorrente.

Em termos de sintaxe, observei também estruturas que se repetem sistematicamente e que são características de textos com instruções e indicações. São exemplos:

- ♦ Tempos verbais imperativos, tais como “*press the button*” (“prima o botão”) ou “*review the summary*” (“reveja o resumo”);

- ♦ Verbos no Futuro (especificamente no TCh), tais como “...será ativado...”;

- ♦ A utilização dos verbos *should* (“deve/deverá/tem de/terá de”), e *can* (“pode/poderá”) seguidos de Infinitivo;

- ♦ E a utilização de estruturas condicionais, como, por exemplo:

- “*If the unit power cord is frayed (...) do not use the unit until the cord has been replaced.*” (“Se o cabo de alimentação da unidade apresentar sinais de desgaste (...), não use a unidade até que o cabo seja substituído”).

Em termos de estrutura do documento e de componentes lexicais, o TCh não poderia diferir muito do TP, dado que teria igualmente a função de informar, instruir e advertir. Ainda se em culturas diferentes, para este tipo de texto técnico não seriam necessárias alterações significativas a nível estrutural entre os dois textos, visto que a estrutura utilizada no TP funciona igualmente bem na cultura de chegada.

Verifiquei, no entanto, que por vezes foi necessário alterar a estrutura sintáctica de algumas frases para as adequar às convenções da Língua Portuguesa. Foi igualmente necessário juntar, no TCh, duas ou mais frases do TP para que houvesse um discurso mais fluido e com frases mais longas, algo mais característico também da língua de chegada em questão. Posteriormente neste trabalho, apresentarei exemplos em que é possível observar-se uma alteração de estruturas (nomeadamente, no que diz respeito a estruturas passivas).

Um outro elemento específico deste texto que tive de ter em atenção foi a utilização de imagens. As imagens, que surgem a par com o texto, destinavam-se a ilustrar sobretudo algumas das componentes do sistema e alguns ecrãs específicos do sistema operativo utilizado para controlar o equipamento em causa. O facto de o texto conter imagens não tornou necessária a adaptação da tradução devido a restrições de espaço, embora seja frequente tal acontecer quando há imagens inseridas no corpo de texto. Apenas foi preciso traduzir legendas de algumas imagens, para as quais não houve necessidade de respeitar limites de espaço. Estando as ilustrações inseridas entre parágrafos, não eram afectadas pelo texto nem o afectavam. Apenas foi necessário verificar se, na tradução, as imagens se mantinham na mesma página e, caso tal não se verificasse, alterar a respectiva paginação no índice.

O cliente também não impôs limites ao corpo de texto em si: os parágrafos e as frases poderiam ser mais curtos ou mais longos na língua de chegada, desde que a paginação inserida no índice fosse ajustada no final.

Resta ainda esclarecer, relativamente à encomenda, que foi necessário confirmar junto do cliente se a tradução já deveria ser efectuada nos termos do novo Acordo Ortográfico, visto que este havia recentemente entrado em vigor. A resposta tardou alguns dias, pelo que a tradução foi iniciada de acordo com a antiga ortografia. Mais tarde, no decurso do meu trabalho, a Traversões recebeu resposta afirmativa da Empresa X, pelo que o TCh teve de ser posteriormente alterado de forma a respeitar o novo acordo.

Tanto quanto consegui apurar, esta encomenda de tradução processou-se de forma ligeiramente diferente do normal face às encomendas de tradução do mesmo cliente para a Traversões: não é habitual serem facultadas, juntamente com as encomendas de tradução, traduções para PB como apoio para os trabalhos efectuados. Talvez por saber que, para este trabalho, haveria um bom ponto de referência (a tradução para PB), a Dra. Filipa Azevedo decidiu atribuir-mo. Assim, e visto que o texto de apoio (e a respectiva tradução) era bastante semelhante ao texto cuja tradução foi encomendada (cerca de 80% do texto em Inglês era exactamente igual ou muito semelhante), iniciei o meu trabalho, tendo sempre em conta a mencionada tradução para PB.

Além de ter sido o primeiro trabalho com este volume de páginas que efectuei (68 páginas, tal como descrito no Quadro 1), a tradução deste manual permitiu-me entrar em contacto com uma metodologia totalmente nova para mim: a tarefa não se resumiu a um mero trabalho de tradução, mas a uma combinação entre tradução e revisão. Esta posição “híbrida” em que me encontrei acabou por tornar este projecto ainda mais desafiante e interessante para utilizar como base de reflexão para o presente relatório de estágio.

O trabalho envolveu revisão no sentido em que, observando excertos do texto já traduzido, este me parecia correcto, pelo que apenas era necessário substituir terminologia que não era traduzida da mesma forma ou ajustar ligeiramente a estrutura sintáctica ao estilo geral da minha tradução ou à cultura de chegada em si. Essa é, de facto, uma grande parte do trabalho de revisão: sugerir ligeiras adaptações do texto e confirmar que este é coerente do início ao fim e consistente em todos os aspectos (nomeadamente no aspecto lexical, quando falamos de tradução técnica, já que o rigor terminológico é também de extrema importância para evitar ambiguidades).

O trabalho de revisão inclui, no entanto, uma outra componente de extrema importância: a do respeito pelo trabalho do tradutor. Como produtor/autor do TCh, o tradutor tem alguma liberdade linguística, que lhe permite, até um certo ponto, tomar opções de acordo com as suas preferências estilísticas. O revisor terá também as suas próprias preferências; no entanto, como agente unificador do texto, cabe-lhe aceitar as preferências do tradutor e respeitá-las, se estiverem correctas.

Poderia, pois, colocar-se a seguinte questão: já que o meu trabalho compreendia aspectos de revisão, deveria eu, como “revisora”, ter em consideração as preferências do tradutor do texto de PB? Facilmente se entenderá que não: embora com o auxílio de outro texto (correspondente a uma versão de tradução que, para este projecto, era tudo menos definitiva), eu estava a produzir o meu próprio TCh. Além disso, como já mencionado, o factor “cultura de chegada” fez com que tivesse, necessariamente, de fazer adaptações.

Tal como acontece quando um TP passa por um processo de tradução, ao sujeitar o texto em PB a este trabalho de “revisão”, pude produzir o meu próprio texto a partir da análise das palavras de outrem. Neste aspecto existe, no entanto, uma diferença: quando utilizei a tradução em PB como base, não foi necessário efectuar a versão, a partir de uma língua estrangeira, para a minha língua materna. Naturalmente, estava a verter do Inglês para o Português, mas, nos casos em que já tinha uma tradução para PB, o que aconteceu com alguma frequência foi ter de rever e adaptar uma tradução já existente.

Terá, então, sido mais fácil traduzir com esta metodologia de trabalho? Contrariamente à primeira impressão que tive, a tradução em questão não foi muito fácil de realizar. Dispondo eu já de traduções para grande parte da terminologia técnica (em memória de tradução) e de uma tradução para a Língua Portuguesa (ainda se para PB), seria de esperar que o ritmo de trabalho fosse mais acelerado e o grau de dificuldade fosse menor do que foram na realidade. No entanto, ainda que o facto de estar em estágio me colocasse numa posição em que me era permitido cometer erros, senti que tinha uma responsabilidade



acrescida: mediante estes factores facilitadores de trabalho, a minha tradução deveria ser o mais exemplar possível.

À medida que ia traduzindo, a tradução em PB ia surgindo no Trados Studio, caso determinado segmento já se encontrasse traduzido na memória de tradução que havia sido criada com o texto de auxílio, o que ajudou a orientar-me.<sup>20</sup> Em alguns casos, o tempo que demoraria a traduzir um segmento foi drasticamente reduzido: a tradução para PB era bastante precisa, o que me permitiu fazer uso dela alterando apenas pequenos detalhes. Contudo, noutras situações, a tradução não se afigurou tão útil para o meu trabalho, pelo que foi necessário reformular profundamente o texto que já existia ou mesmo apagá-lo e começar do zero.

Consequentemente, o tempo que conseguia poupar quando não era necessário fazer muitas alterações à tradução de determinado segmento acabava por ser anulado quando tinha de reformular por completo uma frase já traduzida: apesar de reconhecer que determinada frase estava traduzida de uma forma que em PE não faria sentido, tornava-se mais difícil desvincular-me da estrutura de uma tradução que tinha acabado de ler. Analisando agora a situação com algum distanciamento, parece-me que estes segmentos me terão consumido mais tempo do que se os tivesse traduzido *ab initio*, sem interferência de uma tradução já existente. Mais à frente apresentarei exemplos destes casos.

O balanço, muito geral, que posso desde já fazer acerca da utilização desta metodologia de trabalho é o seguinte: foi, de facto, muito prático ter um texto pré-traduzido, que acabou por me dar alguma segurança. Algumas das estruturas frásicas já apresentadas revelaram-se úteis para poupar tempo no decurso da minha tradução. Porém, julgo poder concluir que o tempo que demorei a alterar algumas dessas estruturas acabou por neutralizar o tempo que tinha ganho. Apesar disso, julgo que este método foi bastante útil para uma principiante no mundo da tradução profissional, tranquilizando-me um pouco o facto de já ter algo com que trabalhar em termos do TCh. Posso, portanto, concluir desde já que este trabalho de “revisão” teve um impacto muito positivo no meu processo de tradução.

---

<sup>20</sup> No Trados Studio 2011, o texto é automaticamente dividido em segmentos. Por predefinição, a cada sinal de dois pontos ou ponto final, o programa introduz um novo segmento. Para me orientar mais facilmente, utilizei a segmentação feita por esta *CAT tool* enquanto tirava notas para uma futura reflexão e crítica sobre o meu trabalho.

# 10. Variantes da Língua Portuguesa e Dificuldades de Tradução

---

## Comentário e Reflexão sobre Alguns Aspectos da Tradução Efectuada

---

Como já mencionei, quando me foi descrita a encomenda de tradução, pensando que poderia utilizar esse projecto como matéria para aprofundar o meu Relatório de Estágio, pareceu-me que seria interessante ter a possibilidade de sistematizar as semelhanças e disparidades entre as duas variantes da Língua Portuguesa que fosse encontrando neste texto técnico em específico. Assim, durante a fase de tradução, fui tirando notas relativamente a este assunto, as quais pretendo agora partilhar, reflectindo sobre elas. Assim sendo, neste terceiro ponto do meu trabalho, irei, mais do que analisar problemas de tradução de vários tipos, apresentar as diferenças e semelhanças que encontrei e debruçar-me especificamente sobre problemas e dificuldades de tradução que daí advieram.

Ressalvo desde já que, por motivos de confidencialidade, na minha crítica de tradução evitarei reproduzir excertos demasiado longos do texto, e todas as referências que possam ser associadas à empresa que encomendou o serviço de tradução serão eliminadas ou substituídas por equivalentes. No entanto, tentarei sempre introduzir o contexto dos exemplos transcritos da forma mais completa possível, explicando a sua relevância para a análise e crítica do meu trabalho.

Antes de continuar, e guiando-me por Maria Antónia Hörster (1999, p. 35), convém fazer a distinção que Christiane Nord propõe entre dificuldades e problemas de tradução. Nas palavras de Hörster, “[Nord] faz a distinção entre dificuldades e problemas de tradução, considerando as primeiras de ordem subjectiva e estritamente relacionadas com o grau de conhecimentos e a competência de cada tradutor, e os segundos, de natureza objectiva e generalizável.” De facto, mais do que problemas de tradução, encontrei algumas dificuldades que – parece-me – se prenderam com o facto de ter pouca experiência como profissional de tradução, sobretudo, no que se refere à tradução técnica de manuais de utilizador.

Além das naturais dificuldades relativas à pesquisa e utilização de terminologia técnica, senti algumas dificuldades em termos da formulação na língua de chegada. Foi também difícil, por vezes, encontrar rapidamente boas soluções de tradução. Houve situações em que, temendo perder demasiado tempo, tive de avançar e traduzir o segmento seguinte, mesmo sentindo que a minha tradução estava longe de poder ser considerada perfeita. Houve

ainda casos em que, enquanto traduzia, pensei que tinha conseguido um resultado bastante satisfatório, mas, confrontada com o trabalho de revisão da minha orientadora de estágio na empresa ou reflectindo sobre o meu próprio trabalho posteriormente, concluí que poderia ter feito uma melhor tradução.

Em termos mais gerais, uma das maiores dificuldades que acabei por sentir foi a de por vezes não conseguir desvincular-me da tradução de PB que me foi disponibilizada como apoio. Se, no *software* de tradução, estamos a traduzir um segmento e nos é logo apresentada uma tradução, é difícil não ficarmos condicionados à partida por aquela solução. Por isso, tive de fazer um esforço consciente para me afastar da estrutura frásica ou mesmo do léxico utilizado, quando reconhecia que a tradução que me era apresentada não era adequada. Vejamos o seguinte exemplo<sup>21</sup>:

**Segmento 27**

EN	Please direct all inquiries regarding this manual or for service assistance to [Nome da Empresa; Morada].
PB	Encaminhe todas as suas dúvidas em relação a este manual ou à assistência técnica para a [Nome da Empresa; Morada].
PE	Todas as dúvidas em relação a este manual ou à assistência técnica deverão ser encaminhadas para a [Nome da Empresa; Morada].
Rev.	Em caso de dúvida em relação a este manual ou à assistência técnica, contacte a [Nome da Empresa; Morada].

Comparando as três versões de Português em sequência, pela ordem em que surgem na tabela, parece-me que foram sendo gradualmente melhoradas. Naturalmente, ao ler a tradução para PB, não foi difícil perceber que esta poderia ser melhorada em termos sintácticos. A utilização de um Imperativo no início de uma frase, em PE, é mais comum neste tipo de texto para uma lista de passos a seguir, por exemplo. Por este motivo, em minha opinião, não faria sentido manter o Imperativo no PB (“encaminhe”). Nesta frase, que se encontrava logo no início do manual (juntamente com a responsabilização da empresa pelo conteúdo do mesmo), pareceu-me mais pertinente colocar a ênfase no facto de existirem dúvidas (para poder depois

<sup>21</sup> Nas tabelas que se seguem para a análise e crítica da minha tradução, “EN” refere-se ao texto em Inglês, “PB” ao texto em Português do Brasil, “PE” à minha tradução para Português Europeu e “Rev.” à revisão efectuada pela orientadora de estágio e revisora na empresa. Cada quadro apresenta um “segmento”: os segmentos correspondem, normalmente, a uma frase e estão numerados de acordo com a segmentação automática que o Trados Studio efectuou para este projecto.

informar que a empresa poderia ser contactada) e, portanto, optei por começar a frase por aí. Assim, alterei a estrutura da frase e tornei-a mais formal através da utilização de um verbo no Futuro (“deverão”).

Comparando agora a minha tradução com o texto revisto, verifico que aquela poderia ter sido melhor e mais simplificada. Além disso, a estrutura “Em caso de dúvida...” é bastante frequente neste tipo de texto, pelo que deveria ter-me ocorrido utilizá-la. Este foi um dos casos em que, tendo visto a pré-tradução para PB e talvez, como referi atrás, pela pouca experiência de trabalho em textos deste tipo, a minha tradução não foi tão bem conseguida quanto poderia ter sido.

Ainda sobre o excerto transcrito, é de ressaltar uma adaptação que foi necessário fazer tendo em conta a cultura de chegada: no texto final, teve de ser introduzida a morada da delegação da empresa em Portugal, algo de que a revisora se encarregou, provavelmente a pedido do cliente. A morada constante do texto original remetia, naturalmente, para a delegação da empresa nos Estados Unidos em caso de dúvida por parte do utilizador do TP.

De facto, olhando agora com algum distanciamento para o meu trabalho, noto que, não obstante a utilidade da tradução de apoio para PB, esta parece ter-me condicionado o raciocínio, por vezes. Veja-se mais um excerto que traduziria agora de forma totalmente diferente:

### Segmento 1011

EN	However, the following internal calibration procedures are available to the user.
PB	No entanto, os seguintes procedimentos de calibração interna são disponíveis ao usuário.
PE	No entanto, os seguintes procedimentos de calibração interna podem ser feitos pelo utilizador.
Rev.	No entanto, os seguintes procedimentos de calibração interna podem ser feitos pelo utilizador.

Neste segmento específico, é clara a minha adopção da estrutura que já tinha na tradução de PB. Sabia, claro, que “user” não poderia ser traduzido por “usuário” (bastou uma rápida pesquisa na memória de tradução para ter a certeza), termo que, normalmente, não se utiliza neste contexto em PE. A passiva “os seguintes procedimentos (...) são disponíveis ao...” também se destacou logo como uma estrutura pouco natural em PE. Ainda assim, a “adaptação” a que cheguei parece-me, agora, longe de satisfatória, ainda que, na altura, tenha

sido corroborada pela revisora, como se verifica pela coincidência da minha proposta e da versão revista.

Com algum distanciamento, preferiria agora ter utilizado o verbo “efetuar” (de acordo com o novo AO, que deveria ser utilizado para a tradução) em vez do verbo “fazer”, por ser mais formal, e arriscaria mesmo uma tradução que implicasse uma completa reestruturação da frase, como por exemplo: “No entanto, o utilizador poderá efectuar os seguintes procedimentos de calibração interna”. Esta é, assim, uma das situações demonstrativas do pré-condicionamento que o texto de PB colocou à minha tradução.

Não se pense, contudo, que a tradução de apoio de PB não apresentava boas soluções que, na altura, me pareceram correctas e que, por isso, usei, quase na íntegra, para a minha própria tradução. Vejamos, por exemplo:

**Segmento 48**

EN	Adult patients should be scheduled to undergo cataract extraction.
PB	Os pacientes adultos devem ser submetidos à extração de catarata mediante agendamento prévio.
PE	Os doentes adultos devem ser submetidos à extração de catarata mediante agendamento prévio.
Rev.	Os doentes adultos devem ser submetidos a cirurgia programada de extração da catarata.

À primeira vista, e para uma tradutora inexperiente, poderia não parecer fácil encontrar uma tradução não literal da passiva presente no original “patients should be scheduled”, pelo que, quando vi a tradução de PB, esta me pareceu bastante adequada: o/a tradutor/a de PB atribuiu a importância à acção “undergo” (= “devem ser submetidos”), optando por transformar a passiva problemática “be scheduled” num complemento circunstancial de modo (“mediante agendamento prévio”).

A revisora do projecto também aproveitou esta reestruturação; no entanto, reformulou a segunda parte da frase tornando-a, na minha opinião, melhor e mais clara. A expressão “mediante agendamento prévio” pode ser substituída por “programada”, pois é precisamente isso que o agendamento prévio de uma cirurgia implica: a sua programação. Além disso, é essa a expressão normalmente utilizada no contexto médico, sobretudo em oposição a situações de cirurgia de urgência. Com a solução da revisora, ficamos também com uma frase mais simples, atributo que, como observei anteriormente, é de grande importância neste tipo de tradução.

Porém, encontrei segmentos já traduzidos para PB que não contribuíram para que avançasse mais facilmente no meu trabalho. Apresento agora um excerto em que a tradução para PB me pareceu pouco conseguida, mesmo atendendo ao facto de, em si, ser um excerto difícil de reproduzir em Português correcto. Neste excerto, não foi fácil conseguir o distanciamento necessário da língua de partida para que esta não transparecesse no TCh, conferindo a este último, consequentemente, um aspecto de texto traduzido:

**Segmento 136**

EN	A tripping hazard exists if the AC power cord is not protected from foot traffic.
PB	Existe risco de tropeços se o fio da alimentação CA não estiver protegido do tráfego de pessoas.
PE	Se o cabo de alimentação CA estiver em locais de passagem, pode correr o risco de tropeçar nele.
Rev.	Se o cabo de alimentação CA estiver em locais de passagem, pode correr o risco de tropeçar nele.

É importante começar por ressaltar que, neste excerto, o próprio texto em Inglês não se apresenta especialmente bem escrito, pelo que não é tão propício a uma fácil tradução. No entanto, a tradução para PB é totalmente literal, o que torna a frase estranha e pouco natural. “[R]isco de tropeços” pareceu-me, ao ler a tradução, uma construção algo invulgar, ainda que, semanticamente, faça sentido. Talvez tenha sido, mais especificamente, a palavra “tropeços”<sup>22</sup> que me fez rejeitar este sintagma, por não poder ser aplicada neste contexto em PE. O que se pretendia aqui seria “tropeçamento”<sup>23</sup>, palavra que, apesar de tudo, não tornaria este sintagma muito menos estranho, ainda que o tornasse semanticamente correcto. A tradução “tráfego de pessoas” para “foot traffic”, apesar de não ser 100% literal, não deixa, também, de resultar pouco natural.

Por este motivo, e apesar da pouca experiência que tinha, pareceu-me que seria pertinente uma reestruturação da frase para que esta se tornasse mais natural e correcta em termos semânticos. Depois de considerar várias alternativas, acabei por deixar a minha tradução deste excerto como agora a apresento, ainda que não a considerasse totalmente

<sup>22</sup> Os Dicionários da Língua Portuguesa online Infopédia e Priberam ambos definem “tropeço” como “aquilo em que se tropeça”, pelo que esta não é a palavra que se pretende aqui.

<sup>23</sup> Os dicionários mencionados na nota anterior definem “tropeçamento” como “acto ou efeito de tropeçar; tropeção”, pelo que me parece que, mantendo a estrutura da tradução de PB, esta seria a palavra correcta a utilizar neste caso.

satisfatória: “pode correr o risco de tropeçar nele” soava-me ainda algo informal, mas foi a melhor solução que encontrei para transmitir a informação de forma clara e natural. A revisora pareceu concordar com a minha escolha de tradução para este excerto, não lhe tendo acrescentado correcções ou sugestões.

Como tenho vindo a mencionar, a tradução para PB foi-me disponibilizada como mero apoio para a minha tradução, pelo que não teria de segui-la em quaisquer circunstâncias. Além disso, houve uma quantidade significativa de texto que teve de ser traduzido sem recurso a uma possível pré-tradução para PB, visto que aquela não correspondia exactamente ao texto do TP que me coube traduzir.

Apresento agora um exemplo de um segmento que tive de traduzir de raiz e cuja tradução considere, na altura, bastante satisfatória. O excerto corresponde à legenda de uma imagem que mostra o aspecto do monitor do sistema de laser quando este está a emitir um feixe de laser. Como contexto adicional, será também importante referir que a emissão do feixe de laser é accionada pressionando um pedal que, quando libertado, a interrompe.

### Segmento 992

EN	Display panel when system is emitting. The red Laser Emission banner indicates emission and is present whenever the footswitch is pressed.
PE	Aspeto do painel de visualização quando o sistema está em processo de emissão de laser. O <i>banner</i> vermelho <i>Laser Emission</i> (Emissão de Laser) indica que a emissão está em curso e é exibido sempre que o pedal estiver pressionado.
Rev.	Aspeto do painel de visualização quando o laser está a emitir. O <i>banner</i> vermelho <i>Laser Emission</i> (Emissão de Laser) indica que a emissão está em curso e é exibido sempre que o pedal estiver pressionado.

Reflectindo agora sobre o meu trabalho neste segmento, continuo a considerar satisfatória a forma como o traduzi. Acrescentei informação que não estava no original (“Aspeto do painel de visualização...” em vez de apenas “Painel de visualização...”; “...em processo de emissão de laser.” em vez de apenas “...a emitir.”) e que, a meu ver, tornava a frase mais clara e mais fluida. Agora, apenas a primeira alteração (“Aspeto do painel de visualização...”) parece tornar a frase mais fluida. Tive dúvidas quanto a uma possível tradução da palavra “*banner*” (tal como “barra”, por exemplo, visto que se refere a uma barra vermelha com o texto “*Laser Emission*” por cima, a preto); acabei por não utilizá-la por já se encontrar em memória de tradução o termo “*banner*”.

Não tive dúvidas, naturalmente, de que o termo em Inglês “*Laser Emission*” deveria ser mantido, visto que o *software* do sistema, muito provavelmente, não seria traduzido, sendo por isso essas as palavras que surgiriam no ecrã e, conseqüentemente, na figura à qual este texto serve de legenda. Por essa razão, deixei o termo em Inglês, seguido de uma tradução para Português entre parêntesis, como é prática corrente neste tipo de situação.

Relativamente à revisão deste excerto, a revisora concordou com a minha tradução, excepto no final da primeira frase, cujo segmento “...quando o sistema está em processo de emissão de laser” foi alterado para “...quando o laser está a emitir”. Sob um olhar mais atento, entendo que a minha solução talvez tenha sido demasiado complexa e longa para o que se pretendia que fosse uma legenda. No entanto, não posso concordar plenamente com esta correcção por me parecer que, de certo modo, a frase fica incompleta. Um leitor mais atento poderia perguntar-se “O laser está a emitir o quê?”; “Não é o laser que é emitido?”. E estas seriam perguntas válidas. Apesar de este ser um pequeno detalhe, talvez agora, com algum distanciamento do texto, sugerisse a seguinte tradução: “Aspetto do painel de visualização quando o laser está a ser emitido”.

Em contraste com a tradução que acabei de analisar, apresento em seguida um excerto cuja tradução, por mim efectuada, questiono agora por me parecer pouco clara. Nesta parte do manual, explicam-se os procedimentos necessários para formar padrões de corte na córnea. Uma vez escolhido um padrão, este poderá ser posicionado e posteriormente rodado para se ajustar ao local do olho onde a incisão é necessária. O segmento seguinte explica como se pode fazer rodar o padrão escolhido:

**Segmento 807**

EN	Hold down the clockwise (CW) or counterclockwise (CCW) button to attain the desired rotation angle.
PB	Pressione e segure o botão de sentido horário (CW) ou o de sentido anti-horário (CCW) para obter o ângulo de rotação desejado.
PE	Mantenha pressionado o botão para rodar no sentido dos ponteiros do relógio (CW) ou no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio (CCW) para obter o ângulo de rotação desejado.
Rev.	Mantenha pressionado o botão para rodar no sentido dos ponteiros do relógio (CW) ou no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio (CCW) para obter o ângulo de rotação desejado. <sup>24</sup>

<sup>24</sup> No documento final que incluía a revisão, este excerto foi assinalado a amarelo pela revisora, provavelmente pelas razões que refiro em seguida, na crítica deste segmento.



Este segmento apresentava várias dificuldades de tradução, começando pela tradução da expressão “clockwise or counterclockwise button”. A tradução mais comum para “clockwise” e “counterclockwise” é, respectivamente, “no sentido dos ponteiros do relógio” e “no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio”, expressões que são extensas e tornam a frase muito longa. Na altura, a solução da tradução de PB para este problema não me pareceu adequada para PE, nomeadamente por me dar a sensação de ser uma tradução algo literal. Por esse motivo, optei por utilizar as expressões que referi, mesmo apesar de o resultado ser uma frase extensa.

Agora, já durante a minha reflexão, verifiquei novamente que as expressões “sentido horário” e “sentido anti-horário” aparecem, de facto, em dicionários *online*, não necessariamente ligadas apenas ao PB<sup>25</sup>. Já na versão em papel do dicionário da Porto Editora e no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, não existem verbetes para “anti-horário” e o verbe para “horário” não apresenta nenhuma definição relacionada com o sentido dos ponteiros do relógio. Por outro lado, em dicionários marcadamente brasileiros, tais como o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* ou o *Novo Aurélio - O Dicionário da Língua Portuguesa*, podemos encontrar verbetes cuja definição coincide com o pretendido tanto para “sentido anti-horário” como para “sentido horário”, ou mesmo apenas para “anti-horário”.

Em termos de espaço ocupado, as expressões “sentido horário” e “sentido anti-horário” estariam mais próximas do TP e tornariam a frase mais curta e, conseqüentemente, menos complexa, pelo que seriam uma boa opção neste caso. No entanto, na falta de consenso plenamente fiável em termos da possível utilização ou não destas expressões em PE, o mais indicado seria manter as primeiras expressões sugeridas, ainda que mais longas.

O segundo problema que se prende com esta questão foi o de “clockwise” e “counterclockwise” serem, no TP, adjetivos que qualificam “button”. A tradução por “botão de sentido dos ponteiros do relógio” e “botão de sentido contrário ao dos ponteiros do relógio” estava fora de questão. Assim, acabei por reformular um pouco a frase: “...o botão para rodar no sentido dos ponteiros do relógio...”. Apercebo-me agora de que também esta solução não é ideal: à primeira vista, pode parecer que o que se pretende é manter um botão

---

<sup>25</sup> Nomeadamente no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (dicionário online que pode ser consultado em <http://www.priberam.pt/DLPO/>) ou na *Infopédia*, o dicionário em linha da Porto Editora (que pode ser consultado em <http://www.infopedia.pt/>).

pressionado para rodar no sentido dos ponteiros do relógio; e o leitor pode perguntar-se “que botão?” e “para rodar o quê?”. Estas questões são válidas. É necessária uma segunda leitura, com mais atenção, para perceber que o que se pretende com esta frase é explicar “como obter o ângulo de rotação desejado”, devendo por isso ser esta a oração central da frase.

Assim sendo, e na tentativa de ilustrar melhor o meu raciocínio, eis a tradução que proporia agora: “Para obter o ângulo de rotação desejado, mantenha pressionado o botão que permite rodar o padrão no sentido dos ponteiros do relógio (CW) ou o botão que permite rodá-lo no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio (CCW)”. Este início de frase, por oposição a “Mantenha pressionado o botão...”, parece-me mais fluido e mais natural do que o início de frase por que optei na altura. Além disso, a mensagem principal – “para obter o ângulo de rotação desejado” – estava demasiado distanciada do início. Esta nova solução torna ainda mais claro o que é que se roda ao carregar nos botões (o padrão), bem como o facto de que há dois botões: um que permite girar o padrão no sentido dos ponteiros do relógio e um que permite girá-lo no sentido contrário.

Por fim, uma questão que deve ser abordada é a das siglas “CW” e “CCW”, que se referem, respectivamente, a “clockwise” e “counterclockwise”. Introduzir a sua explicação entre parêntesis juntamente com a sigla – “(CW – *clockwise*)” –, tornaria a frase desnecessariamente mais longa (visto que, para o efeito que se pretende, não é propriamente necessário explicar o que a sigla quer dizer, tendo apenas o leitor de entender que o botão “CW” fará o padrão rodar no sentido horário e que o botão “CCW” fará o padrão rodar no sentido anti-horário). A introdução de uma nota de tradutor estava fora de questão para um texto deste tipo, havendo uma pré-formatação que devia, na medida do possível, ser respeitada. Acabei, por isso, por deixar as siglas tal como estas surgiriam no sistema sem explicar o que queriam dizer por me parecer que tal poderia confundir o leitor, mais do que deixá-lo esclarecido. Esta opção continua a parecer-me a mais acertada, pese embora o facto de se deixarem pormenores por explicar ao leitor.

Na fase de revisão, a revisora não fez alterações à minha tradução deste segmento. No entanto, o excerto foi assinalado, muito provavelmente para que o especialista que faz a revisão final pudesse prestar-lhe especial atenção. Como já referi, o cliente em causa faz a sua própria revisão depois de a tradução lhe ser enviada, tendo, para isso, um especialista revisor. Acabei por não conhecer a versão final deste excerto após a revisão do cliente, pelo que não sei que solução poderá este ter encontrado, ou mesmo se terá aceite a tradução que foi enviada pela Traversões.

Apresento agora um aspecto curioso, específico deste tipo de texto, que me parece relevante referir como exemplo das dificuldades que tive em relação ao vocabulário técnico: existem palavras que, mesmo num contexto técnico muito específico, podem ter vários significados diferentes ou ser traduzidas de mais do que uma forma. Um bom exemplo que posso apresentar com base neste trabalho é o da palavra “clear” e derivadas. Eis alguns exemplos de ocorrências de palavras deste campo lexical no meu TP:

- “treatment may not proceed until the error is **cleared**” – (o tratamento não pode prosseguir até que o erro seja **removido**);
- “until the fault condition has been **cleared**” – (até que o problema seja **resolvido**);
- “if additional patient **clearance** is needed” – (caso seja necessário mais **espaço** para o doente);
- “flammable materials should be kept **clear** of the immediate area surrounding the laser aperture” – (materiais inflamáveis devem estar **afastados** do espaço próximo da abertura do laser).

Além desta polivalência semântica da palavra “clear” no próprio manual, a memória de tradução da Traversões para este cliente que me foi dada para consulta apresentava também inúmeras soluções tradutivas, nomeadamente: “eliminar”, “limpar”, “soltar” ou “nítido”.<sup>26</sup>

Obviamente, uma vez encontrada a tradução de uma palavra em determinado contexto, para assegurar a coerência intratextual, essa mesma solução deve ser mantida sempre que a palavra surja nesse mesmo contexto. Uma outra palavra que constitui um bom exemplo é “range”, que no próprio manual foi traduzida, em contextos diferentes, como “faixa”, “intervalo” ou “alcance”. No entanto, ainda que num mesmo contexto, uma palavra possa ser traduzida de formas diferentes, é impreterível manter sempre a coerência. Por exemplo, ao traduzir uma vez “applanation range” por “intervalo de aplanação”, tal solução deve ser mantida ao longo do texto, não devendo, pois, noutra ocorrência, a expressão surgir traduzida como “faixa de aplanação”, ainda que esta tradução também seja possível. Já “within range”, por exemplo, foi traduzido por “dentro do alcance”, visto que, aqui, a palavra “range” se apresentava num contexto completamente diferente.

Sabia já, naturalmente, que, dada a complexidade plurissignificativa da linguagem, mesmo em contextos que aspiram a um elevado grau de “objectividade” e controlo do sentido,

---

<sup>26</sup> A ausência de contexto para estes exemplos deve-se ao facto de que apenas pretendo mostrar os vários significados que a palavra poderia ter; o facto de que esta pode mudar de significado de acordo com o contexto em que é utilizada já foi suficientemente demonstrado nos exemplos imediatamente anteriores a estes.

uma palavra pode ser traduzida de diversas formas. O que pretendo demonstrar é como a polissemia também pode influenciar o trabalho de tradução. Aliada à utilização de uma memória de tradução, este foi, de facto, um factor condicionante do meu trabalho: se, por um lado, a memória de tradução é útil para confirmar a tradução de termos técnicos, por outro, pode tornar a pesquisa ainda mais demorada: uma maior variedade de traduções, regra geral, implica que cada tradução seja confirmada como válida ou não, sendo depois necessário apurar qual das traduções é mais adequada em determinado contexto. Naturalmente, não podemos limitar-nos a escolher a primeira solução com que nos deparamos na memória de tradução: é necessário verificar o contexto em que a palavra foi utilizada para entender se a tradução que nos é facultada pela memória é útil ou não em cada caso específico, o que não deixa de consumir algum tempo. No entanto, as vantagens da utilização de uma memória de tradução são inegáveis e esta não deixa de ser uma óptima forma de pesquisa, principalmente quando (como acontece neste caso) já se encontra adaptada ao cliente.

Debruçar-me-ei de seguida sobre particularidades que encontrei no PB enquanto traduzia, apresentando as diferenças que fui observando relativamente ao PE e que me pareceu pertinente discutir.

Não raras vezes, deparei-me com segmentos em PB que continham tradução literal de alguns elementos, sobretudo de preposições. Os segmentos que se seguem contêm exemplos disso.

### Segmento 382

EN	A typical incision <u>consists of</u> several tens of thousands micro-disruptions.
PB	Uma incisão <u>consiste de</u> dezenas de milhares de microdisrupções.
PE	Uma incisão típica <u>tem</u> várias dezenas de milhares de microdisrupções.
Rev.	Uma incisão típica tem várias dezenas de milhares de microdisrupções.

### Segmento 484

EN	The <u>camera focus for the video microscope</u> can be changed using the Focus controls.
PB	O <u>foco da câmara para o videomicroscópio</u> pode ser alterado usando os controles de foco.
PE	O <u>foco da câmara do videomicroscópio</u> pode ser alterado usando os controlos <i>Focus</i> (Foco).
Rev.	O <u>foco da câmara do videomicroscópio</u> pode ser alterado usando os controlos <i>Focus</i> (Foco).

No segmento 382, “consists of” foi traduzido para PB por “consiste de”. Em termos de regência, a preposição que, regra geral, se usa em PE neste contexto com o verbo consistir é “em”. De acordo com o sítio internet *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, “consistir de” pode ser utilizado em alguns casos, mas não é uma construção prestigiada por muitos falantes<sup>27</sup>. Relativamente à utilização desta regência no PB, o verbete para o verbo “consistir” no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* refere, e cito: “GRAM os puristas sugeriram que se evitasse o uso da prep. *de* regendo o objecto indirecto (*consistir de*), por galicística, preferindo no seu lugar *em*”. Daqui se depreende que a regência deste verbo pela preposição “de”, embora não aprovada por puristas, é, de facto, usada em PB.

De qualquer forma, optei por não traduzir o verbo literalmente para PE, como se pode observar no quadro correspondente, por me parecer que a mera substituição de “consists of” pelo verbo ter tornaria o texto mais simples e fluido.

O segmento 484 apresenta uma situação semelhante, mas talvez com maior potencial de criação de ambiguidade. De uma forma muito resumida, a preposição do texto inglês “for” foi literalmente traduzida para PB por “para”, quando, na realidade, o que se pretende no TP é fazer referência ao foco da câmara do videomicroscópio, como se pode observar no quadro. Estes são apenas dois dos vários exemplos de tradução “directa” que fui encontrando.<sup>28</sup>

Uma outra diferença notória entre PB e PE neste texto prende-se com a tradução ou não de siglas. Regra geral, em PB, todas as siglas foram pelo menos decodificadas. No entanto, a prática mais recorrente do tradutor de PB foi traduzir as palavras que descrevem a sigla quando estas surgem por extenso, mas deixar a sigla inglesa, mesmo quando a tradução para PB não corresponde às iniciais do Inglês. Em PE, a prática mais comum é, quando existe uma sigla equivalente, colocá-la entre parêntesis a seguir à tradução do termo; caso não exista uma sigla equivalente em PE, uma das possíveis soluções é colocar a expressão em Inglês em itálico e a sigla inglesa, seguidas da tradução para Português entre parêntesis. No caso do manual em análise, todas as expressões e respectivas siglas tinham equivalentes em PE, o que simplificou o meu trabalho. Será mais fácil compreender esta diferença observando os seguintes segmentos, que contêm dois exemplos:

---

<sup>27</sup> Para informações mais detalhadas no sítio Internet *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, consultar <http://www.ciberduvidas.pt/resposta.php?id=6490>.

<sup>28</sup> Outros exemplos, ainda que descontextualizados, de tradução literal/“emprestada” no texto de PB incluem a tradução de “arranged” por “arranjados” (em PE, “dispostos” ou “organizados”), de “proceed with” por “proceder com” (em PE, “continuar com”) e de “common mode” por “modo comum” (em PE, “modo normal”).

**Segmentos 1199 e 1201**

EN	<b>Nominal Optical Hazard Distance (NOHD)</b>  (...) The NOHD is computed in terms of the Maximum Permissible exposure (MPE) allowed into the eye.
PB	<b>Distância nominal de risco óptico (NOHD)</b>  (...) O NOHD é computado em termos de Exposição máxima permissível (MPE) tolerável para os olhos.
PE	<b>Distância nominal de risco óptico (DNRO)</b>  (...) A DNRO é calculada de acordo com a Exposição Máxima Permissível (EMP) tolerada pelo olho.
Rev.	<b>Distância nominal de risco óptico (DNRO)</b>  (...) A DNRO é calculada de acordo com a Exposição Máxima Permissível (EMP) tolerada pelo olho.

Como se pode observar, o tradutor de PB optou por deixar as siglas em Inglês, mesmo não correspondendo estas às iniciais do texto traduzido: “Distância nominal de risco óptico<sup>29</sup> (NOHD)” e “Exposição máxima permissível (MPE)”. Pelo contrário, uma vez que em PE são reconhecidas as siglas equivalentes na nossa língua, são essas as que figuram na minha tradução: “Distância nominal de risco óptico (DNRO)” e “Exposição Máxima Permissível (EMP)”.

A próxima particularidade linguística sobre a qual me parece relevante reflectir é a das estruturas passivas típicas da língua de partida em questão, particularmente em textos de cariz técnico. Segue-se um exemplo de uma frase passiva retirada do meu TP. Convém ressaltar que este segmento inicia um novo subcapítulo do manual com o título “*Procedure Completion*” (“Conclusão do Procedimento”).

<sup>29</sup> Note-se que, provavelmente, o tradutor de PB ainda não terá usado o novo acordo, pelo que no seu texto ainda se encontrava a grafia antiga para “ótico”.

### Segmento 1000

EN	A message will be displayed indicating the completion of the procedure.
PB	Uma mensagem será exibida indicando a conclusão do procedimento.
PE	Será exibida uma mensagem indicando a conclusão do procedimento.
Rev.	A conclusão do procedimento é indicada pela apresentação de uma mensagem.

Como facilmente se pode observar, a tradução de PB segue a estrutura do Inglês, começando a frase pelo sujeito da passiva, algo que, neste contexto em que o agente da passiva é suprimido, não é natural em PE.

Como já mencionado, este tipo de construção sintáctica é bastante natural em Inglês e, tanto quanto consegui apurar, é comum ser seguida em PB. Ao longo do manual deparei-me com várias estruturas análogas a esta, havendo sempre uma “colagem” por parte do PB a tal estrutura.

Naturalmente, o meu instinto foi alterar esta construção da frase para algo que se tornasse mais natural em PE. Para isso, pareceu-me que bastaria inverter as posições do sujeito da passiva e do verbo: em vez de “Uma mensagem será exibida”, traduzi por “Será exibida uma mensagem”, estrutura normalmente utilizada em PE nestes casos.

No que toca à revisão do excerto, este é um excelente exemplo do pensamento funcionalista posto em prática: em nome da adaptação à língua e cultura de chegada, a revisora optou por uma completa reestruturação da frase que, a meu ver, lhe conferiu uma naturalidade ainda maior em PE. Este é também um bom exemplo da minha ainda pouca experiência na altura da tradução do manual, que não me permitiu pensar neste tipo de soluções para estruturas fráscas desta natureza.

Ainda da análise deste excerto podemos, novamente, depreender a maior literalidade tradutiva do PB e a forma como este se deixa influenciar muito mais por outras línguas, comparativamente ao PE.

Em seguida, apresentarei algumas observações sobre um outro aspecto deste tipo de textos instrutivos e descritivos: a utilização de tempos verbais no Presente e/ou no Futuro do Indicativo para descrever o resultado de acções. Vejamos o seguinte segmento:

**Segmento 748**

EN	A low vacuum level applied to the PI gently fixates the eye to the contact lens.
PB	Um nível de vácuo baixo aplicado à interface do paciente fixará suavemente o olho à lente de contato.
PE	Um nível baixo de vácuo aplicado à interface do doente junta suavemente o olho à lente de contacto.
Rev.	Um nível baixo de vácuo aplicado à interface do doente fixará suavemente o olho à lente de contacto.

A título de contextualização, convém explicitar que este segmento surge no seguimento da descrição das várias fases do processo cirúrgico: o doente deve ser imobilizado, devem definir-se alguns parâmetros necessários para a cirurgia e, em seguida, o sistema de laser executará vários processos, de entre os quais a aplicação de vácuo para fixar a lente de contacto que será introduzida (fase em que surge, então, o segmento que apresento como exemplo). Na frase em Inglês, é utilizado o *Present Simple* (“fixates”); nas frases precedentes e subsequentes a esta, em que se descreve todo o processo cirúrgico, regra geral, continua a ser utilizado o Presente no TP.

Em PB, para traduzir esta situação de causa-efeito, foi utilizado o Futuro do Indicativo: “fixará”. Verifiquei que, ao longo do manual, o mesmo se verifica nos segmentos que precedem e antecedem este, e em segmentos com uma função e contexto semelhantes. Não consegui apurar se esta é a regra geral em textos técnicos deste tipo em PB por não dispor de mais textos que me permitissem constituir um *corpus* fiável, por isso limito-me a descrever o observado neste manual.

Já em PE, parece-me possível uma tradução de “fixates” pelo Presente do Indicativo, mas também pelo Futuro. A minha experiência posterior em tradução confirmou que ambos os tempos verbais podem ser utilizados, embora, regra geral, haja uma preferência pelo Futuro em casos em que o TCh deve ser mais formal e técnico. Na altura, pareceu-me mais acertado utilizar o Presente neste segmento – “junta” (neste caso, no processo de tradução, optei por não manter o verbo fixar, decisão que agora me parece pouco acertada e que foi alterada pela revisora) –, bem como em segmentos semelhantes.

Confirmei que em todos os casos deste género, tal como no exemplo apresentado no quadro acima, a revisora alterou a minha tradução, conjugando os verbos no Futuro. Agora, com alguma experiência mais, reconheço que, embora possa utilizar-se o Presente do



Indicativo nestes casos, a utilização do Futuro torna o texto mais formal e que, apesar de esta não ser uma adaptação necessária, é suficiente para se notar uma diferença de registo. Por essas razões, compreendo e aceito a opção da revisora.

Relativamente às diferenças entre as variantes do Português, este é exemplo de um caso em que a tradução de PB se verificou não ser tão literal quando comparada com o TP, contrariando a tendência que, até agora, se tinha vindo a desenhar na comparação com a minha proposta de tradução deste manual para PE.

Considero relevante também deixar uma nota relativamente à utilização de unidades de medida. Contrariamente aos aspectos sobre os quais tenho vindo a debruçar-me, não se trata de um ponto de divergência entre as duas variantes do Português, mas antes de mais um ponto em comum, visto que ambas as variantes se regem pelo mesmo sistema. No entanto, vale a pena realçar que as unidades de medida são mais um aspecto a ter em atenção ao traduzir, sobretudo se a cultura de partida não utilizar o sistema métrico. Este era precisamente o caso do meu TP, que foi produzido num dos poucos países que não adoptaram o sistema internacional de unidades de medida: os Estados Unidos. Por essa razão, cabe também ao tradutor, como parte do processo de pesquisa, descobrir como e em que situações fazer as conversões de unidades e valores.

Contudo, é importante referir que, mesmo assim, o TP indicava os valores correspondentes no sistema internacional. Como exemplo, transcrevi o seguinte segmento do texto:

**Segmento 997**

EN	Grasp the delivery system objective and raise it 1 to 2 inches (25-50 mm) to remove the patient from the surgical field.
PB	Segure a objetiva do sistema de aplicação e levante-a de 2,5 cm a 5 cm para remover de forma segura o paciente do campo cirúrgico.
PE	Segure a objetiva do sistema de aplicação e levante-a de 2,5 cm a 5 cm para retirar o doente do campo cirúrgico.
Rev.	Levante a objetiva do sistema de aplicação 25 – 50 mm para retirar o doente do campo cirúrgico.

Finalmente, e considerando que, tal como foi dito, a terminologia constitui um elemento de extrema relevância em textos técnicos, apresento algumas observações relativas às diferenças de terminologia técnica que pude observar no manual entre as duas variantes da Língua Portuguesa em causa.

Ao começar a traduzir, deparei-me de imediato com uma diferença em termos de terminologia no título do documento: “*Operator’s Manual*”, em PE, regra geral, traduzido por “Manual do Utilizador”, em PB estava traduzido por “Manual do Operador”. Assim, resolvi proceder a um levantamento de vocabulário e terminologia técnica que ilustrasse como as duas variantes diferiram no documento em questão. Consegui definir várias categorias ilustradas com exemplos retirados do TP e dos TCh, que passo a apresentar.

O maior número de exemplos prende-se com vocabulário que o PB parece traduzir muito mais literalmente, podendo mesmo classificar-se como decalque do Inglês: há uma adaptação do termo do TP à língua de chegada, sendo que esta adaptação acaba por ser uma espécie de estrangeirismo traduzido à letra. O decalque ou tradução literal de terminologia verifica-se em substantivos, verbos e adjectivos. O seguinte quadro apresenta os resultados mais relevantes que encontrei em que há um decalque por parte do PB e, em contraste, um termo traduzido em PE.

Quadro 7: Exemplos de terminologia do PB com uma tradução mais literal ou por decalque

Inglês	Português do Brasil	Português Europeu
<b>Substantivos</b>		
centration	centração	centragem
connection	conexão	ligação
decentration	descentração	descentragem
operation (of the laser)	operação (do laser)	funcionamento (do laser)
patient <sup>30</sup>	paciente	doente
<b>Verbos</b>		
(to) access	acessar	aceder
(to) monitor	monitorar	controlar
(to) save	salvar	guardar
<b>Adjectivos/Particípios Adjectivais</b>		
connected	conectado	ligado
disabled	desabilitado	desativado
enabled	habilitado	ativado
<u>fine</u> adjustment	ajuste <u>fino</u>	ajuste <u>de precisão</u>

<sup>30</sup> Em PE, ambas as traduções, “paciente” ou “doente” são aceites. No entanto, ao longo do estágio, notei uma preferência generalizada dos clientes da área da Medicina pelo termo “doente” como tradução de “*patient*”.

Este quadro vem também reforçar a ideia que tenho vindo a criar na minha análise de que o PB apresenta uma tendência de literalidade na tradução mais vincada do que o PE.

Além dos referidos, encontrei também alguns exemplos em que o PB procedia a um empréstimo da terminologia do TP, sendo esta transposta do Inglês, sem ser traduzida ou adaptada. É de realçar que, nestes casos em PB, a palavra era transferida para o TCh, não lhe sendo atribuída qualquer característica que permitisse distingui-la como palavra “estrangeira”. Em PE, as regras definem que uma palavra estrangeira utilizada no TCh, regra geral, deve ser colocada em itálico. O próximo quadro apresenta os principais exemplos desse caso:

Quadro 8: Exemplos de terminologia em que apenas o PB procede a empréstimo do TP

Inglês	Português do Brasil	Português Europeu
(the) console	(o) console	(a) consola
gantry	gantry	pórtico
logout	logout	encerrar sessão
mouse	mouse	rato
<u>serial</u> number	número <u>serial</u>	número <u>de série</u>
<u>status</u> indicator	indicador de <u>status</u>	indicador de <u>estado</u>

No entanto, também encontrei exemplos (embora escassos) do inverso: em PB, a terminologia era traduzida e o PE procedia a um empréstimo do TP, mantendo a(s) palavra(s) em Inglês. Nestes casos, e como já descrito, a palavra “emprestada” ficava no texto em itálico. Os dois únicos exemplos relevantes encontram-se no quadro abaixo:

Quadro 9: Exemplos de terminologia em que apenas o PE procede a empréstimo do TP

Inglês	Português do Brasil	Português Europeu
<u>interlock</u> connection	conexão de <u>travamento</u>	ligação <i>interlock</i>
hardware	mecanismo	<i>hardware</i>

Encontrei ainda terminologia que, tanto em PB como em PE, foi deixada em Inglês, sendo os dois únicos exemplos disso os termos *software* e *trackball*.

Observando todos estes dados, é possível concluir que, pelo menos neste contexto, o PB parece apresentar menos resistência a utilizar vocabulário estrangeiro, quer por empréstimo, quer por decalque. A decisão de efectuar empréstimos e decalques parece ser um pouco aleatória. No entanto, para tirar conclusões mais precisas, seria necessário ter um

*corpus* mais vasto. De qualquer das formas, é inegável que se observa uma maior “colagem” do PB ao TP na tradução deste manual, tal como é inegável que as diferenças entre as duas variantes de Português são notórias.

Para complementar a minha análise do léxico ao longo do manual, apresento ainda exemplos de casos em que, em vez de recorrerem a estratégias tradutivas de decalque ou de empréstimo, ambas as variantes apresentavam traduções para a terminologia, mas as traduções apresentadas diferiam entre as duas variantes. No quadro que se segue, transcrevem-se alguns que ilustram como o PE e o PB podem divergir, mesmo quando se trata de termos técnicos.

Quadro 10: Exemplos de terminologia cuja tradução difere entre PB e PE

Inglês	Português do Brasil	Português Europeu
display panel	painel de exibição	painel de visualização
footbrake	pedal de freio	travão de pé
power cord	fio de alimentação	cabo de alimentação
rocker switch	interruptor de balancim	interruptor basculante

Como forma de complementar as minhas observações relativamente aos contrastes do léxico entre as duas variantes, realço o artigo de 1994 de Luzia Helena Wittmann e Maria de Jesus Pereira intitulado “Português Europeu e Português Brasileiro: alguns contrastes”, particularmente a parte dedicada à comparação de textos técnicos (p. 620), de que passo a citar:

O total de formas lexicais em cada variante do *corpus* de textos técnicos [de que as autoras dispunham] é de 3.120 formas em PB e 3.107 em PE, somando 209 as formas contrastivas, o que corresponde a um percentual de 9,2%. (...) [E]liminadas todas as repetições (...) 79 formas eram contrastivas, correspondendo a 9,8%.

De acordo com o estudo das autoras, em textos técnicos, cerca de 10% do léxico apresenta contrastes entre PB e PE. Esta informação é corroborada por um estudo semelhante de Wittmann e Pereira em colaboração com Anabela Barreiro intitulado “Lexical differences between European and Brazilian Portuguese” (1995), em que se conclui que cerca de 11% do léxico técnico é constituído por palavras contrastivas (p. 21).

Com a sistematização que apresentei não pretendo, de forma alguma, estabelecer uma fonte segura de comparação entre as duas variantes do Português, sobretudo porque necessitaria de mais e melhores bases de fundamentação relativamente às diferenças entre o PB e o PE na linguagem técnica. Mas, tal como afirmam Wittmann, Pêgo e Santos no seu artigo intitulado “Português Brasileiro e Português de Portugal: algumas observações”, “poucos são os estudos que foquem especialmente o contraste [entre estas duas variantes da Língua Portuguesa]” (1995, p. 5).

No entanto, e com a crítica da minha tradução como pretexto, procurei explorar a intuição que tinha de que a tradução técnica do PB tende a ser mais literal, parecendo haver uma maior propensão desta variante à assimilação, sobretudo de estruturas sintácticas e de terminologia do Inglês. Não me foi possível encontrar documentação que confirmasse directamente esta teoria, apesar de já haver alguma bibliografia que confirma e sistematiza diferenças entre o PB e o PE. Espero, ainda assim, que a minha sistematização possa contribuir para que este tema seja futuramente desenvolvido.

## Conclusão

---

Neste trabalho procurei, num primeiro momento, expor as actividades realizadas no estágio curricular que efectuei no âmbito do Mestrado em Tradução e criar uma base teórica para uma análise e crítica, num segundo momento, da tradução técnica de maior volume que efectuei no estágio, com apoio numa tradução semelhante para PB. Partindo dessa análise, reflecti também sobre algumas das diferenças e semelhanças mais notórias que encontrei entre as duas variantes da Língua Portuguesa, aproveitando para realçar algumas vantagens e desvantagens da metodologia de trabalho híbrida que utilizei para traduzir – um trabalho que, para efectuar a minha tradução, implicou um processo contínuo de revisão do texto de apoio que me foi facultado.

O estágio curricular permitiu-me ter um primeiro contacto com o mundo “real” da tradução técnica. Considero que adquiri competências e experiência essenciais para o início da minha carreira como tradutora, tendo-se revelado fundamental para os passos que vim entretanto a dar no mundo da tradução. Em traços gerais, no estágio, melhorei as minhas capacidades de pesquisa, aprendi a gerir o tempo disponível para a realização de um projecto e a trabalhar com prazos variados, mas, sobretudo, comecei a pôr em prática, sob orientação, o que tinha aprendido ao longo do primeiro ano de Mestrado.

As bases que me foram proporcionadas pelos seminários do Mestrado em Tradução revelaram-se fundamentais, tanto para o estágio como para a elaboração deste Relatório. Apesar das importantes e diversificadas oportunidades de aprendizagem e reflexão facultadas em todas as unidades curriculares do Mestrado, destaco, considerando a sua relevância sobretudo no contexto da natureza técnica dos projectos de tradução levados a cabo durante o estágio, os conhecimentos adquiridos nos seminários de Teoria da Tradução, Tradução Inglês-Português e Técnicas de Composição Avançada e Redacção Técnica. A primeira disciplina permitiu-me estabelecer as bases daquele que viria a ser o meu método de tradução. A segunda permitiu-me aprofundar o campo da tradução técnica e pôr em prática os conhecimentos adquiridos na primeira em ambiente académico, preparando-me depois para os desafios com que me fui deparando no estágio. A última cultivou o interesse que já tinha pela Língua Portuguesa e motivou, de certa forma, a minha análise das duas variantes da Língua Portuguesa paralelamente à minha crítica de tradução. O seminário de Informática Aplicada e Terminologia também teve especial importância por me ter preparado para trabalhar num ambiente em que grande parte do processo de tradução está informatizado e por me ter posto

em contacto com a utilização de memórias de tradução – um instrumento de inegável utilidade para a tradução técnica, que permite ao tradutor adaptar-se às necessidades de cada cliente e, em muitos casos, reduzir o tempo de tradução de um documento.

Muitos advogam que a tradução não é uma ciência exacta e que, mais do que a mera transmissão objectiva de uma mensagem, está nela necessariamente implicada a subjectividade de quem a elabora e de quem a vai utilizar. A tradução do manual de utilizador que efectuei no contexto do estágio despertou a minha atenção para um novo lado desta subjectividade: dentro de uma mesma língua, é possível que a subjectividade incontornável de uma tradução seja ainda mais marcada pelas diferenças entre variantes dessa mesma língua. Assim, ao longo do processo de tradução, tive de ter em conta a tradução que me foi facultada e as suas particularidades, o que, como descrito, além de trabalho de tradução, implicou tarefas relacionadas com revisão.

Esta metodologia de trabalho acabou por se revelar interessante e prática, tendo-me permitido, em alguns casos, e aliada à memória de tradução já existente para o cliente, poupar tempo no decurso da minha tradução. Ainda que, não raras vezes, o texto em PB não tenha contribuído significativamente para o meu trabalho, acabou por ajudar-me a produzir a minha tradução com mais segurança.

Por outro lado, o meu processo de tradução talvez tenha acabado por ser inconscientemente afectado ao olhar para uma pré-tradução, ainda que esta contivesse inúmeras particularidades que não poderia transferir para o meu TCh. Porém, o balanço que faço deste trabalho de “revisão” é muito positivo, já que me permitiu fazer a ponte para uma reflexão sobre as características diferentes que uma mesma língua pode adquirir, consoante a cultura em que se insere.

Na crítica de tradução que empreendi relativamente ao meu TCh, identifiquei alguns erros e/ou escolhas menos acertadas, mas também boas soluções, corroboradas pela revisora. Muito mais haveria certamente para descrever e analisar. Porém, como não me era possível abranger a tradução na sua totalidade – maioritariamente devido ao seu volume e à complexidade das questões nela presentes – optei por enveredar por esta abordagem que, além de me permitir reflectir sobre o meu trabalho, me levou a aprofundar conhecimentos sobre a Língua Portuguesa, mais especificamente sobre como esta pode ser tão igual, mas tão diferente entre as suas duas variantes de PB e PE.

Relativamente ao produto final do meu TCh, não obstante algumas situações específicas em que a minha tradução poderia ter sido melhor, apesar de tudo, e tendo em conta a pouca experiência que tinha em projectos de grande dimensão e na área da tradução

técnica, julgo que o meu trabalho neste projecto teve um resultado de um modo geral satisfatório. Tendo em conta a análise que efectuei à minha tradução e a revisão posteriormente efectuada pela empresa, posso concluir que grande parte das escolhas menos acertadas que efectuei estão relacionadas com questões de estilo e, por vezes, explicadas pela minha inexperiência. Observei, em alguns casos, uma certa “colagem” ao original, em parte talvez por ter utilizado como base a tradução de PB, na qual, como procurei descrever, essa tendência é marcada.

A minha análise aponta, efectivamente, no sentido de que o PB parece ter uma tendência para uma tradução muito mais literal, manifestando uma plasticidade muito maior da língua: é um Português mais aberto à absorção de características de outras línguas, particularmente do Inglês, sobretudo em termos de léxico. As questões levantadas por esta constatação são muito interessantes e abrem-se em vários sentidos, que gostaria de poder, futuramente, investigar e explorar. No entanto, a quase inexistência de bibliografia especialmente direccionada para o assunto não me permitiu, neste trabalho, corroborar com fontes fiáveis esta minha observação.

Tendo em conta a polémica que a entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico de 1990 tem gerado, poderia ter sido também interessante retratar de que forma o novo acordo veio influenciar estas diferenças e se se chegou mais perto do objectivo de uniformização da língua que se pretendia com a adopção do acordo. As restrições de espaço que este Relatório implicava, bem como a redução a um documento como *corpus* da minha investigação, não me permitiram aprofundar também esse tema, embora esta fosse outra possível forma de desenvolver a tese apresentada.

Todavia, parece-me que estabelecer, entender e aceitar as diferenças e semelhanças entre as duas variantes da Língua Portuguesa pode contribuir para unificá-la mais do que um acordo que estabeleça uma ortografia comum. De acordo com a minha investigação, já têm vindo a ser dados passos, embora pequenos, no sentido de identificar tais diferenças e semelhanças e espero que este Relatório, ainda que aplicado apenas a um caso específico, possa, de alguma forma, contribuir para que este caminho continue a ser traçado.



## Fontes Consultadas

---

- Academia das Ciências de Lisboa. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Vol. I. Editorial Verbo, 2001.
- Aixelá, Javier Franco. “An overview of interference in scientific and technical translation.” *Journal of Specialised Translation*, Janeiro de 2009: 75-87.
- . “The study of technical and scientific translation : an examination of its historical development.” *Journal of Specialised Translation*, Janeiro de 2004: 29-49.
- Anjos, Margarida, e M. Baird Ferreira. *Novo Aurélio - O Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1999.
- Barreiro, Anabela, Luzia Helena Wittmann, e Maria de Jesus Pereira. “Lexical Differences Between European and Brazilian Portuguese.” *Linguatca*. Janeiro de 1995.  
<http://www.linguatca.pt/Repositorio/Barreiroetal95.pdf>.
- Byrne, Jody. “Are Technical Translators Writing Themselves out of Existence?” In *The Translator as Writer*, de Ian Kemble (ed.), 14-27. Portsmouth: University of Portsmouth, 2010.
- . *Scientific and Technical Translation Explained: A Nuts and Bolts Guide for Beginners*. Manchester: St Jerome Publishing, 2012.
- . *Technical Translation: Usability Strategies for Translating Technical Documentation*. Dodrecht: Springer, 2006.
- Carmo, Félix do. “Saberes e Criatividade em Acção na Tradução Técnica.” *Génesis - Revista Científica do Curso de Tradução e Interpretação do ISAI*, Vol. n.º 4, 2004: 44-58.
- Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*. s.d. <http://www.ciberduvidas.com/> (acedido em Maio de 2014).
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)*. s.d. [www.priberam.pt/DLPO](http://www.priberam.pt/DLPO) (acedido em Maio de 2014).
- Dicionário Universal da Língua Portuguesa*. Lisboa: Texto Editora, Lda, 1995.
- Dicionários Editora. *Dicionário da Língua Portuguesa 2013 - Acordo Ortográfico*. Porto Editora, 2012.
- Guimarães, Eduardo. “A Língua Portuguesa no Brasil.” *Ciência e Cultura*, Abril/Junho de 2005.
- Herman, Mark. “Technical Translation Style: Clarity, Concision, Correctness.” In *Scientific and Technical Translation*, de Sue Ellen Wright e Leland D. Wright Jr. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1993.

- Hörster, Maria António. “Problemas de Tradução. Sistematização e exemplos.” *V Jornadas de Tradução. Tradução, ensino, comunicação*, 1999: 33-43.
- Houaiss, António, e Mauro de Salles Villar. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Printer Portuguesa, 2003.
- Infopédia - Enciclopédia e Dicionários Porto Editora*. s.d. [www.infopedia.pt](http://www.infopedia.pt) (acedido em Maio de 2014).
- “Interviews with Translation Professionals - Byrne Interview.” *Journal of Specialised Translation*. Julho de 2007. [http://www.jostrans.org/issue08/int\\_byrne.php](http://www.jostrans.org/issue08/int_byrne.php) (acedido em Janeiro de 2014).
- Maia, Belinda. “Ensinar como especializar-se.” In *Actas do V Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa - Novos Empregos para os Tradutores?*, 19-24. Porto: União Latina, 2002.
- Mira, Sílvia. *A Tradução Técnica: que tradutor? - Relatório final de estágio*. Tese de Mestrado, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011.
- Monteiro, Maria Goreti. “Uma década de tradução técnica.” *Génesis - Revista Científica do Curso de Tradução e Interpretação do ISAI, Vol. n.º 4*, 2004: 66-73.
- Munday, Jeremy. “Functional theories of translation.” In *Introducing Translation Studies - Theories and Applications*, de Jeremy Munday, 71-88. London; New York: Routledge, 2008.
- Newmark, Peter. “Non-literary in the light of literary translation.” *Journal of Specialised Translation*, Janeiro de 2004: 8-13.
- . “Technical translation.” In *A Textbook of Translation*, 151-161. Prentice Hall International, 1988.
- Nord, Christiane. “Loyalty and fidelity in specialised translation.” *Confluências - Revistas de Tradução Científica e Técnica*, 2006: 31-41.
- . “Functionalist Approaches.” In *Handbook of Translation Studies*, de Y. Gambier e L. Van Doorslaer, 120-128. Amsterdam: John Benjamin Publishing Co., 2010.
- . *Text Analysis in Translation. Theory, Methodology and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Traduzido por Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam: Rodopi, 1991.
- Pinchuck, Isadore. *Scientific and Technical Translation*. London: André Deutsch Ltd., 1977.
- Pym, Anthony. “Revue - Christiane Nord. Text Analysis in Translation. Theory, Method and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis.” *TTR: Traduction, Terminologie; Rédaction*, 1993: 184-190.

- Reiss, Katharina, e Hans Vermeer. *Fundamentos para una Teoría Funcional de la Traducción*. Traduzido por Sandra García Reina e Celia Martín León. Madrid: Ediciones Akal, 1996.
- Said, Fabio M. “Especialização do tradutor.” In *Fidus Interpres: a Prática da Tradução Profissional*, de Fabio M. Said, 95-104. São Paulo: edição do autor, 2010.
- Schäffner, Christina. “Skopos theory.” In *Encyclopedia of Translation Studies*, de Mona Baker (ed.), 235-238. London; New York: Routledge, 1998.
- Schubert, Klaus. “Positioning Translation in Technical Communication Studies.” *Journal of Specialised Translation*, Janeiro de 2009: 17-30.
- Tercedor, Maribel (et al.). “Images as part of technical translation courses: implications and applications.” *Journal of Specialised Translation*, Janeiro de 2009: 143-168.
- Vermeer, Hans J. “Skopos and Commission in Translational Action.” In *The Translation Studies Reader*, de L. Venuti, traduzido por A. Chesterman, 221-232. London: Routledge, 2000.
- Weiszflog, Walter. *Michaelis - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Brasil: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 2002.
- Wittmann, Luzia Helena, e Maria de Jesus Pereira. “Português Europeu e Português Brasileiro: alguns contrastes.” *Acta do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 1994: 613-627.
- Wittmann, Luzia Helena, Tânia Regina Pêgo, e Diana Santos. “Português Brasileiro e Português de Portugal: algumas observações.” *Linguatca*. 1995.  
<http://www.linguatca.pt/Diana/download/WittmannPegoSantosAPL95.pdf> (acedido em Maio de 2014).
- Wright, Sue Ellen. “The inappropriateness of the merely correct: stylistic considerations in scientific and technical translation.” In *Scientific and Technical Translation*, de Sue Ellen Wright e Leland D. Wright Jr., 69-86. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.
- Wright, Sue Ellen, e Leland D. Wright Jr. “Editors' remarks: technical translation and the american translator.” In *Scientific and Technical Translation*, de Sue Ellen Wright e Leland D. Wright Jr., 1-7. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.